



Qualidade do Espaço Público: Metodologias de Avaliação

Rodrigo Artur Coutinho Seixas

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura Paisagista

Orientador: Doutor Luís Paulo Almeida Faria Ribeiro

Júri:

PRESIDENTE: Doutora Ana Luísa Brito dos Santos Sousa Soares Ló de Almeida,
Professora Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa.

VOGAIS: Doutor Luís Paulo Almeida Faria Ribeiro, Professor Auxiliar do Instituto Superior
de Agronomia da Universidade de Lisboa;

Mestre Selma Beatriz de Almeida Nunes da Pena Baldaia, Assistente Convidada do Instituto
Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, na qualidade de especialista.

Agradecimentos

“É muito melhor lançar-se em busca de conquistas grandiosas, mesmo expondo-se ao fracasso, do que alinhar-se com os pobres de espírito, que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem numa penumbra cinzenta, onde não conhecem nem vitória, nem derrota.”

Theodore Roosevelt

Esta dissertação reproduz o resultado de um trabalho, e de um capítulo importante na vida e na minha formação como futuro Arquitecto Paisagista. É o culminar de cinco anos de trabalho essenciais para o meu desenvolvimento, e que permitiram adquirir conhecimentos e competências em Arquitectura Paisagista. No entanto, o mesmo não seria conseguido sem a ajuda e contributo de pessoas e entidades que se cruzaram neste caminho e aos quais é impossível não reconhecer o seu papel.

Em primeiro lugar à minha faculdade, Instituto Superior de Agronomia, por me ter formado.

Ao professor Luís Paulo Ribeiro, tenho de agradecer a colaboração nesta etapa, a ajuda e o conhecimento e a experiência que comigo partilhou.

À Arquitecta Monica Farina e à Arquitecta Designer Susana Figueiredo, a hospitalidade na CML, bem como a oportunidade que me foi dada ao partilhar esta experiência, e também toda a colaboração e orientação.

Um agradecimento especial aos que estiveram presente nestes últimos cinco anos e que acompanharam e viveram comigo o dia-a-dia. A Rita, à Lisa, ao Tiago, à Mariana e ao Godinho, pelos momentos bons, pelas risadas, pelas noites de trabalho no ISA, pelos devaneios em vésperas de apresentações, e por representarem a verdadeira amizade.

Aos amigos de sempre e para sempre, por estarem quando precisamos e por serem sempre a companhia perfeita e a família que escolhi.

À Sara, pelo apoio incondicional e por representar tudo o que de bom tem acontecido nestes últimos anos.

À minha família, por torcerem por mim e por terem sempre perguntas a colocar, e em especial a minha avó pela sua presença e companhia.

Aos meus pais por lutarem contra tudo e todos, por me oferecerem uma educação digna e adequada aos seus valores, pela sua compreensão nos momentos difíceis e pela sua paciência e perseverança. O meu obrigado.

Ao avô Raúl...

I. Resumo Português

A qualidade de vida nos ambientes urbanos é um reflexo da concepção de espaços públicos de qualidade. Valores associados aos conceitos de “identidade”, “sentido do lugar” ou até “público”, estão por vezes escondidos, esquecidos e ameaçados, não só pelos tempos árdusos, mas também pelo enfoque das entidades públicas e privadas em criar espaços icónicos que contribuam eficientemente para a visibilidade das cidades e dos países.

Vive-se numa época em que a preocupação pelo que é público por parte dos cidadãos é constante, e nesta medida, o seu papel é fundamental. Desta forma, e sobretudo em alturas difíceis, a sociedade escolhe o espaço público como sua voz. Assim, torna-se necessário que os espaços públicos sejam devidamente projectados e sobretudo bem planeados.

Partindo de uma análise teórica, o presente trabalho pretende demonstrar e identificar metodologias de avaliação capazes de avaliar de forma qualitativa as intervenções em espaço público, mas sobretudo serem aptas a encontrar problemas nunca antes diagnosticados. E neste aspecto o Arquitecto Paisagista possui papel preponderante, na medida em que trabalha para corresponder às expectativas e necessidades das populações sem qualquer exclusão de uso do espaço e de qualquer grupo social.

Desta feita, é apresentada uma proposta para o espaço público de uma zona da freguesia de Benfica, que pretende melhorar a qualidade do espaço público da área, tendo como base alguns dos critérios estabelecidos em metodologias estudadas, com o objectivo de contribuir para um desenho que considere as exigências dos cidadãos.

Palavras-chave: Espaço público, Projecto de Arquitectura Paisagista, Avaliação da qualidade, Metodologias.

II. Abstract Inglês

The quality of life in urban environments is a reflection of the concept of quality public spaces. Values associated with the concepts of "identity", "sense of place" or even "public" are sometimes hidden, forgotten and threatened not only by strenuous times, but also by the focus of public and private entities to create iconic spaces that help efficiently to the visibility of cities and countries.

We live in a time where citizens concern for what is public is constant, and to this extent, their role is crucial. This way, and especially in this difficult times, the society chooses the public spaces as his voice. As a consequence, it is necessary that public spaces are properly designed and particularly well planned.

Starting from a theoretical analysis, this thesis aims to demonstrate and identify methodologies able to assess qualitatively interventions in public space and above all to find problems never diagnosed before. Also the Landscape Architect has a leading role, since his work has to meet the expectations and needs of the population without exclusion of any use of space and any social group.

Thus, a proposal is presented to the public space of a zone of Benfica, designed to improve the quality of public space in the area, based on some of the criteria set out in studied methodologies, with the aim of contributing to a drawing consider the needs of citizens.

Keywords: Public Space, Landscape Architecture Project, Assessment of quality, Methodologies.

III. Extended Abstract

Public spaces are always the place of excellence and encounter for the communities. Despite all the changes that have occurred since the Ancient Greece or Rome, up to today, the public space is the venue for meeting, and for determining interpersonal relationships. Allows the formation of an aggregating and shared culture of the communities that use it.

With the rise of cities and populations, a result of the discovery of new forms of communication, such as automobile, came also the care about the social, economic and especially the environmental context in which we operate.

Despite the solutions brought by new forms of communication, it is important to return the city to the community. Thus, public space, as aggregator element of a city, gathers all the attention as a way to solve this disconnection, providing better quality choices.

The quality of life in urban environments is a reflection of the concept of quality public spaces. Values associated with the concepts of "identity", "sense of place" or even "public" are sometimes hidden, forgotten and threatened not only by strenuous times, but also by the focus of public and private entities to create iconic spaces that help efficiently to the visibility of cities and countries.

We live in a time where citizens concern for what is public is constant, and to this extent, their role is crucial. This way, and especially in this difficult times, the society chooses the public spaces as his voice.

Thus, it is necessary that public spaces are properly designed, insofar as they contribute to increased competitiveness of cities by enhancing the quality of life of those who use them, but also contributing to improve public health.

Starting from a theoretical analysis, this thesis aims to demonstrate and identify methodologies able to assess qualitatively interventions in public space and above all to find problems never diagnosed before. Also the Landscape Architect has a leading role, since his work has to meet the expectations and needs of the population without exclusion of any use of space and any social group.

Thus, a proposal is presented to the public space of a zone of Benfica, designed to improve the quality of public space in the area, based on some of the criteria set out in studied methodologies, with the aim of contributing to a drawing consider the needs of citizens, bearing in mind factors such as "competitiveness", "Sustainability", "Identity" and "public health problem".

IV. Índice

1 INTRODUÇÃO	1
2 OBJECTIVOS E METODOLOGIA	3
3 O ESPAÇO PÚBLICO	4
3.1. CONCEITO	4
3.2. EVOLUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO NO CONTEXTO EUROPEU	5
3.3. ELEMENTOS CONSTITUINTES DO ESPAÇO PÚBLICO	7
3.4. IMPORTÂNCIA DOS PARQUES URBANOS E FRENTES RIBEIRINHAS NA AVALIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO	10
3.5. IDENTIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO	13
3.5.1. Tipologias de espaço público	13
3.5.2. Elementos de informação	14
3.5.3. Elementos introduzidos nos Espaços Públicos da contemporaneidade	14
3.6. QUALIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO	15
3.7. CRITÉRIOS DA QUALIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO	15
3.8. CONCLUSÕES	26
4 METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO	27
4.1. <i>DIAGRAMA DO LUGAR (Project For Public Spaces, 2000)</i>	27
4.2. “O CHÃO DA CIDADE” (Brandão, 2002)	32
4.3. “ASSESSMENT OF THE URBAN PUBLIC PLACES IN MULTIDISCIPLINARY CONTEXT – PROPOSED METHODOLOGY” (De Herde, et al, 2012)	34
4.4. “LINKING THE QUALITY OF PUBLIC SPACES TO QUALITY OF LIFE” (Beck, 2009)	35
4.5. VANCOUVER PUBLIC SPACE NETWORK, 2012	36
4.6. SÍNTESE DA AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO	38
4.7. CONCLUSÕES	43
5 CASO DE ESTUDO- ZONA URBANA DE BENFICA EM LISBOA	44
5.1. LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO	44
5.2. FASES METODOLÓGICAS	45
5.3. CARACTERIZAÇÃO DA FREGUESIA DE BENFICA	45
5.3.1. Enquadramento Biofísico	45
5.3.2. Síntese Histórica	47
5.3.3. Evolução da Paisagem	48
5.3.4. PDM em vigor e Estrutura Ecológica	51
5.3.5. População	52
5.3.6. Habitação	53
5.3.7. Equipamentos e Serviços	53
5.4. DIAGNÓSTICO	54

5.5.	CONCLUSÕES PRELIMINARES.....	54
5.6.	ANÁLISE E DIAGNÓSTICO PAISAGÍSTICO DO CASO DE ESTUDO.....	55
5.6.1.	Estrutura verde	56
5.6.2.	Espaço público.....	57
5.6.3.	Tipologia do Edificado.....	58
5.6.4.	Usos do Edificado	59
5.6.5.	Diagnóstico	60
5.7.	PROPOSTA	61
5.7.1.	Objectivos	61
6	CONCLUSÃO	67
7	BIBLIOGRAFIA	68
ANEXOS		I
A.	Checklist dos critérios específicos, “O chão da Cidade”, Brandão (2002)	II
B.	Quadro síntese dos indicadores propostos, Balotta de Oliveira e O.Bitar (2009).....	IV
C.	Formulário do questionário de avaliação de uma praça, Araújo (2007).....	V
D.	Desenhos Técnicos	VII

V. Índice de Quadros

Quadro 1 - Tipologias de Espaços Públicos (Mora, 2009).....	8
Quadro 2 - Tipologias de Espaço Público. (CCDR-LVT, 2001)	9
Quadro 3 - Tipologias de Espaço Público. Fonte: Brandão, 2008	14
Quadro 4 - Critérios de espaço público. Fonte: Gemzoe Gehl (2006).....	16
Quadro 5 - Checklist dos critérios gerais. Fonte: Brandão, 2002	33
Quadro 6 - Indicadores da qualidade do espaço público. Fonte: Beck, 2009	36
Quadro 7 - Objectivos vs. Indicadores. Fonte: Vaz e Saraiva, (2007)	41
Quadro 8 - Checklist dos critérios gerais. Fonte: Brandão, 2002.	60

VI. Índice de figuras

Figura. 1 - Elemento para medição de qualidade ambiental urbana, (MORA, 2009). -----	5
Figura. 2 - Exemplo de espaços público de qualidade. Fonte: Google Images, 2014. -----	11
Figura. 3 - Acontecimentos históricos ajudam a criar identidade no espaço. Fonte: Google Images, 2014. -----	19
Figura. 4 - Permeabilidade. Fonte: Google Images, 2014. -----	20
Figura. 5 - Segurança, conforto e aprazibilidade. Fonte: Google Images, 2014. -----	21
Figura. 6 - Acessibilidade. Fonte: Google Images, 2014. -----	22
Figura. 7 - Inclusão Social. Fonte: Google Images, 2014 -----	23
Figura. 8 - Legibilidade. Fonte: Google Images, 2014. -----	23
Figura. 9 - Adaptabilidade. Fonte: Google Images, 2014. -----	24
Figura. 10 - Resistência Durabilidade. Fonte: Google Images, 2014. -----	24
Figura. 11 - Sustentabilidade. -----	25
Figura. 12 - Diagrama do Lugar. Fonte: PPS, 2012. -----	28
Figura. 13 - Matris Transversal. Fonte: Rychtáriková, M., Boland, P., Castiau, E., Godart, M-F., DeHerde, A., Hanin, Y., Martin, N., Meuris, C., Pons, T., Vermeir, G., Xanthoulis, S. (2008). -----	35
Figura. 14 - Quadro Pressão - Estado - Resposta. Fonte: Balotta de Oliveira e Bitar, 2008. -----	38
Figura. 15 - Localização da Freguesia de Benfica, Lisboa. Fonte: www.bing.com/maps/ , 2014 -----	44
Figura. 16 - Fases Metodológicas. Fonte: Autor, 2014. -----	45
Figura. 17 - Unidade de Paisagem da Cidade de Lisboa. Fonte: Adaptado do PDM de Lisboa. -----	46
Figura. 18 - Evolução da Estrutura de Benfica. Fonte: Autor, 2014. -----	49
Figura. 19 - Benfica em 1911. Fonte: Bases Silva Pinto. lxi.cm-lisboa.pt/lxi/ , 2014. -----	50
Figura. 20 - Estrutura de Quintas em Benfica em 1911. Fonte: Bases Silva Pinto. lxi.cm-lisboa.pt/lxi/ , 2014. -----	50
Figura. 21 - Plano Director Municipal em Vigor. Fonte: PDM CML – Câmara Municipal de Lisboa, Julho 2014. -----	51
Figura. 22 - Estrutura Ecológica Municipal de Lisboa. Fonte: PDM CML – Câmara Municipal de Lisboa, Julho 2014. -----	52
Figura. 23 - Caso de Estudo - Limites. Fonte: Autor, 2014 -----	55
Figura. 24 - Carta de Estrutura Verde (Anexo D). Fonte: Autor, 2014 -----	56
Figura. 25 - Carta de Espaço Público (Anexo D). Fonte: Autor, 2014 -----	57
Figura. 26 - Carta de Tipologia do Edificado (Anexo D). Fonte: Autor, 2014 -----	58
Figura. 27 - Carta de Usos do Edificado (Anexo D). Fonte: Autor, 2014 -----	59
Figura. 28 - Proposta esquemática. Fonte: Autor -----	62
Figura. 29 - Plano Geral. Fonte: Autor, 2014. -----	63
Figura. 30 - Inexistência de zonas de estadia em área verde de enquadramento. Fonte: Autor, 2014	64
Figura. 31 - Inexistência de marcas de estacionamento. Subaproveitamento do mesmo. Fonte: Autor, 2014 -----	64
Figura. 32 - Área de uso expectante. Fonte: Autor, 2014 -----	65
Figura. 33 - Triangulação. Fonte: Autor, 2014. -----	66

1

INTRODUÇÃO

Os espaços públicos têm uma importância crescente nas cidades e nas sociedades actuais. Actualmente, o espaço público é frequentemente posto em causa, e vê o seu lugar ameaçado pelo crescimento em massa de lugares que Josep Maria Montaner (2001) considera aguçar a sensibilidade do observador para com o espaço, e neste aspecto enumera três fenómenos que explicam resumidamente esta questão.

1. Espaços Midiáticos: onde o espaço físico deixa de ser notado quando o observador é exposto a uma nova percepção. Estes espaços são caracterizados por serem locais cheios de artifícios que permitem ao seu utilizador abstrair-se do lugar onde se encontra, “viajando” para outro criado pelo mesmo.
2. Não-Lugares: são espaços efémeros, onde é preservado o passageiro e o seu anonimato. Tem-se como exemplo um corredor, uma ponte, um avião ou passagem para peões, ou seja, são espaços ou lugares concebidos e pensados para uma única finalidade que é servir de ligação entre dois pontos pelo menor tempo possível.
3. Ciberespaços: são utilizados para projecções computadorizadas. É algo impalpável e impossível de alcançar, onde há criação de algo sem se partir para o espaço físico. Ex: Ferramentas de *software* como Autocad.

Estes três fenómenos enumerados são sedutores, porém apresentam uma série de contras, nomeadamente os “Não-Lugares” que também Remessar (2008) enumera, juntando os centros comerciais a esta lista. São sobretudo espaços onde se tenta introduzir conceitos como segurança e conforto, no entanto, são estes que tornam o espaço público mais vulnerável, pois encontra-se exposto a todo o tipo de acções, quer bióticas, quer abióticas, e aberto a tudo, nomeadamente à aceitação de todo o tipo de classe social, idade e aspecto.

A escolha por este tema teve como base o percurso académico e é o espelho daquilo que mais agradou enquanto discente de Arquitectura Paisagista. Possui também um papel importante no que ao planeamento e projecto em áreas urbanas, e acima de tudo, no que ao aspecto social diz respeito, mas também por representar uma actividade fundamental no desenho do espaço público com qualidade e que pode contribuir para um aumento da qualidade de vida, do ambiente, e das sociedades actuais.

Manifestou-se assim desta forma a vontade e a necessidade de consolidar o conhecimento sobre espaço público que se mostrou insuficiente e que era baseado em experiências pessoais e de certa forma, empíricas.

A estrutura escolhida para esta dissertação de mestrado divide-se em seis grandes capítulos, que correspondem ao subsequente:

O primeiro e segundo capítulo apresentam uma Introdução, onde é feita uma breve descrição, acerca do objectivo principal desta dissertação, bem como a justificação do tema, metodologia utilizada para a dissertação e a sua estrutura, respectivamente.

O terceiro, “Espaço Público”, procura encontrar um conceito para o termo, bem como da Qualidade do mesmo. Este conceito é patente por diversos autores que têm diferentes abordagens e posturas em relação ao tema. Procura-se também, demonstrar a importância do espaço público e a sua congruência na estrutura urbana.

O quarto capítulo, “Metodologias de Avaliação”, destina-se à exposição de diferentes abordagens acerca da avaliação da qualidade em espaço público. Foram seleccionadas quatro metodologias de avaliação, das mais variadas entidades e países que nos mostram de que forma e quais os métodos de avaliação que poderão ser implementados em qualquer projecto de execução, de requalificação ou recuperação.

O quinto capítulo, corresponde a um caso prático de estudo, no qual se pretende elaborar uma proposta para a área em estudo localizado em Benfica, tendo como base toda a informação apreendida no capítulo anterior.

O sexto capítulo, Conclusão, expõem os resultados obtidos da elaboração desta dissertação, bem como os benefícios retirados do mesmo. Neste capítulo são também feitas algumas observações, críticas e reflexões acerca das metodologias estudadas.

2

OBJECTIVOS E METODOLOGIA

Procurou-se com este trabalho, identificar algumas metodologias, que permitem avaliar a qualidade de espaço público, procurando numa primeira fase pesquisar de forma mais aprofundada, conceitos relativos à qualidade do espaço público, e as características que dele advêm que serviram de base para o caso de estudo e para a respectiva proposta. Uma pesquisa bibliográfica mais abrangente, permitiu fundamentar em termos teóricos, esta temática.

Numa segunda fase, procurou-se entender abordagens existentes, mas que na sua globalidade reforçam e defendem a ideia de que o espaço público representa algo que deve ser preservado e merecer um certo nível de atenção.

De forma a servir como exemplo e fundamentação, para uma possível contribuição para um desenho mais adequado para o espaço público e que preserve um aumento da sua qualidade. Para tal, foi seleccionado um caso prático de estudo, na freguesia de Benfica, Lisboa. O objectivo principal é a elaboração de uma proposta para o espaço público de um aglomerado urbano posteriormente definido.

3

O ESPAÇO PÚBLICO

3.1. CONCEITO

O Espaço Público constitui um conceito teórico difícil de traduzir, complexo e de árduo consenso. A sua percepção tem variado ao longo dos tempos. Embora resulte no mesmo acontecimento, o seu significado varia consoante os contextos geográficos, históricos, sociais e temporais onde este se insere. No entanto, apesar destas variantes, é possível constatar pontos comuns apoiados no senso comum bem apurado, baseados nos pensamentos de cada época.

O Espaço Público enquanto conceito, tem sido estudado e refinado ao longo dos tempos pelos mais variados autores. De forma genérica, espaço público consigna-se sobretudo ao espaço físico que pode ser usufruído e de livre acesso por parte do cidadão comum. É o local de encontro, de reunião e determinante nas relações interpessoais. O espaço público permite a formação de uma cultura agregadora e compartilhada das comunidades que o utilizam.

Existem várias abordagens por parte de diversos autores sobre o tema “espaço público” e neste sentido tentar-se-á procurar uma linha de pensamento comum entre os mesmos, que se sintetiza nos parágrafos seguintes.

Para Ascher (1995), o conceito teórico de espaço público aparece pela primeira vez em 1977, e agrupa todos os espaços verdes, as ruas pedonais, as praças, a valorização da paisagem urbana, e o mobiliário urbano.

Quanto a Young (1986) descreve o espaço público com algo físico e local de livre acesso, onde é possível a reunião e agrupamento de pessoas, resultando num convívio pacífico entre os diversos utilizadores.

Alves (2003), avança e detalha o conceito de que espaço público é baseado em cinco principais componentes, que são essenciais para a promoção e controlo dos direitos que o cidadão tem perante o usufruto do espaço público:

- i. Direito de acesso (físico, visual e simbólico)
- ii. Direito de fruição
- iii. Direito de propriedade
- iv. Liberdade de acção
- v. Transformação/alteração

No entanto, os espaços públicos urbanos devem sobretudo permitir que diversas faixas da sociedade se possam integrar, incentivando o encontro, a recreação, a estadia e o contacto (Mora, 2009).

Numa abordagem mais sociológica, espaço público é visto como o local onde se desenrola a interação do homem com outros indivíduos do seu “Habitat Natural” (Figura.1). São espaços que constituem elementos estruturantes e delineadores do desenho urbano, representando um papel importante na continuidade e funcionalidade do sistema da cidade, constituindo os espaços públicos “marcos de identidade da cidade”.

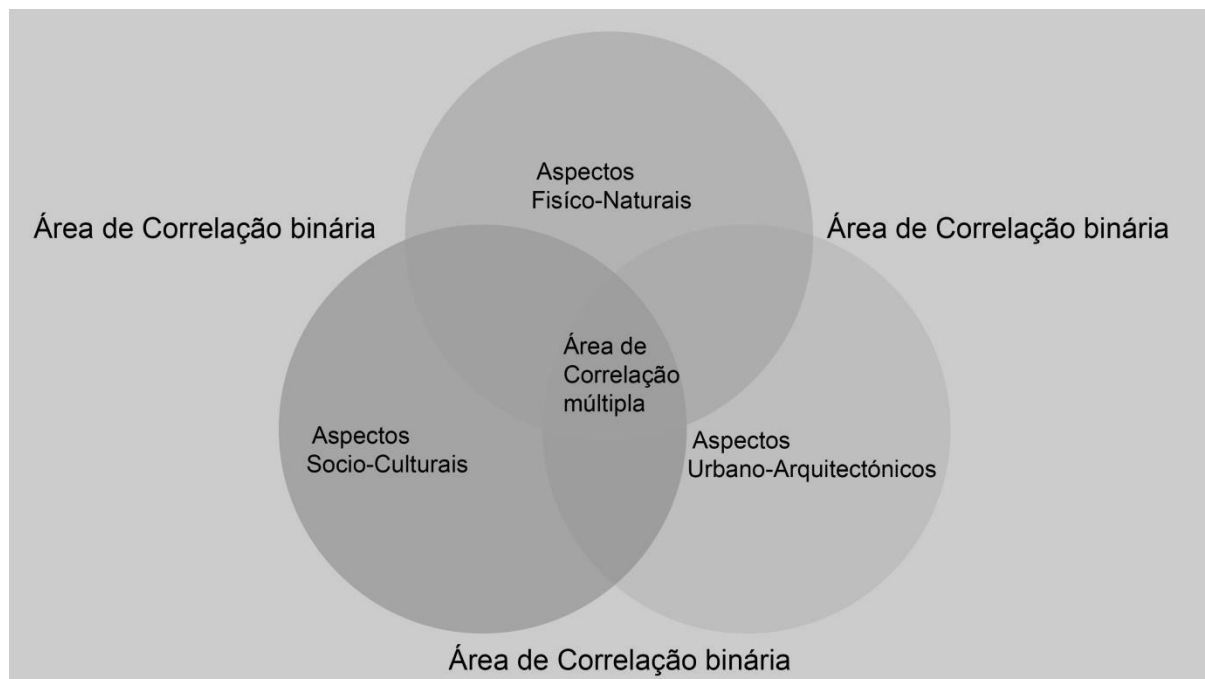


Figura. 1 - Elemento para medição de qualidade ambiental urbana, (MORA, 2009).

3.2. EVOLUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO NO CONTEXTO EUROPEU

Recuando no tempo, estes lugares assumiam-se como parte essencial da vida política, mas sobretudo da vida social. Na Grécia Antiga, a Ágora, elemento de espaço público, servia de local para as pessoas comunicarem e relacionarem-se umas com as outras. Este espaço tinha também carácter político, na medida em que nele eram debatidos os principais temas da sociedade de então. No fundo, o espaço público era o lugar onde se podia exercer a cidadania.

Ao invés das cidades da Grécia Antiga, na Idade Média as cidades eram delimitadas por enormes muralhas e possuíam um castelo e apenas a praça como elemento central que era ligada por ruas muito estreitas e deambulantes que permitiam aos invasores uma difícil orientação quando invadidas. Eram nestas praças que se realizavam algumas actividades religiosas e comerciais (Goitia, 2010). Assim o Espaço Público adquire grande importância, social e económica, numa época em que se dá a ascensão das burguesias às cidades europeias.

A partir do século XV a Cidade Renascentista tem início, e para alguns teóricos, esta é vista como a cidade ideal. Há semelhança das cidades da Idade Média, é protegida por muralhas que só eram rompidas aquando de um rápido crescimento da população ou quando alvos de algum ataque. Cidades como Florença ou Roma tinham como elemento principal a Igreja, localizada no centro, era o elemento mais imponente da cidade. Desta forma, a praça passa a ser o elemento central onde os principais monumentos são erguidos (Goitia, 2010).

O Barroco compreendido entre os séculos XVII e XVIII foi uma época caracterizada pela aplicação de três princípios fundamentais do espaço urbano. São eles a perspectiva, a linha recta e a uniformidade, permitindo desta forma, o desenho de uma malha urbana apoiada nos principais eixos e na grandiosidade dos seus edifícios, como é possível observar no desenho da baixa da cidade de Lisboa (Goitia, 2010). Estas características têm implicação no Espaço Público de maior monumentalidade. Surge por vezes, como forma de representação e festividades das classes distinguidas.

Com o desenvolvimento de novas tecnologias e do conhecimento científico, nomeadamente ao nível da saúde, dá-se por conseguinte num aumento demográfico, e um aumento da concentração da população nas cidades dando origem no século XIX à Revolução Industrial. Este grande aumento trouxe modificações no que à cidade diz respeito. A cidade e o espaço público passam a ser construídos e idealizados para usufruto da população (Goitia, 2010). É durante esta época que o jardim passa a ser visto como elemento importante do espaço urbano.

A ideia defendida pelo Modernismo, de que o espaço público deve ser orientado segundo uma função, origina espaços “mortos” e desfragmentados do resto da cidade. A ideia de uma cidade “pequena” demais não foi bem vista, e desta forma defendia-se um regresso ao que era natural.

Actualmente, as funções do espaço público focam-se sobretudo em componentes associadas ao lazer e recreio, resultado de uma sociedade pouco activa e sedentária que precisa de impulsionadores para se tornar mais pró-activa. Mas também em componentes relacionadas com a sua multifuncionalidade, onde a qualidade, o ambiente e a imagem oferecem ao espaço níveis elevados de conforto.

Torna-se desta forma importante e necessário, criar um conjunto de espaços denominados públicos, com capacidade de atrair não só a população, mas também turistas, capazes de visitar estes espaços não pela quantidade, mas sim pela sua qualidade que pode resultar da sua versatilidade, e neste ponto é imperativo que um conjunto de identidades como políticos, projectistas, planeadores, cientistas e a população trabalhem neste mesmo sentido.

3.3. ELEMENTOS CONSTITUINTES DO ESPAÇO PÚBLICO

O espaço público foi visto ao longo dos tempos, como local de eleição para actividades políticas, religiosas, comerciais. No entanto, esta imagem foi desaparecendo, possuindo agora funções e formas mais diversificadas, onde se incluem, praças, ruas, centros comerciais, áreas verdes e pequenos jardins (Zhang, 2010).

Os espaços públicos em zonas urbanas que permitem flexibilidade na sua utilização, multifuncionalidade, e que contribuem para a identidade cultural, e qualidade de vida dos seus utilizadores.

Na tentativa de se avaliar a qualidade dos Espaços Públicos de forma objectiva, são apresentadas duas classificações metodológicas.

Para Mora (2009), existem quatro grandes grupos de géneros de espaço público, onde se incluem a Praça, a Rua, o Parque e a Frente Ribeirinha ou “Frente de Água”. Caracteriza a praça como o primeiro destes quatro elementos a ter origem. Embora pertencendo ao mesmo fim, estes quatro princípios manifestam-se de formas diferentes, derivando do lugar onde estão inseridos

Refere ainda, a possibilidade de se poder acrescentar duas novas tipologias que nem sempre são exteriores, mas que cumprem muitas das características do que é o espaço públicos e dão resposta a várias das suas funções. São elas o Espaço Público Interior e o Espaço Público Exterior, conforme explanado no Quadro 1.

Quadro 1 - Tipologias de Espaços Públicos (Mora, 2009).

TIPOLOGIAS DE ESPAÇOS PÚBLICOS			
CATEGORIA	TIPOLOGIA	CONCEITO	SUBTIPOS
TRADICIONAIS	PRAÇAS	Testemunho da história e da cultura; espaço de referência que relaciona diferentes componentes da estrutura urbana.	Central, simbólica – cívica, corporativa, de mercado, de bairros, praça.
	PARQUES	Espaço destinado a recreio, a desporto, descanso e contacto com a natureza.	Nacional, central, desportivo, temático, estacionamento, cemitério e local.
	RUAS	Lugar fundamental para a mobilidade. Limita o público do privado. Local de encontro espontâneo.	Avenida, pedonal, acesso local, caminho, calçada.
	FRENTES DE ÁGUA	Franja costeira, último arruamento urbano com diversos serviços de apoio associados.	Protecção, comercio, intercâmbio, industrial, recreativo.
CONTEMPORÂNEAS	ESPAÇO PÚBLICO INTERIOR	Confinado entre edificado e equipamentos com certos níveis de controlo. Cumprem funções associadas ao tipo de população.	Átrios, pátios, áreas comuns, igrejas, teatros, casas culturais, edifícios patrimoniais, centros recreativos.
	ESPAÇO INFORMAL	Uso espontâneo de outro espaço, por inexistência ou condições precárias de desenho dos espaços tradicionais.	Escadas, corredores, paragens de transportes, vazios urbanos, parques de estacionamento, terrenos baldios, espaços residuais, etc.

Outra abordagem é dada pela CCDD-LVT, no documento “Critérios de Avaliação de Projectos de Desenho de Espaço Público”, onde engloba outras variantes para além das descritas por Mora.

É feita então uma descrição de cada componente do espaço público (Quadro 2), e onde se inserem elementos tais como:

- Parques Urbanos, Jardins Públicos e Áreas Ajardinadas de Recreio;
- Avenidas e Ruas;
- Praças, Largos, Pracetas, Terreiros e Recintos Multifuncionais;
- Espaços Canais, Vias Férreas, Auto-estradas e Vias Rápidas;
- Parques de Estacionamento;
- Margens Fluviais e Marítimas.

Quadro 2 - Tipologias de Espaço Público. (CCDR-LVT, 2001)

TIPOLOGIAS DE ESPAÇOS PÚBLICOS	
TIPOLOGIA	CONCEITO
PARQUES URBANOS	Espaços livres de grande dimensão, constituídos por áreas intercaladas por áreas de recreio, repouso, miradouros, fontes, tanques, etc.
JARDINS PÚBLICOS	Jardins de dimensão variada caracterizadas por áreas pedonais intercaladas com áreas ajardinadas de considerável dimensão. Possuem também área de recreio, de repouso, fontes, quiosques, etc.
ÁREAS AJARDINADAS DE RECREIO	Espaços residuais que promovam a integração de equipamentos, edifícios, infra-estruturas. São geralmente zonas verdes sem uso definido.
AVENIDAS E RUAS	Conjunto de espaços lineares destinados à circulação e estacionamento. Destinam-se ao uso misto de peões e veículos.
PRAÇAS, LARGOS, PRACETAS TERREIRO E RECINTOS MULTIFUNCIONAIS	São espaços convergentes e podem ter variadas formas, dimensões, usos e geralmente delimitados por edifícios.
ESPAÇOS CANAIS	“Corredores cativados para infra-estruturas que ligam pontos e têm efeito de barreira física mais ou menos condicionante dos espaços marginantes” (Costa Lobo, 1995)
PARQUES DE ESTACIONAMENTO	Localizados normalmente em quarteirões e perto de grandes equipamentos. Os estacionamentos subterrâneos e em silo podem também constituir espaço público.
MARGENS FLUVIAIS E MARITIMAS	<p>“Entende-se por margem uma faixa de terreno contíguo ou sobranceira à linha que limita o leito das águas”. (Decreto-Lei 468/71).</p> <p>“Faixa marítima corresponde à banda ao longo da costa marítima cuja largura é limitada pela linha de máxima praia-mar de água viva equinociais e pela linha situada a 2Km daquela para o interior.” (Decreto-Lei 302/90).</p>

3.4. IMPORTÂNCIA DOS PARQUES URBANOS E FRENTES RIBEIRINHAS NA AVALIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

O espaço público é considerado como o lugar “onde o poder se torna visível, onde a sociedade tem melhor oportunidade de se expressar, e é também nele que o simbolismo colectivo se materializa.” (Brandão e Remesar, 2004).

Como enumerado anteriormente, e por diversos autores, o espaço público é caracterizado por um conjunto de elementos de elevada importância, que o justificam como indispensável e com benefícios diversos no seio de uma população carente dos mesmos.

O sistema urbano, aliado a novos consumos, comportamentos, reflexões e novos valores, solicitam uma atitude diferente no papel das áreas livres existentes na estrutura urbana.

Desta feita, é possível oferecer uma qualidade de vida adequada, assente nas relações estabelecidas entre o consumidor (residente) e o espaço a considerar. Estas ligações podem ter duas faces e permitir uma qualidade antes referenciada, mas também possibilitar ao espaço anunciar a sua própria existência, importância e disponibilidade, no sentido de ser reconhecido como essencial para a estrutura urbana, mas principalmente para o consumidor.

A organização *Project for Public Spaces*, indica alguns dos benefícios da implantação de bons espaços públicos:

1. Apoia as economias locais
2. Atrai investimentos
3. Atrai turismo
4. Aumenta o uso de transportes públicos
5. Encoraja o voluntariado
6. Melhora a qualidade de saúde pública
7. Melhora a segurança pedonal
8. Melhora e protege o ambiente
9. Promove actividades locais
10. Reduz o crime

Estes benefícios necessitam de cumprir um conjunto de critérios como CONFORTO, SEGURANÇA, LAZER. De acordo com estes princípios, terá de ser capaz de oferecer ao utilizador os seus direitos, mas também cumprir com o desenho urbano, fortalecendo a sua importância.

Assim, um bom projecto de espaço público não pode ser apenas o resultado de um bom desenho, mas sim o resultado de um conjunto de opções tomadas, que tiveram como base as necessidades e anseios da comunidade, por forma a estabelecer laços mais fortes entre o lugar e o seu envolvente, mas também fortalecer ligações com a componente cultural e histórica do lugar, tendo sempre em vista a criação de algo novo e a procura de novas funções (Figura.2).



Figura. 2 - Exemplo de espaços público de qualidade. Fonte: Google Images, 2014.

- **Parques urbanos e frentes ribeirinhas**

Como já referido, os espaços públicos conferem benefícios diversos tais como, ambientais e demográficos, na medida em que aliviam a vida urbana, ao encontrarmos elementos como espaços verdes, frentes ribeirinhas ou áreas ecológicas que contrabalançam com os centros urbanos, contribuindo para um maior equilíbrio e diversidade de ecossistemas e habitats, que providenciam desta forma uma gestão mais facilitada do espaço urbano.

O parque urbano, criado com o intuito de satisfazer as necessidades da população e das cidades ao nível do lazer, é um produto da cidade industrial e que tem evoluído ao longo dos anos, acompanhando também a evolução da cidade, mas mantendo intactas as suas principais características, de estabelecimento de relações humanas, de recreio, de lazer, de desporto, de actividade comunitária, cultural e educacional, aliadas a uma gestão e protecção do espaço ao nível ecológico e cultural (Atena, 2009).

A existência de espaços verdes de boa qualidade em espaço urbano pode ajudar os seus utentes a tirarem do mesmo alguns benefícios. Para tal (Beck, 2009), indica:

- Aumento da saúde física através do desporto e contacto com a natureza
- Aumento das relações humanas
- Benefícios económicos
- Benefícios educacionais e infantis
- Benefícios sociais
- Exploração da natureza

Como já referido, os espaços verdes surgiram durante a revolução industrial – séculos XVIII e XIX – associados ao êxodo rural. Surge como forma de recriar a presença da natureza no meio urbano. É a partir desta época que os espaços verdes têm um papel importante no desenho urbano, na medida em que é tido em conta a sua integração na cidade.

O conceito de espaço verde está também associado à ideia de “pulmão verde” como forma de reconhecimento do seu importante papel ambiental. Adjacente ao espaço verde, está também a noção de “cintura verde”, que incorpora os espaços verdes capazes de aproximar o mundo rural ao mundo urbano.

Neste sentido, a revolução industrial foi uma época importante para a separação dos usos do solo e para a integração dos espaços verdes, que são assim reconhecidos, desta forma, como elementos fundamentais para salvaguardar a dimensão ambiental e social das cidades, que também é defendida por diversos autores. Os benefícios proporcionados pelos espaços verdes compreendem várias vertentes, tais como, a ambiental, a social e a económica. (Fonseca, et al, 2010)

Os benefícios ambientais expressam-se por:

- Absorção do Dióxido de Carbono e libertação de Oxigénio;
- Atenuação do fenómeno da ilha de calor;
- Aumento da biodiversidade;
- Diversificação da fauna e da flora;
- Filtragem do ar da cidade;
- Redução da velocidade do vento;
- Redução do nível de ruído na cidade;
- Regularização do ciclo hidrológico.

Em relação aos benefícios sociais, os espaços verdes desempenham na cidade um papel importante, substituindo os antigos espaços públicos nomeadamente, as praças e as ruas, como locais de encontros e relações humanas. Estes lugares permitem a uma sociedade rotinada e confinada a espaços fechados, a prática de actividades ao ar livre, prática de desporto e recreio que são factores muito importantes para um melhoramento da qualidade de vida, da tranquilidade, da saúde e do bem-estar, (Fonseca, et al, 2010)

Os benefícios económicos por sua vez, são os menos evidentes, mas com igual importância. Neste campo, incluem-se benefícios diretos, tais como:

- Aluguer de equipamentos;
- Mais valias-fundiárias;
- Taxas de entradas.

Surtem também benefícios indiretos que são por vezes difíceis de contabilizar tais como:

- Aumento do emprego;
- Melhoria da eficiência energética;
- Melhoria dos níveis de saúde;
- Promoção de destinos turísticos.

Os espaços verdes representam assim, uma enorme importância no seio de áreas urbanas, sendo importante a implementação de políticas de apoio à gestão, manutenção e valorização destes espaços.

Quanto às frentes ribeirinhas, representam a porção de território que se encontra adjacente à água, quer seja ela um rio, um lago, mar ou oceano.

São espaços de fácil atratividade, na medida em que são escassos no solo urbano, mas também porque são locais de fácil acessibilidade e atrativos para a realização de actividades ao ar livre, desporto, recreio e convívio, sendo por vezes locais de celebração e símbolos da cidade, com presença de alguns pontos de interesse cultural como monumentos.

3.5. IDENTIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO

A identidade de um espaço público e urbano está adjacente às características que dele advém, tais como, elementos simbólicos que transmitam certa informação e que conferem ao espaço a sua diversidade e complexidade (Brandão, 2008).

3.5.1. Tipologias de espaço público

O espaço público pode ser caracterizado por diversas formas, no entanto, Brandão (2008), considera um conjunto de quinze tipologias que podem ser agrupadas em seis grandes grupos estruturantes, de acordo com o seguinte quadro (Quadro 3):

Quadro 3 - Tipologias de Espaço Público. Fonte: Brandão, 2008

Espaços – Traçado	Encontro Circulação	Largos, praças Ruas, avenidas
Espaço – “Paisagem”	Lazer – Natureza Contemplação	Jardins, parques Miradouros, panoramas
Espaço - Deslocação	Transporte Canal Estacionamento	Estações, paragens, interfaces Vias-férreas, autoestradas Parking, silos
Espaço - Memória	Saudade Arqueologia Memoriais	Cemitérios Industrial, agrícola, serviços Espaços monumentais
Espaços - Comerciais	Semi-inteiros Semiexteriores	Mercados, Centro comerciais Arcadas Mercado levante, quiosques, Toldos
Espaços gerados	Por edifícios Por equipamentos Por sistemas	Adro, passagem, galeria, pátio Culturais, desportivos Religiosos, infantis Iluminação, mobiliário, Comunicação, arte.

3.5.2. Elementos de informação

Os elementos que identificam um espaço, na medida em que são um cenário com referências icónicas, mas também com elementos estruturantes que o distinguem, e Brandão (2008), enumera alguns, tais como:

- Toponímia: a partir da relação entre a memória colectiva e o poder político;
- Planta da cidade
- Arquitectura: um padrão de edificação é parte identitária de um local;
- Arte: é o testemunho deixado pelos antigos como forma de evocação e mensagem, ou sentido estético.

3.5.3. Elementos introduzidos nos Espaços Públicos da contemporaneidade

Novos elementos foram sendo introduzidos pelo homem e que para Brandão (2008) têm um importante papel no espaço público, como:

- Automóvel: símbolo da evolução da deslocação, é visto como um elemento agregado às ruas, praças entre outros;
- As identidades produzidas: criação de espaços para fins lúdicos ou turísticos que reduzem a identidade do local;

- O valor comunicacional do espaço público: apoiado na publicidade e com funcionalidade apenas comercial ou política.
- Estetização do espaço: a autenticidade de um local pode ser sobreposta por uma solução que seja um produto da moda e com grande aparência superficial, no entanto, a mesma substitui a identidade e autenticidade do local.

3.6. QUALIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO

O conceito de qualidade está relacionado com uma abordagem percetiva e cognitiva e com as categorias que definem a qualidade do ambiente construído (Fernandes, 2012).

A abordagem percetiva traduz-se na interação do espaço com os utilizadores, através dos sentidos básicos, tais como, a visão, olfato, tato, audição e paladar, mas também com factores tais como a memória, personalidade ou a cultura, que podem ser despoletados através de elementos ou composições arquitetónicas presentes, e também fomentar as relações sociais, através da agregação de diferentes grupos e ser capaz de constituir um elemento de integração cultural.

A abordagem cognitiva, é resultado da forma como o espaço é vivido e usado, e depende sobretudo da intensidade com que as suas estruturas são lembradas e recordadas, sendo o espaço, um elemento orientador do comportamento das pessoas (Fernandes, 2012).







Em sùmula, a avaliação qualitativa de um espaço público, é resultado dos comportamentos e atitudes dos utilizadores, baseado em memórias e sensações, e através de abordagens cognitivas e percetivas.

3.7. CRITERIOS DA QUALIDADE DO ESPAÇO PUBLICO

O espaço público enquanto local de reunião das diferentes comunidades e com um papel importante na moldagem de uma sociedade, possui algumas características chave que permitem a elaboração de diferentes espaços públicos com diferentes usos e para diferentes alvos, e que possibilita em todos os casos, o desenvolvimento da sociedade e das relações entre si.

Esta abordagem criteriosa é defendida por alguns autores, como Gemzoe Gehl (2006), que defende no seu livro “New City Life”, pontos essenciais que permitem diagnosticar um espaço público bom ou não. Desta feita, elabora doze critérios que serão explicados no seguinte quadro (Quadro 4):

Quadro 4 - Critérios de espaço público. Fonte: Gemzoe Gehl (2006).

Critérios		
1	<p>Proteção contra o tráfego</p> <p>O espaço público e as cidades devem oferecer condições de segurança aos transeuntes, de forma a ocorrer uma segura mobilidade pelas ruas. É também evidenciado pelo autor, a necessidade de educar a populações em relação à segurança rodoviária enquanto peão.</p>	
2	<p>Segurança nos espaços públicos</p> <p>Neste critério, o autor defende a realização de actividades noturnas e a existência de uma iluminação como forma de chamariz, para que as pessoas se sintam seguras e capazes de frequentar estes lugares durante a noite e em qualquer altura do dia.</p>	
3	<p>Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis</p> <p>É defendida a criação de áreas de proteção ao vento, chuva e ao calor, evitando assim, uma experiência incómoda. Para tal, deve-se introduzir áreas verdes como forma de aliviar o calor, o ruído e diminuir a poluição.</p>	
4	<p>Espaço para caminhar</p> <p>Para um espaço público ser atractivo, é importante possuir algumas características que o permitam ser apelidado de tal forma. Posto isto, é importante garantir o acesso a pontos de interesse, como fachadas interessantes de edifícios, através de caminhos sem obstáculos, com superfícies regulares e que sejam de fácil acessibilidade a qualquer tipo de utente.</p>	
5	<p>Espaços de permanência</p> <p>Os espaços públicos, apenas são considerados agradáveis quando neles é possível permanecer por grandes períodos de tempo.</p>	
6	<p>Ter onde se sentar</p> <p>A disponibilidade de lugares para sentar é reduzida. Desta forma, é necessário um aumento do mobiliário urbano nestes espaços públicos, como as grandes avenidas, parques e praças. Com este aumento, é possível organizar a circulação das pessoas, estabelecer funções aos lugares e encontrar locais para descanso, leitura, etc.</p>	

Possibilidade de observar

- 7 Deve ser garantida a possibilidade de existirem sistemas de vistas para que seja possível contemplar a envolvente de várias perspetivas.



Oportunidade de conversar

- 8 Conhecidos como locais de encontro e confraternização, os espaços públicos devem possuir elementos tais como mobiliário urbano, convidativos para uma maior relação entre as pessoas. Deve ser tido em conta também, baixos níveis de ruído que permitam uma interação menos desagradável.



Locais para se exercitar

- 9 Os espaços públicos devem garantir o acesso a equipamentos desportivos e aparelhos de exercício a todos os cidadãos, combatendo assim, um elevado nível de sedentarismo que tem vindo a aumentar em todo o planeta.



Escala Humana

- 10 Importante garantir que novas infraestruturas possam relacionar-se com o cidadão numa escala humana, tendo por base a “perspectiva dos olhos das pessoas”.



Possibilidade de aproveitar o clima

- 11 É importante criar espaços públicos que se relacionem com o clima e a topografia da cidade onde serão construídos, por forma a potencializar estes espaços.



Boa experiência sensorial

- 12 Os espaços públicos devem possuir bons acessos, contacto com a natureza, presença de água e animais, árvores e outra plantas, bem como mobiliário urbano cómodo que assegurem uma maior permanência dos visitantes no lugar e uma maior ligação entre as pessoas os seus sentidos.



Desta forma, Gemzoe Gehl procura encontrar vários caminhos que vão ao encontro da percepção ideal de espaço público, incentivando as pessoas para várias possibilidades de qualificação dos espaços que usufruem.

Estes doze critérios permitem construir uma ideia mais clara e que pode ser perfeitamente implementada durante a fase de execução de um futuro espaço público, bem como em espaços já existentes e que contam com algumas deficiências.

Para além de Gemzoe (2006), existe outro autor que defende um conjunto de critérios para o espaço público. De acordo com Brandão (2006), estes critérios gerais são estruturados por forma a garantir uma metodologia base de intervenção no desenho de espaço público e de acordo com princípios chave essenciais para a vida dos cidadãos como:

- I. Identidade
- II. Continuidade | Permeabilidade
- III. Segurança | Conforto | Aprazibilidade
- IV. Mobilidade | Acessibilidade
- V. Inclusão e Coesão Social
- VI. Legibilidade
- VII. Diversidade | Adaptabilidade
- VIII. Resistência | Durabilidade
- IX. Sustentabilidade

I. Identidade

O objetivo do projecto de espaço público é assegurar o respeito pela identidade da paisagem urbana ou rural (Brandão, 2002)

A identidade de um local é representada pela forma como as pessoas e os diferentes ecossistemas inseridos se relacionam entre si, originando padrões de vida e que configuram a paisagem, tornando-a única (Figura. 3).

A identidade é a impressão digital, resultado da interacção dos diferentes ecossistemas e sistemas.

Esta relação de proximidade, é tanto maior, quanto maior for a apropriação e a interacção equilibrada do homem perante o meio que o rodeia, resultando num padrão e identidade que o tornam singular.

A identificação da identidade de um local é também influenciada por alguns elementos e factores tais como:

- Físicos e biofísicos: fauna e flora, solo, água, clima;
- Humanos (históricos, culturais, sociais, económicos, ambientais): arquitectura, elementos urbanos (pavimentos, fontes, mobiliário urbano, iluminação), materiais e métodos construtivos, escala, textura e cor, costumes e tradições, arte e artesanato, actividades económicas estruturantes, recursos endógenos, demografia e outros fenómenos.



Figura. 3 - Acontecimentos históricos ajudam a criar identidade no espaço. Fonte: Google Images, 2014.

Numa publicação mais recente, o mesmo autor enumera um conjunto de conceitos mais aprofundados que se encontram relacionados com o critério da identidade e que permitem uma melhor leitura:

- i. Memória colectiva – cada cidade possui memória capaz de recordar o meio onde está inserido, que se encontra conectada com questões que remetem a acontecimentos passados, a alterações, ou hábitos culturais que a transporta para o espaço em questão, ou seja, possui interesse espacial pela presença de alguns elementos tais como, árvores, ruas, entre outros, que funcionam bem como um todo, e que podem ser marcantes quando dá-se o desaparecimento dos mesmos.
- ii. Uso e apropriação do espaço – Esta apropriação resulta das preocupações e cuidados que os cidadãos têm para com o espaço e que o ajuda a ser mantido, cuidado e preservado.
- iii. Espírito do lugar – caracteriza-se pela presença de elementos naturais, ou até sensoriais e transcendentais que conferem ao mesmo uma singularidade que o distingue dos outros.
- iv. Redução da identidade, cidades – espectáculo e publicidade – O desenvolvimento da publicidade traduzido em grandes campanhas publicitárias fez com que os monumentos perdessem destaque e interesse, deixando de ser alvos de atenção.
- v. Organização simbólica do espaço – arte e democracia – Elementos como a arquitectura, toponímia e os monumentos, são estruturantes na caracterização do espaço público e da sua importância.

II. Continuidade | Permeabilidade

“Qualquer projecto de espaço público deve promover a integração do novo espaço, assegurando a conexão com as pré-existências” Brandão (2002).

O projecto de espaço público deve contribuir para uma leitura urbana de forma contínua, e ao mesmo tempo receber da mesma todos os *inputs* necessários à sua implementação.

Para Brandão (2002), este critério envolve:

- Redes Viárias;
- Estrutura Verde;
- Saneamento;
- Serviços Públicos (transportes, recolha de lixo, iluminação e telecomunicações).

Ao garantir esta continuidade, assegura também uma leitura mais homogênea do espaço, através dos edifícios, espaços verdes e percursos.

A permeabilidade por sua vez, é a possibilidade de ligação física e visual com a envolvente, e é influenciada pela natureza dos limites físicos e visuais entre o público e o privado (Figura. 4).



Figura. 4 - Permeabilidade. Fonte: Google Images, 2014.

III. Segurança | Conforto | Aprazibilidade

Deve ser de especial atenção nos projectos de espaço público, factores como a segurança, conforto, microclima, acessibilidade, manutenção, bem como vandalismo, iluminação ou mobiliário urbano (Figura. 5).

E desta forma Brandão (2002), refere que no desenho dos espaços públicos confortáveis, aprazíveis e seguros, deve haver um domínio de várias valências:

- A forma do espaço deve ter em conta, a acessibilidade, a manutenção, resistência ao vandalismo, atingindo a segurança e o conforto;
- A iluminação deve promover um sentimento de segurança, sobretudo nocturna;

O conforto no entanto depende de alguns factores:

- Climáticos - a temperatura, humidade, insolação, precipitação e vento;
- Qualidade acústica – a intensificação de vegetação é essencial à proteção do ruído exterior;
- Qualidade visual – a iluminação natural e artificial deverá satisfazer requisitos fisiológicos como higiénicos: contraste adequado, intensidade ótima, brilho uniforme e proteção contra encadeamento;
- Qualidade do ar – como filtro do ar;
- Qualidade ergonómica, através de uma escolha acertada do mobiliário urbano e dos equipamentos;
- Segurança;
- Conservação e manutenção do espaço;
- Colocação de vegetação de folhagem e natureza variada como filtro do calor e da poluição no verão, e da passagem de luz no inverno, mas também proporcionar zonas de ensombramento e refúgio;
- Utilização da água como forma de criar diferentes ambientes aprazíveis ao utilizador;
- Materiais de construção podem também contribuir para um aumento do conforto através da cor e da textura.



Figura. 5 - Segurança, conforto e aprazibilidade. Fonte: Google Images, 2014.

IV. Mobilidade | Acessibilidade

Os espaços públicos devem ser acessíveis a toda a população, e estarem capacitados para as necessidades da população com mobilidade mais reduzida com igual direito de usufruto dos restantes utentes (Figura. 6).

E assim, para Brandão (2002), a mobilidade e a acessibilidade dependem de condicionantes como:

- Localização e distribuição de usos;
- Oferta de meios de transportes;
- Condicionamentos de locomoção;
- Soluções de apoio às pessoas com menor mobilidade como idosos e deficientes;
- Grupos etários;

- Sexo
- Níveis socioeconómicos;
- Tradição cultural (europeus não gostam de deslocações de longa distância)



Figura. 6 - Acessibilidade. Fonte: Google Images, 2014.

Torna-se então, importante que, ao nível do projecto de espaço público, o desenho deva considerar as seguintes soluções:

- Superação de barreiras arquitectónicas;
- Promover o alinhamento;
- Promover a separação entre redes de circulação;
- Prever a vedação de certos tipos de equipamentos como parques infantis;
- Promover a segurança na travessia de vias de circulação através de percursos pedonais (aéreos ou subterrâneos);
- Superação de locais com declive acentuado;
- Prever uma boa circulação de veículos de serviços.

V. Inclusão | Coesão social

Os espaços públicos são locais de encontro, sendo necessário potenciar as relações humanas independentemente da raça e género.

No entanto, esta premissa não é tida em conta, na medida em que nos últimos anos assistiu-se a uma enorme pressão sobre o espaço público, por diversos agentes económicos, que não trazem qualquer benefício, e que se aproveitam para canalizar as suas intenções para uma determinada classe social (Figura. 7).



Figura. 7 - Inclusão Social. Fonte: Google Images, 2014

VI. Legibilidade

A legibilidade é para Brandão (2002) um dado crucial no espaço público e corresponde à qualidade que torna o lugar de fácil leitura e compreensão, tornando-o reconhecível e facilmente identificável. Esta legibilidade está relacionada com a qualidade dos seus elementos, mas também com a percepção que temos sobre os mesmos. Lynch (2009), defende a ideia de que são 5 os elementos que compõem o espaço urbano e que lhe conferem legibilidade. São eles:

1. Vias
2. Limites
3. Bairros
4. Cruzamentos
5. Pontos marcantes

A partir destes cinco elementos, a legibilidade de espaço pode ser reforçada. Desta forma, a legibilidade está assim, relacionada com a permeabilidade, devido ao facto de ser fundamental a promoção de acessos e articulação entre os diferentes espaços (Figura. 8).



Figura. 8 - Legibilidade. Fonte: Google Images, 2014.

VII. Diversidade | Adaptabilidade

De acordo com Brandão (2002), um projecto de espaço público deve fornecer diversidade de usos e criação de espaços multifuncionais que possibilitam a agregação de pessoas de várias faixas etárias, com motivações e interesses distintos.

O espaço deve ainda estar acautelado para possíveis adaptações, finalidades e outros usos de acordo com os hábitos e usos da população.

Desta forma, um projecto de espaço público deve ser capaz de fornecer à população uma quantidade variada de elementos que o tornem apelativo e abrangente, mas também ser capaz de se transformar perante novas necessidades dos utilizadores (Figura. 9).



Figura. 9 - Adaptabilidade. Fonte: Google Images, 2014.

VIII. Resistência | Durabilidade

A resistência e durabilidade, são questões de elevada importância na elaboração de um projecto de execução. Torna-se assim importante, ter em atenção as funções, público-alvo e a intensidade de utilização do espaço, devendo sempre serem ponderados e tidos em conta a qualidade dos materiais, dos factores humanos e dos factores bióticos (Figura. 10).

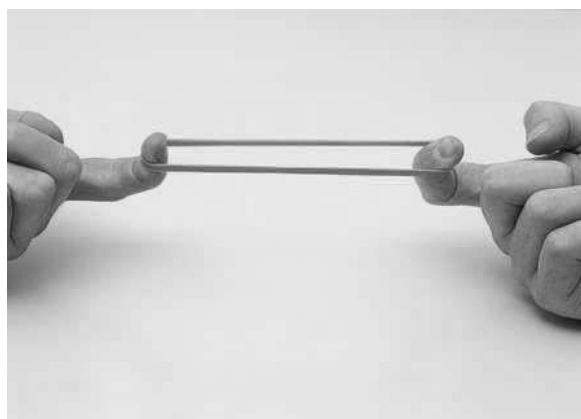


Figura. 10 - Resistência | Durabilidade. Fonte: Google Images, 2014.

IX. Sustentabilidade

Este critério tem por base um conjunto de factores que pressupõe uma abordagem mais realista e integrada dos problemas. Neste conjunto, encontram-se factores como os sociais, os económicos e os ambientais, promovendo uma gestão e proposta mais equilibradas.

Brandão (2002), refere ainda Richard Rogers que defende que a cidade sustentável cumpre algumas características, tais como:

- Uma cidade justa, onde existe igualdade de direitos e de oportunidades;
- Uma cidade bela onde a imaginação e a criação de ideias é fomentada;
- Uma cidade criativa onde a população mostre o seu potencial;
- Uma cidade ecológica onde haja uso eficiente dos recursos;
- Uma cidade que favoreça o contacto, onde o espaço público seja local de encontro e convívio, permitindo uma partilha de experiências saudáveis.

O projecto de espaço público, deve assim, resultar da consideração dos problemas apresentados e responder aos mesmos de forma clara, promovendo a sustentabilidade e o aumento da qualidade de vida da população, tendo em vista:

- Utilização racional e integrada dos recursos naturais como os sistemas de rega automática ao invés de rega “à mangueira”;
- Promover a utilização de fontes energéticas alternativas;
- Promover a utilização de materiais endógenos, recicláveis e não poluentes;
- Escolha de equipamentos em quantidade adequada;
- Boa acessibilidade pedonal e dos transportes públicos;
- Assegurar a optimização da utilização do espaço em condições de conforto e segurança;
- Assegurar a manutenção dos novos espaços.

Desta forma, o projecto de espaço público deve contribuir para a viabilidade de um projecto em termos económicos, sociais e ambientais, considerando sempre as preocupações da população (Figura. 11).



Figura. 11 - Sustentabilidade.

3.8. CONCLUSÕES

Ao longo da história e dos séculos, o espaço público teve sempre um carácter de elevada importância, quer ao nível económico e religioso mas também político, na medida em que era neste local que se faziam ouvir os cidadãos.

No entanto, o desenvolvimento da tecnologia, quer ao nível dos transportes quer ao nível das comunicações, atribuiu ao espaço público um papel secundário no quotidiano das pessoas e sobretudo nos agentes políticos.

Actualmente, assiste-se a uma tendência para a requalificação destes mesmos espaços, dando-lhes, em alguns casos, novos usos mas mantendo a sua inicial função: melhorar a qualidade de vida das populações e a protecção dos recursos. Esta protecção é o suporte da qualidade paisagística de um lugar, que através de estratégias sustentáveis, contribuem para a protecção e continuidade do lugar. (Ribeiro e Barão, 2005)

Torna-se também relevante, entender e planear a eficiência das cidades, e deste modo, acresce a importância quanto ao melhoramento dos corredores verdes, como forma de incremento da qualidade dos espaços público das cidades, e por consequência, da qualidade de vida dos cidadãos. Para tal, é necessário promover a continuidade no funcionamento das estruturas ecológicas, tendo sempre em atenção o carácter cultural da paisagem e a conservação da mesma. (Ribeiro e Barão, 2005), na medida em que os corredores verdes são de grande importância para factores como bem-estar, protecção de recursos, mas sobretudo para um aumento da saúde pública, contribuindo para um aumento da competitividade das cidades, através da implantação de infra-estruturas verdes. (Ribeiro e Barão, 2005)

Neste sentido, foram criadas algumas metodologias para avaliar a qualidade dos espaços públicos e que servirão de base para propostas de requalificação, que serão explicadas com mais detalhe no Capítulo 4, e que são de extrema importância, pois respondem a anseios e problemas da sociedade, em espaços que se encontram degradados e que são por direito, de todos.

4

METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO

A eficácia de um programa de requalificação de espaço público depende sobretudo de uma metodologia de trabalho bem pensada e eficaz, por forma a maximizar o seu potencial. Para tal, é necessário que os mesmos sejam elaborados por equipas com conhecimento multidisciplinar por forma a encontrar resposta a todas as questões necessárias na sua elaboração.

Desta feita, apresentam-se algumas metodologias de avaliação para um projecto de espaço público.

4.1. DIAGRAMA DO LUGAR (*Project For Public Spaces, 2000*)

A avaliação da qualidade do espaço público apresentada por esta organização norte-americana foi recolhido da sua publicação “How to turn a place around”, de 2000 e também através da sua página da internet (PPS, 2012).

Esta organização sem fins lucrativos defende a sua credibilidade na divulgação das suas descobertas de forma a estabelecer as características de um espaço, questionando-se “O que atrai as pessoas?”, “o que faz um espaço público ser bem-sucedido enquanto outro falha?”

A preocupação desta organização centra-se na observação dos espaços. Apurando se os mesmos são bem-sucedidos ou não, centrando-se sobretudo na capacidade de estes lugares serem capazes de atrair ou não novos utilizadores, mas também ajudar os cidadãos a criar e a mantê-los, no sentido de fortalecer a sua comunidade e torná-la mais coesa.

Um bom espaço público é aquele onde ocorrem trocas sociais e económicas. Onde existe fusão cultural e capacidade de atracção.

São então enumeradas algumas características que explicam como um lugar pode ter atractividade:

- i. Gestos atractivos como sorrir, beijar, abraçar.
- ii. Actividades variadas
- iii. Elevado numero de pessoas em grupo
- iv. Existência de nº de mulheres superior à média
- v. Pessoas de diferentes faixas etárias

Após esta avaliação de espaço público, foram encontradas por parte desta organização 4 elementos essenciais para o sucesso e atractividade de determinado espaço público.

A atractividade destes espaços está dependente também das componentes e sistemas que o constituem, tais como:

- A. Acessibilidades;
- B. Possibilidade de realizar actividades;
- C. Conforto e imagem do espaço;
- D. Socialização

Através destas quatro componentes, foi possível fazer uma avaliação do espaço público com a ajuda dos cidadãos. Para tal, a *Project for Public Spaces*, criou o “*Diagrama do Lugar*” (*The Place Diagram*), no sentido de poder ser usado como guia e ferramenta essencial na sua avaliação (Figura. 12).

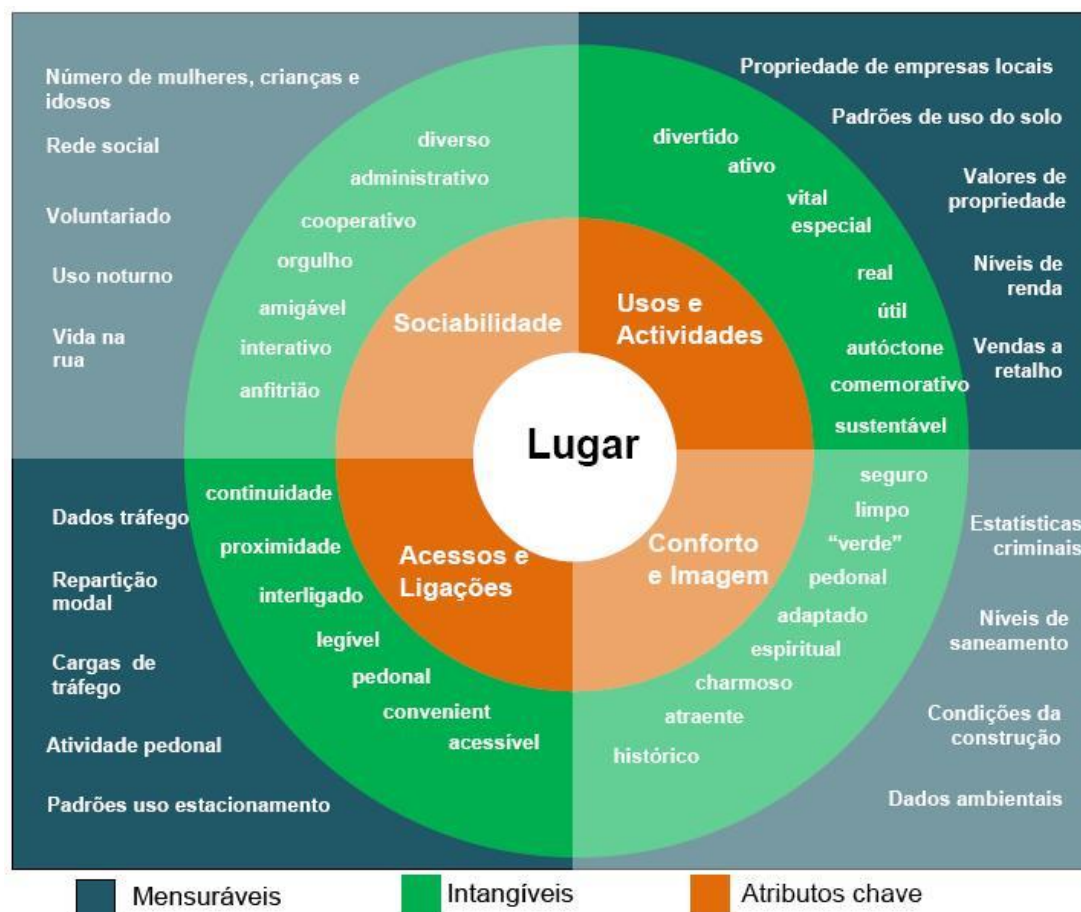


Figura. 12 - Diagrama do Lugar. Fonte: PPS, 2012.

Este Diagrama deverá ser utilizado da seguinte forma:

Numa primeira leitura, dever-se-á escolher um local de intervenção tal como, uma rua, um jardim, uma praça. Proceder-se-á então à avaliação desse espaço em questão através destes quatro atributos chave que se encontram no centro do Diagrama. No anel exterior encontram-se várias características que podem contribuir para uma boa ou má avaliação do espaço escolhido. No trecho mais escuro do Diagrama encontram-se aspectos quantitativos que poderão ser medidos consoante um levantamento ou contabilização e que podem ser utilizadas em pesquisas e dados estatísticos (Fernandes, 2012).

No entanto, os quatro conceitos chave, SOCIABILIDADE, USOS E ACTIVIDADES, ACESSOS E LIGAÇÕES e CONFORTO E IMAGEM, ostentam algumas variáveis que devem ser ponderadas:

- **Acessos e Ligações (PPS, 2000).**

Mediante as suas conexões, é possível avaliar a qualidade do espaço, através da sua acessibilidade. Um espaço público com fácil circulação e acessibilidade tem maior potencialidade e mais probabilidade de ser bem-sucedido. A visualização é também um factor importante e a ter em conta. A visualização à distância é essencial para o sucesso do mesmo, pois induz segurança. Outro atributo chave é a acessibilidade, que é tanto maior, quanto maior for o número de infra-estruturas existentes no raio de acção do espaço publico, tal como, estacionamento e redes de transportes públicos.

Desta feita, a organização coloca questões como:

- Está preparado para pessoas com alguma deficiência motora?
- Existe alguma rede de transporte na sua periferia?
- Existem boas ligações entre o espaço e a malha urbana?
- Existem parques de estacionamento? Estão bem localizados?
- O espaço é utilizado pelos habitantes da sua periferia?
- O espaço é visto de qualquer ponto e distância?
- O seu interior é visível?
- Os passeios estão bem desenhados e estruturados?
- Tem fácil acessibilidade?

- **Conforto e Imagem (PPS, 2000).**

Conforto induz segurança, repouso ou descanso. Esta organização defende que a acção de repouso é subestimada por quem desenha, nomeadamente na escolha de zonas para se sentar e descansar. E nesta avaliação as mulheres, segundo *Project for public spaces*, são notáveis em avaliar conforto e imagem, na medida em que são selectivas na escolha de algo, mormente, lugares públicos.

Esta organização relata ainda, algumas questões que devem ser consideradas na avaliação do conforto e da imagem:

- O local é frequentado por um nº de mulheres superiores à média?
- Existem bancos suficientes no espaço?
- Os bancos estão bem localizados?
- Existe possibilidade de escolha para sentar, seja ao sol ou à sombra?
- O local causa uma boa primeira impressão?
- Os espaços estão limpos?
- Existe manutenção?
- Se existe. O que fazem e quando fazem?
- É seguro?

- Existem seguranças a percorrer o espaço e o seu perímetro?
- Existe horário de segurança?
- As pessoas tiram fotografias?
- Os veículos dominam o espaço pedonal?

- **Usos e Actividades (PPS, 2000).**

As actividades e usos são uma base muito importante no desenho e no funcionamento do espaço. Deverão respeitar as necessidades e hábitos dos cidadãos, mas também servirem de incentivo para que desfrutem do mesmo e queiram regressar.

Questões a deter na avaliação dos usos e actividades de um lugar:

- Número de actividades considerável e disponível para os cidadãos;
- Existe equilíbrio entre utilizadores do sexo feminino e masculino;
- O espaço deverá ser utilizado por pessoas de todas as faixas etárias, desde os mais jovens aos mais velhos induzindo variedade de opções dentro do lugar;
- O espaço é utilizado ao longo do dia;
- Espaço atractivo e usado por pessoas em grupo ou acompanhadas. Se for usado pelas duas opções o espaço é melhor do que se for frequentado por uma das opções, induzindo pouca atractividade das actividades e usos;
- A sua gestão tem influência no seu sucesso.

Questões a serem consideradas:

- As pessoas estão em grupo ou acompanhadas?
- É utilizado por diversas faixas etárias?
- Existe gestão do espaço?
- Há variedade de actividades?
- O espaço é todo ocupado, ou existem zonas mais vazias?
- O espaço encontra-se vazio ou não?
- Ocorrem que tipo de actividades?
-
- **Sociabilidade (PPS, 2000).**

Este conceito chave é o mais difícil de se alcançar. Quando alcançado, o espaço torna-se inequívoco e único.

Esta característica acontece essencialmente quando as pessoas tendem a criar laços de proximidade com o espaço e com a comunidade através do encontro com os amigos, interacção com os vizinhos, etc.

E neste caso a organização refere questões que devem ser observadas:

- As pessoas conhecem-se umas às outras?
- As pessoas estão agrupadas?
- As pessoas estão felizes?
- As pessoas trazem os seus amigos e/ou familiares?
- Escolhia este espaço para estar com os seus amigos?
- Existe contacto visual entre as pessoas?
- Existe gestão do espaço?
- Existe uma grande diversidade de idades e de culturas?
- O espaço é frequentado por escolha própria?

Em sùmula, este método de avaliação da associação norte-americana *Project for Public Spaces*, é bastante completo, mas simples e eficaz. Assinala sobretudo pontos focalizados na frequência do espaço, colocando de parte ferramentas de análise aos atributos do espaço. Baseia-se em questões de fácil percepção por parte dos cidadãos, possibilitando a detecção de problemas existentes e procurar soluções. No entanto, apesar de ser uma avaliação mais subjectiva, oferece uma vertente que pode ser aplicável a qualquer cultura e contexto geográfico.

4.2. “O CHÃO DA CIDADE” (Brandão, 2002).

Brandão (2002) propõe uma metodologia direccionada para um alvo mais político e mais técnico, com capacidade para gerir e controlar o planeamento e desenho de uma cidade, e mais propriamente do espaço público.

Nesta metodologia, o autor estrutura um conjunto de critérios como forma de encontrar um método de avaliar as intervenções no espaço público por partes das entidades gestoras do espaço.

Passando a explicar de forma mais detalhada, esta metodologia resulta da enumeração de um conjunto de características, onde estão englobados importantes factores na execução de um projecto, e principalmente num espaço público. Desta forma, o autor divide os critérios de avaliação em dois grandes grupos – critérios gerais e critérios específicos.

O primeiro grande grupo, diz respeito às características que induzem qualidade ao espaço e sobre o qual, o mesmo é avaliado de forma qualitativa. São enumerados neste grupo, critérios tais como, identidade, continuidade, mobilidade, acessibilidade, permeabilidade, segurança, conforto e apazibilidade, inclusão social, legibilidade, diversidade, adaptabilidade, robustez, durabilidade e sustentabilidade.

Quanto ao segundo grande grupo – critérios específicos - trata de elementos de maior detalhe como, equipamentos, sistemas de comunicação, elementos de iluminação, estruturas subterrâneas, elementos naturais, rede viária, transportes, entre outros. Em cada um dos mesmos, é feita uma listagem onde são enumerados os seus objectivos.

Desta feita, foram elaboradas duas Checklists, que permitem a realização da classificação através de um registo dos elementos bons e/ou maus, e por fim uma classificação pontual, de 1 a 5 pontos (Quadro 5). A Checklist dos critérios específicos encontra-se em Anexo por ser extensa. (Quadro 7, Anexo A).

A Checklist dos critérios gerais é apresentada de seguida, (Quadro 5):

Quadro 5 - Checklist dos critérios gerais. Fonte: Brandão, 2002

	Pontos fortes	Pontos fracos	Avaliação (1 a 5)
Identidade			
Carácter e significado do espaço; forma como os utentes aderem, se relacionam e se apropriam do espaço.			
Continuidade Permeabilidade			
Integração no contexto e na malha urbana, contribuindo para a fluidez e coerência visual do local a redes e serviços.			
Segurança Conforto Aprazibilidade			
Qualidades físicas, funcionais e formais do espaço, visando a qualidade do uso. Vegetação, luz, equipamento.			
Mobilidade Acessibilidade Permeabilidade			
Facilidade de ligações físicas; adequação a diferentes tipos de deslocação; separação de vias, delimitações.			
Inclusão Coesão Social			
Consideração de expectativas e necessidade, sem exclusão no uso do espaço, de qualquer grupo social. Controlo da privatização do espaço.			
Legibilidade			
Características físicas, formais e funcionais que contribuem para a rápida e fácil compreensão do espaço.			
Diversidade Adaptabilidade			
Flexibilidade e versatilidade para a adaptação e usos diversos e as possíveis alterações futuras.			
Resistência Durabilidade			
Adequação dos materiais e equipamentos às solicitações do uso, desgaste, vandalismo, clima, etc. Manutenção minimizada.			
Sustentabilidade			
Gestão equilibrada dos recursos consumidos (instalação, energia, manutenção) com criação de valor (benefício económico, ambiente e social). Optimização do uso do solo e dos transportes públicos.			

4.3. “ASSESSMENT OF THE URBAN PUBLIC PLACES IN MULTIDISCIPLINARY CONTEXT – PROPOSED METHODOLOGY” (De Herde, et al, 2012)

Esta metodologia encontra-se direccionada para uma análise mais globalizada e multidisciplinar dos espaços públicos que deve ser tida em conta no desenrolar de planos ao nível do desenho e da renovação, no caminho para as cidades sustentáveis. (De Herde, et al, 2012)

O método realizado tem como ponto de partida várias áreas de investigação que são avaliadas numa matriz transversal composta pelas seguintes etapas:

I. Análise dos campos de investigação

- Água;
- Acústica;
- Biodiversidade e vegetação;
- Densidade Urbana;
- Iluminação artificial;
- Mobilidade;
- Microclima e poluição do ar;
- Utilizadores

Esta primeira fase, consiste na análise das relações entre as características físicas dos lugares e as condições sociais existentes, e neste sentido, o estudo deve ter em conta aspectos que a população possa apresentar, como:

- Necessidades, práticas e formas de apropriação;
- A forma como percebe o espaço, de acordo com características físicas. Para tal, são recolhidas “amostras”, *ex-situ*, abordando aspectos teóricos e *in-situ* através de gravações e entrevistas.

Estes estudos sociológicos, podem ainda, ser influenciados por factores muito importantes, como o microclima, que pode oferecer ao lugar condições de temperatura, humidade, vento ou chuva, diferentes de qualquer outro local.

O ambiente urbano pode ainda beneficiar de elementos, como segurança ou mobilidade, mas também pela qualidade da iluminação artificial, oferecendo ao utilizador, vivências de vários ambientes, cores e sombras.

II. Construção da matriz transversal

Esta matriz permite uma avaliação estatística dos dados obtidos, que pode ser elaborada segundo duas orientações – vertical e horizontal. A análise horizontal diz respeito a dados referentes ao espaço público urbano enquanto a análise vertical, permite encontrar e confirmar interações e novas correlações entre os diferentes campos.

Os casos de estudo são divididos de acordo com a sua localização – centro, urbano, suburbano, sendo feita uma segunda subdivisão entre ruas, praças e parques, como é possível observar (Figura.13).

		Urban Density				Mobility				Users				Microclimate and Air Pollution				Biodiversity and Vegetation				Water				Artificial Lighting				Acoustics			
Brussel	centre	street	X _{1,1}	X _{1,2}	X _{1,3}	X _{1,4}	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	X _{1,n}					
		square	X _{2,1}	X _{2,2}	X _{2,3}	X _{2,4}	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	X _{2,n}					
		park	X _{3,1}	X _{3,2}	X _{3,3}	X _{3,4}	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	X _{3,n}					
	urban	street	X _{4,1}	X _{4,2}	X _{4,3}	X _{4,4}	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	X _{4,n}					
		square	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*					
		park	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*					
	suburban	street	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*					
		square	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*					
		park	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*					
Leuven			*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*						
			*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*						
			*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*						
Namur			*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*						
			*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*						
			*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*						
		X _{m,1}	X _{m,2}	X _{m,3}	X _{m,4}	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	X _{m,n}						

Figura. 13 - Matris Transversal. Fonte: Rychtáriková, M., Boland, P., Castiau, E., Godart, M-F., DeHerde, A., Hanin, Y., Martin, N., Meuris, C., Pons, T., Vermeir, G., Xanthoulis, S. (2008).

4.4. “LINKING THE QUALITY OF PUBLIC SPACES TO QUALITY OF LIFE” (Beck, 2009)

Esta autora, define alguns indicadores importantes que poderão ser indiciadores da qualidade do espaço público.

Desta forma, enumera algumas características que pronunciam qualidade, como Condições/manutenção, Design, Utilizadores e Funções. No seu artigo “Linking the quality of public spaces to quality of life”, indica estas características como essenciais para a caracterização de um espaço.

Assim, a autora elabora um pequeno quadro-resumo onde descreve as características dos espaços e os seus indicadores que lhe estão associados (Quadro 6).

Quadro 6 - Indicadores da qualidade do espaço público. Fonte: Beck, 2009

Características qualitativas do espaço público	Indicadores
Condições/Manutenção	Robusto Adaptável
Design	Bem desenhado Legível Sensação de enclausuramento
Utilizadores	Saudáveis Utiliza o espaço para interacção social Preenchimento Relaxante
Funções	Recurso da comunidade Vital e Viável Funcional

4.5. VANCOUVER PUBLIC SPACE NETWORK, 2012

Esta organização sem fins-lucrativos, VPSN, elabora um formulário de livre circulação e que é entregue e preenchido pelos utilizadores dos espaços públicos dessa região.

Numa primeira fase (VPSN, 2012), elabora uma Análise Geral onde são descritas as características chave que tornam o espaço único e ímpar, e o seu nível de conforto. Para tal, é feita uma listagem de tipologias de espaço público que os utilizadores devem assinalar, consoante a correspondência ao espaço em questão e que pode ser:

- Espaço Interior
- Frente Ribeirinhas
- Largos
- Parque
- Jardins de Bairro
- Pátios
- Praças
- *Streetscape*
- Trilhos ou Caminhos

Na segunda fase deste formulário, é feita uma descrição, contextualização e enquadramento do local e das suas imediações como por exemplo, edifícios, água, lojas entre outros. Quanto à caracterização das suas imediações, os acessos devem ser identificados e caracterizados quanto ao material utilizado, quanto à sua localização e condições.

No que diz respeito às amenidades (VPSN, 2012), questiona a existência ou não de locais para repouso, qualificando-os, comunicando se estão protegidos do vento e da chuva e também se estão dispostos em locais com exposição solar e com sombra em diversas fases do dia. E neste caso, o formulário indica um conjunto de variados elementos tais como:

- Abrigos
- Bebedouros
- Casas de banho
- Caixotes de lixo
- Estruturas de reciclagem
- Mesas
- Painéis informativos
- Quiosques de jornais e revistas
- Vendedores de comida

Outra característica considerada relevante para esta organização, são as manifestações de arte, solicitando uma indicação sobre a mesma, no sentido de se perceber se são legais, comunitárias ou ilegais. São consideradas também as actividades existentes ou possíveis de existir, enumerando um conjunto de tipologias, onde se incluem actividades de grupo ou individuais tais como:

- Clareiras
- Desportos e recreação
- Desportos individuais ou colectivos e recreação
- Jardim comunitário
- Outras actividades ou eventos
- Parque infantil
- Reuniões/ encontros públicos

Quanto à segurança, é considerada a iluminação, a visibilidade, bem como a acústica, no sentido do utente receber indicações sobre a matéria. Esta análise termina com o último tópico sobre a acessibilidade e a mobilidade.

De seguida é feita uma avaliação mais detalhada, focando aspectos como vegetação específica, zonas vedadas como parques infantis, onde são caracterizados elementos como materiais de construção e a sua localização.

Por último, reserva-se uma pesquisa sociológica, como forma de compreender os usos da população. Esta organização, aconselha ainda, uma visita ao local para entender melhor os usos de quem utiliza este espaço.

4.6. SÍNTESE DA AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO

Os elementos constituintes do espaço público são considerados fundamentais para a sua orgânica, e desta forma, são também alvo de avaliação e investigação, que podem resultar em métodos de avaliação para os mesmos. Para este efeito, são considerados quatro grandes elementos, para os quais existem metodologias credenciadas para a sua avaliação, e que serão explanadas mais adiante. São então considerados, os parques urbanos, as praças, frentes ribeirinhas e os arruamentos

- **Parques urbanos**

O trabalho realizado por estes dois autores (Balotta de Oliveira, P. e Bitar, O.,2006). Tem como principal objectivo monitorizar as condições ambientais num parque urbano, com o objectivo de divulgação e aplicação face aos seus objectivos específicos.

Como ponto de partida, tomaram as bases indicadas pelo Ministério do Meio Ambiente (1999), e os conceitos propostos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) (Figura. 14).

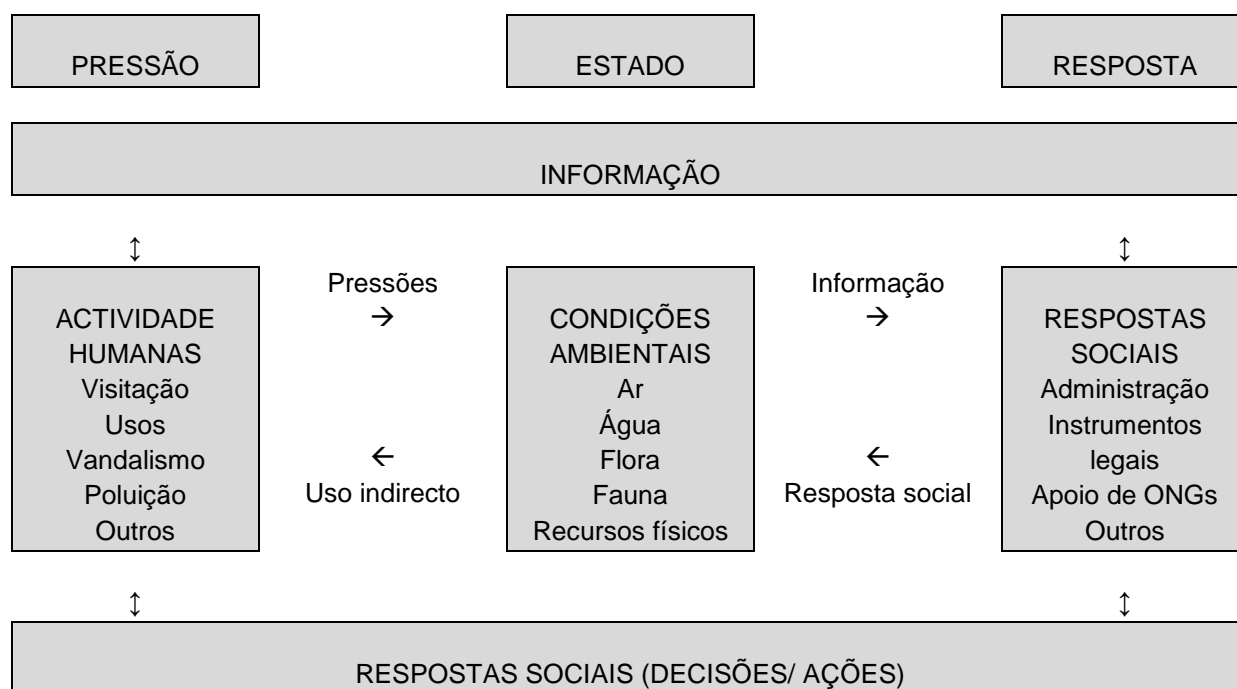


Figura. 14 - Quadro Pressão - Estado - Resposta. Fonte: Balotta de Oliveira e Bitar, 2008.

Passando a explicar este modelo, ele aplica-se no caso concreto dos parques urbanos e mais precisamente nas interacções que podem aí ser estabelecidas como por exemplo:

A pressão das actividades humanas sobre os recursos naturais e sobre os equipamentos é caracterizada por actos de vandalismo, poluição, entre outros, alterando assim as suas condições. Como resposta, os agentes sociais, atuam com instrumentos legais, acções e projectos entre outros, como forma de diminuir estes casos.

Neste sentido, realizou-se a identificação e selecção de indicadores ambientais para as categorias Pressão-Estado-Resposta, que tiveram a colaboração de profissionais da área ambiental, resultando no Quadro síntese (Quadro 8, Anexo B)

Os indicadores propostos para “Pressão”, englobam factores como segurança pública, visitação ou animais domésticos abandonados. Na categoria “Estado”, inclui-se a cobertura vegetal, espécies nativas, fauna áreas degradadas entre outras. Por fim, na “Resposta”, estão factores como Investimentos financeiros, parcerias ou projectos socioculturais.

- **Praças**

Na sua tese, “Avalia o de Espaços Públicos: O caso de duas praças no concelho de Caminha”, (Araújo, L.M. 2007) refere que para analisar o espaço público e mais especificamente as praças,   necessário ter em conta determinados factores, tais como:

- Arquitectura;
- Usos;
- Espaços Verdes;
- Infra-estruturas;
- Obras de Arte e Mobiliário Urbano;
- Mobilidade;
- Pavimentos.

O autor defende também, que a avalia o deve-se focar nas características específicas de quem as procura, na medida em que podem apresentar possibilidades e/ou disponibilidades para o desenvolvimentos de várias actividades.

Para tal,   proposta a elabora o de inquéritos às pessoas que se encontram na praça e na sua envolvente, com o objectivo de diagnosticar as características dos utilizadores, permitindo encontrar possibilidades e limitações de utiliza o dos locais bem como dos equipamentos disponíveis.

  apresentada então, uma metodologia para a realiza o dos inquéritos aos utilizadores (Anexo C), onde estão inseridos sete grandes grupos:

1. Forma o: se tem ambientes separados ou subespaços;
2. Usos;
3. Espaços Verdes;
4. Infra-estruturas;
5. Mobiliário Urbano;
6. Mobilidade;
7. Pavimentos.

Para esta classificação, é possível optar entre 5 notas (Concordo totalmente, Concordo parcialmente, Discordo Parcialmente, Discordo Totalmente e Outra/Observações), terminando com um espaço destinado a sugestões e alterações que os utilizadores podem propor.

- **Frentes ribeirinhas**

L. Vaz e M. Saraiva

Estas duas autoras (Vaz e Saraiva, 2007), no seu trabalho intitulado *“Requalificação de margens e cursos de água urbanos. Como avaliar o sucesso?”*, Sobre o papel que um curso de água pode ter na dinâmica do Sistema Urbano, e enumera três principais grandezas onde o curso de água tem influência e no qual representa indicadores de sucesso em manobras de reabilitação. Neste campo, enquadra-se a componente Ecológica, a Social e Urbanística e a Económica.

Os indicadores de avaliação na componente Ecológica incluem:

- Biodiversidade
- Conforto bioclimático
- Estrutura verde
- Galeria ripícola
- Gestão de riscos
- Qualidade da água

No âmbito Social/ urbanístico, deverá ser alvo de análise:

- Identidade
- Integração cidade-água
- Mobilidade
- Qualidade de vida
- Recreio e lazer
- Satisfação

Por fim, no campo Económico, os indicadores de sucesso são:

- Auto-sustentação do espaço
- Oportunidade de negócio
- Serviços/equipamentos

A metodologia proposta pelas autoras para as frentes ribeirinhas tem por base as seguintes etapas:

- I. Selecção dos indicadores a aplicar ao caso de estudo;
- II. Cálculo dos indicadores seleccionados;
- III. Análise dos resultados: dos objectivos à avaliação *ex-post*;
- IV. Avaliação do sucesso;
- V. Reflexão sobre os pontos fortes, fracos e potencialidade do espaço.

Os indicadores acima descritos foram relacionados com os diversos objectivos e foram, de seguida, alvo de avaliação.

Nestes objectivos incluem-se factores como a Requalificação e valorização do rio, com a criação de um contínuo verde, a restituição de rio á cidade atribuindo-lhe um carácter estruturante, a recuperação de zonas urbanas desqualificadas, com a constituição de um espaço público de qualidade, o reordenamento da malha viária incentivando a redução do tráfego automóvel e estabelecimento de um percurso pedonal e uma ciclovia ligando o centro/baixa frente de água, por fim, a valorização do património histórico, arqueológico, natural e edificado. Para os quais foram seleccionados indicadores (Quadro 7).

As autoras referem ainda, a necessidade de se obter valores de comparação onde seja possível situar o valor do indicador calculado num determinado intervalo.

Quadro 7 - Objectivos vs. Indicadores. Fonte: Vaz e Saraiva, (2007)

Objectivos	Indicadores
I. Requalificação e valorização do rio, com a criação de um contínuo verde	1. % De comprimento de rio com vegetação ripícola
	2. Presença de vegetação ripícola nas margens
	3. Largura da faixa ripícola
II. Restituir o rio à cidade atribuindo-lhe um carácter estruturante	1. Fontes de poluição
	2. Qualidade química, física e biológica da água
	3. Comprimento, largura e forma do rio dentro dos limites da cidade
	4. Tipo de margem
	5. Inundabilidade
	6. Travessia do rio
III. Recuperação de zonas urbanas desqualificadas, com a constituição de um espaço público de qualidade	1. Equipamentos recreativos
	2. Percursos recreativos
	3. Eventos culturais
IV. Reordenamento da malha viária, incentivando a redução do tráfego automóvel e estabelecimento de um percurso pedonal e uma ciclovia ligando o centro/baixa frente de água	1. Lugares de estacionamento.
	2. Paragens de transportes públicos
	3. Pontos de acesso de bicicletas
	4. Travessia do rio
	5. Percursos recreativos
V. Valorização do património histórico, arqueológico, natural e edificado	1. Zonas de contacto com a água
	2. Presença de vegetação ripícola nas margens
	3. Pontos de referência
	4. Pontos de vista/miradouros
	5. Integração de elementos patrimoniais

- **Arruamentos**

O guia - “Manual for Streets” – que pertence ao governo britânico procura estabelecer orientação para o desenho de arruamentos em zonas residenciais baseado na experiência e orientado para as características urbanas do Reino Unido (Department for Transport, 2007).

Para tal apresenta um conjunto de critérios para avaliar a qualidade dos seus arruamentos, tais como:

- Espaços de qualidade
- Estacionamento
- Geometria viária
- Materiais - escolha e manutenção
- Mobiliário urbano e iluminação de rua
- Necessidades dos utentes
- Rede e conectividade
- Sinalização viária e marcações

Este manual (Department for Transport, 2007) anuncia uma estrutura hierarquizada dos percursos cicláveis e pedestres, que permite melhoramentos ao nível do desenho a introduzir nas infra-estruturas, e tende a considerar aspectos como o impacto do tráfego viário, que pode ser previsto por projectistas aquando do seu desenho.

Define também, que os espaços de elevada qualidade, atraentes e sustentáveis, só podem ser considerados de qualidade quando são alvos de um bom desenho. No entanto, alguns espaços públicos fracassam pelo facto de não existir uma leitura linear e homogénea entre o edificado e os seus espaços exteriores como os arruamentos.

Neste aspecto, as fracas relações entre o edificado e os arruamentos pode ser manifestado, como por exemplo:

- As larguras ou comprimentos dos lotes ou dos edifícios devem estar relacionadas com as alturas dos edifícios e as características dos arruamentos.
- As traseiras e as fachadas dos edifícios necessitam de ser tratadas de forma diferente.
- Importante colocar as ruas a funcionarem como espaços públicos.
- O espaçamento entre edifícios é chave para o bom funcionamento das ruas e da sua qualidade estética.

O guia de boas práticas, refere ainda, a importância da necessidade de permitir o seu acesso a todos, sem olhar a raça, etnia, cor ou religião - conceito de design inclusivo, ou seja, se algum aspecto do espaço público for inexequível para alguém ou algum grupo, deve tentar-se acautelar a situação e procurar soluções.

É referido também, que a facilidade de atravessamento das ruas, depende essencialmente da linearidade e continuidade com que as mesmas são desenhadas e projectadas, evitando sempre

desvios. Torna-se assim, importante, que o desenho das vias considere o seu tipo e densidade, enquanto a sua largura deverá ser sempre constante, excepto quando a mesma possa ser reduzida como medida de abrandamento do tráfego (Department for Transport, 2007)

Os veículos, são também um importante elemento na estrutura de uma via pública, e para tal é necessário acomodá-los da melhor forma possível, através de parques de estacionamento. Grande parte dos parques de estacionamento são procurados por veículos ligeiros, que procuram sempre parques com boa capacidade e boa localização para fácil deslocação pedonal.

A sinalização viária também deve ser tida em conta. É necessário que seja simples e de fácil leitura. O mobiliário urbano e a iluminação deverão também estar inseridos neste lote de elementos da via pública. A iluminação pode trazer segurança, reduzir a criminalidade e trazer um aumento da circulação noturna, importante para um bom funcionamento da rede viária (Department for Transport, 2007).

4.7. CONCLUSÕES

A realização de metodologias de avaliação da qualidade do espaço público torna-se importante, na medida em que, colocam o espaço público num patamar superior ao que se encontrava. Através destes programas, pode-se responder de forma mais clara e incisiva, a problemas que nunca antes foram diagnosticados, tendo a acção da população um papel crucial.

É também importante, realçar o facto de que o espaço público pode ser a combinação de vários elementos tais como, praças, arruamentos, parques urbanos ou frentes ribeirinhas. E cada um desses elementos pode ser lido e avaliado de forma independente.

E neste aspecto, é de extrema importância ter em conta alguns princípios de avaliação que qualificam os espaços, entre os quais a continuidade, na medida em que contribui para uma leitura mais facilitada do lugar e para uma possível protecção dos recursos existente; coesão social, devido ao facto de um Arquitecto Paisagista trabalhar sobretudo para uma vertente mais social, e neste aspecto ter de considerar as expectativas e necessidades, sem exclusão do uso do espaço, de qualquer grupo social; legibilidade, permitindo ao utilizador uma fácil compreensão do espaço; sustentabilidade, a partir de uma gestão equilibrada dos recursos, possibilitando também um aumento da competitividade das cidades, através da criação de infra-estruturas verdes, contribuindo para um aumento da saúde pública; e por fim, identidade, representando o carácter e o significado do lugar, bem como a forma como o utilizador se relaciona com o espaço.

A destacar ainda, a importância que as entidades governamentais devem ter neste processo, pois são elas as responsáveis por grande parte do espaço em questão, e são também de quem a população mais espera.

5

CASO DE ESTUDO- ZONA URBANA DE BENFICA EM LISBOA

5.1. LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO

O caso de estudo desta dissertação tem como principal objectivo a realização de uma proposta para o espaço público localizado na freguesia de Benfica. A área de estudo não será a totalidade da freguesia, mas sim um pequeno aglomerado urbano que será detalhado mais adiante.

Esta proposta foi feita no âmbito de um estágio de valorização profissional, realizado na Divisão de Planeamento e Projecto (DPP), Direcção Municipal de Ambiente Urbano (DMAU) – CML, e com a orientação da Arquitecta e Arquitecta Paisagista Monica Farina e da Arquitecta Designer Susana Figueiredo. Os objectivos propostos para a realização do trabalho realizado na CML, passam sobretudo por potenciar o desenvolvimento da actividade profissional e de novas competências profissionais.

A Freguesia de Benfica, situada na zona Norte da Cidade de Lisboa, constitui um elemento charneira, para com os concelhos de Loures, Amadora e Oeiras, e está inserida na Área Metropolitana de Lisboa. Ocupa uma área de aproximadamente 8 Km², ou seja, cerca de 9,3% do território do concelho de Lisboa (Figura. 15).

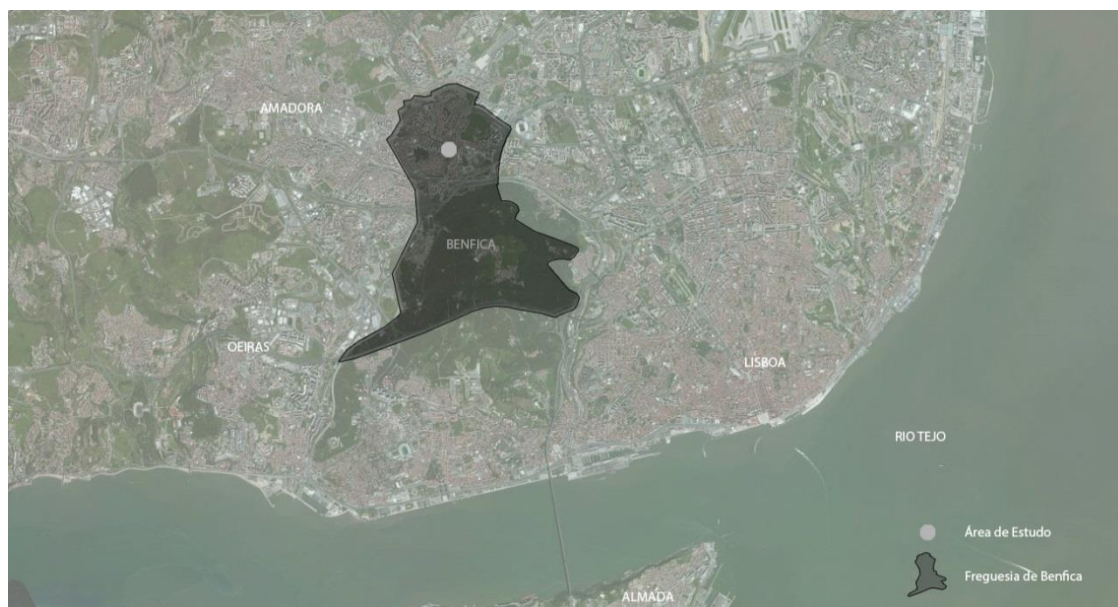


Figura. 15 - Localização da Freguesia de Benfica, Lisboa. Fonte: www.bing.com/maps/, 2014

5.2. FASES METODOLÓGICAS

A análise do presente caso de estudo realizou-se a dois níveis (Figura.16). O primeiro, ao nível da freguesia, onde são descritos vários pontos importantes que serão explanados mais adiante, como a sínteses histórica de Benfica, a sua caracterização biofísica, bem como a evolução paisagística do local, o PDM actualmente em vigor, Estrutura Ecológica e o seu contexto social. Esta análise permitirá assim, a elaboração de um diagnóstico, que permitirá tirar algumas conclusões preliminares da freguesia de Benfica.

Num segundo nível, do caso de estudo, é feita de forma inicial uma nova análise de elementos da área de intervenção como, estrutura verde, espaço público, tipologia e usos do edificado, que possibilitaram elaborar um diagnóstico mais aprofundado e direccionado para a área em estudo.

Estas abordagens, assentes em princípios da qualidade do espaço públicos abordados em pontos anteriores, permitirão desta forma a elaboração de uma proposta consistente para a área de intervenção.

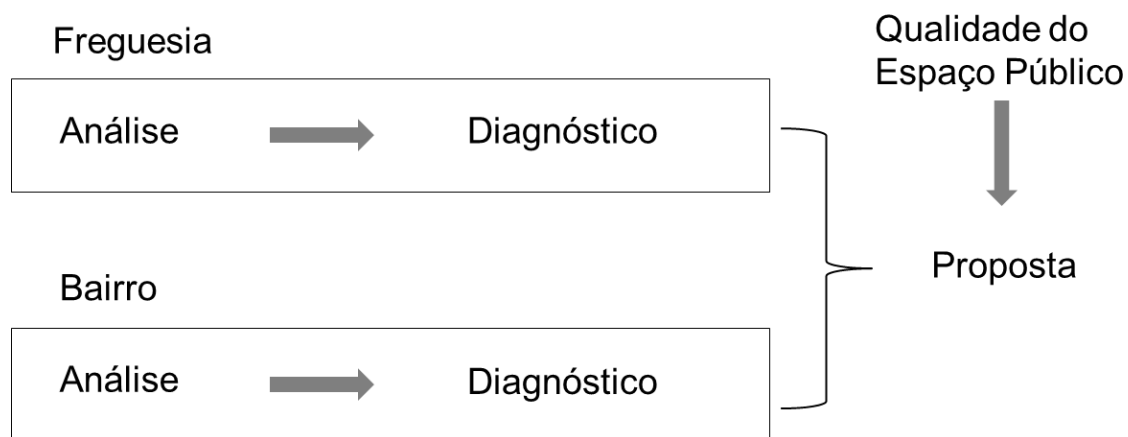


Figura. 16 - Fases Metodológicas. Fonte: Autor, 2014.

5.3. CARACTERIZAÇÃO DA FREGUESIA DE BENFICA

5.3.1. Enquadramento Biofísico

Em relação às suas características biofísicas, verifica-se que Benfica encontra-se numa área com encostas predominantes a Norte, muito por culpa da sua localização perante a Serra de Monsanto. Verifica-se também grande presença de encostas com exposição a Sul, e que conferem a este lugar benefícios microclimáticos.

A freguesia de Benfica encontra-se limitada a Norte pela Avenida dos Condes de Carnide e pela Avenida Lusíada. A Este pela Avenida do Colégio Militar e a Oeste pela CRIL e antiga Estrada da Circunvalação. Por fim, a Sul esta é limitada pela Auto-estrada A5.

Pode-se também caracterizar esta zona da Cidade de Lisboa como pertencente de uma grande Unidade de Paisagem. Com base nas características biofísicas, e com grande incidência nas sua topografia, hidrografia e geologia, conclui-se que Benfica pertence a Unidade de Paisagem de “Lisboa Norte” e “Lisboa Ocidental”, como indicado seguinte figura (Figura.17)

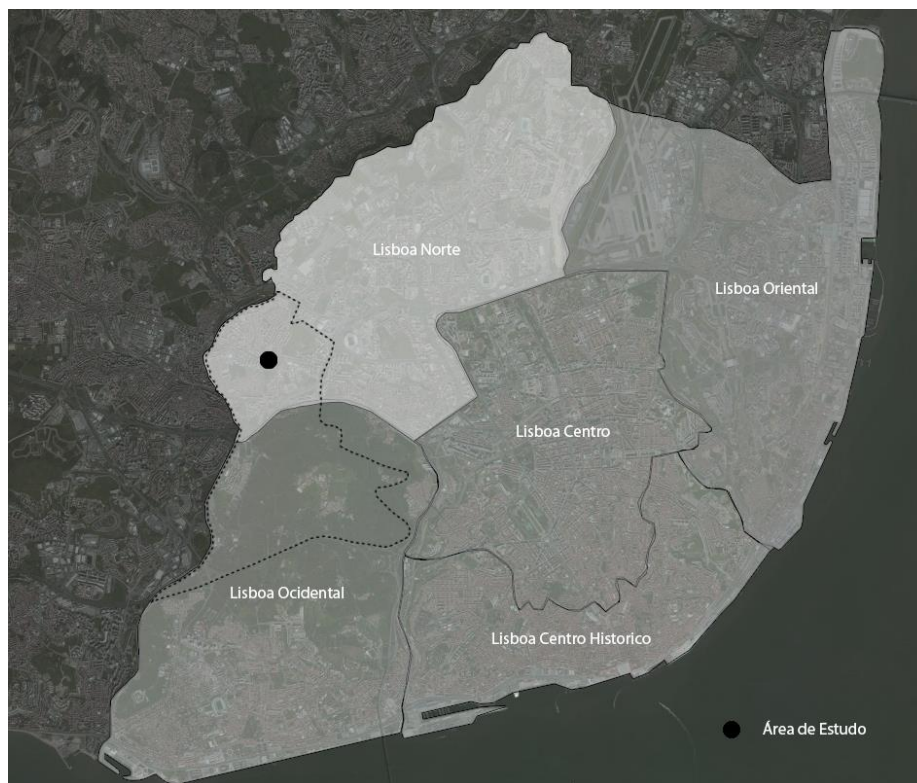


Figura. 17 - Unidade de Paisagem da Cidade de Lisboa. Fonte: Adaptado do PDM de Lisboa.

O seu grande aglomerado urbano está situado na unidade de “Lisboa Norte”, onde dominam as zonas planálticas, composta por extensas áreas de relevo muito pouco acentuada, com pequenas ocorrências de zonas baixas aluvionares, mas de grande importância na bacia hidrográfica de Alcântara. Estas extensas zonas mais baixas, encontram-se separadas por algumas elevações de declive moderado. Ao longo do limite Norte desta unidade, pode-se observar o desenvolvimento de zonas alcantiladas, ou seja, encostas de declive muito acentuado com exposição predominante a Norte. De realçar também, o complexo vulcânico de Lisboa aqui existente, com materiais essencialmente detríticos de origem continental, que afloram na zona de São Domingos de Benfica e na faixa noroeste do Concelho (CML, 2010). A destacar ainda a relevância da sua localização, na medida em que as características deste complexo poderão dar origem à criação de Barros, ou seja, de Solos de Elevado Valor Ecológico.

Quanto à sua hidrografia, Benfica pertence à maior bacia hidrográfica de Lisboa – Bacia Hidrográfica de Alcântara, onde é drenada toda a água pluvial desde o concelho da Amadora e através de Benfica, São Domingos de Benfica, e parte de Carnide, Nossa Senhora de Fátima, Santo Condestável, Prazeres e Alcântara. Esta bacia representa a bacia de maior importância do concelho

de Lisboa, e ocupa cerca 4700ha, muitos dos quais impermeabilizados, que drenam ao longo de 10km, canalizada até ao Tejo (CML, 2010).

5.3.2. Síntese Histórica

A ocupação humana em Benfica remonta ao tempo muçulmano, dada a sua forte presença ainda visível, nomeadamente na toponímia como Benfica, Alfovelos, Alfragide, entre outros. Benfica caracteriza-se por ser em tempos um vale fértil, com um curso de água que explicam a natural ocupação humana. (GEO, 2011)

A palavra Benfica, poderá ser etimologicamente árabe, e Oliveira Marques sugere que comprova a presença de colonos das tribos berberes Banu al Faqih ou Banu Gafigi, no entanto existem diversas versões sobre a sua origem. Fernão Lopes defende na crónica que a sua origem remete-nos ao rei D. Pedro I, e aí escreve:

"Maria Rousada, mulher casada com seu marido, que dormira com ela por força antes de a receber por mulher, ao que então chamavam, "Rousar" e depois "Forçar" (estuprar) por a qual cousa ele merecia morte se ela lhe não perdoasse. E tendo já dela filhos, viviam ambos muito contentes, e em grande bem querença e ouvindo-a El-Rey chamar por tal nome, perguntou porque lho chamavam? E soube da sorte como tudo fora, e que se avieram que casassem ambos por tal feito não vir mais a público. El-Rey por cumprir justiça mandou-o logo enforcar, e ia a mulher e os filhos carpindo atrás dele com grande lastimança, mas não lhe valeu. Dizem que isto sucedeu no Termo de Lisboa, no Lugar de Bemfica, e que dizendo os que acompanhavam El-Rey, que a mulher ficava mal, respondeu El-Rey: Bem fica, e casando-a depois com outro lhe deu com que passar; e que celebrando-se a acção del Rey ficara este nome ao Lugar, que dantes tinha outro, porque as palavras dos Príncipes, ditas com discrição, ficam em Provérbios, e quase em Leis, e Ordenações." (Lopes, 1897-1898)

Noutra versão, é atribuída a D. João I a denominação de Benfica, onde o mesmo oferece a quinta de S. Domingos à Ordem Dominicana para instalarem o convento, a aí terá comentado *"Aqui Bem-Fica o convento"*.

A data da sua criação não é conclusiva, embora, alguns autores defendem que tenha sido entre os séculos XII-XIII, quando se instituíram paróquias com invocação de Santa Maria, no entanto, as referências documentais remetem-nos ao século XIII (1263).

No séc. XIV, regista o primeiro povoamento com a criação do Paço Real por D. Dinis por volta de 1315, e que mais tarde foi doado por D. João I aos Dominicanos, para fundarem em 1399 o Convento de S. Domingos de Benfica. A referência mais antiga a Santa Maria de Benfica é datada de 1337, e a invocação à igreja e nova sede de paróquia, de 190-92 (Proença, 1964).

No séc. XV (1455), a freguesia de Benfica foi considerada sede de julgado no Termo de Lisboa, com dois juizes privativos, onde eram incluídos os territórios das Laranjeiras, Cruz de Pedra e Estrada da Luz (GEO, 2011).

No séc.XVIII, a população aumenta devido a construção do Aqueduto das Águas Livres que emprega vários trabalhadores, e depois do Terramoto em 1755, alguma classe alta da altura, busca segurança para os lados de Benfica, devido à sua paisagem e aí se instalam em quintas (Proença,1964).

Em 1814, a paróquia da Nossa Senhora da Amparo surge dividida em duas partes: da igreja para baixo até à Cruz de Pedra; da igreja para cima até à Venteira. Com esta divisão pode-se antever os antecedentes da criação da Freguesia de Domingos de Benfica em 1959. Entre 1852-1885 fez parte da Freguesia da Ajuda e do Concelho de Belém (Proença,1964). É também nesta época que aparecem os transportes públicos e aí assiste-se a um crescimento exponencial da população.

5.3.3. Evolução da Paisagem

O aumento dos transportes e a melhorias dos eixos estruturantes como a Estrada de Benfica, Estrada da Luz e a Av. Gomes Pereira em 1916, o Cemitério de Benfica (1869), e algumas estruturas fabris como a Fábrica de Malhas Simões (1913.1980), a Fábrica de Chitas, Armazéns Grandela, foram essências para a fixação da população e aumento da mesma, que contribuíram para a criação de bairros operários e equipamentos como Escola do Magistério Primário em 1913, e actual ESEL, bem como o Parque Silva Porto em 1911, na Quinta de Feiteira. (CONSIGLIERI, C *et.al.*, 1993)

Desta feita, a Freguesia de Benfica funcionava como uma das saídas de Lisboa, permitindo a ligação do centro da cidade de Lisboa, a Sintra, Mafra, entre outros. No entanto, o carácter de quintas com hortas e de espaços de lazer, foi perdido no séc. XX em boa parte devido a um aumento demográfico entre os anos 40 e 70, que contribuiu para um novo desenho urbano, com a introdução de novas artérias e novas habitações, bem como para o loteamento de quintas e alguns espaços agrícolas. Construíram-se também, com base nas linhas programáticas do Estado Novo, alguns bairros sociais e de realojamento, como Santa Cruz, Pedralvas, Charquinho e Boavista. (CONSIGLIERI, C *et.al.*, 1993) (Figura.17 e 18).

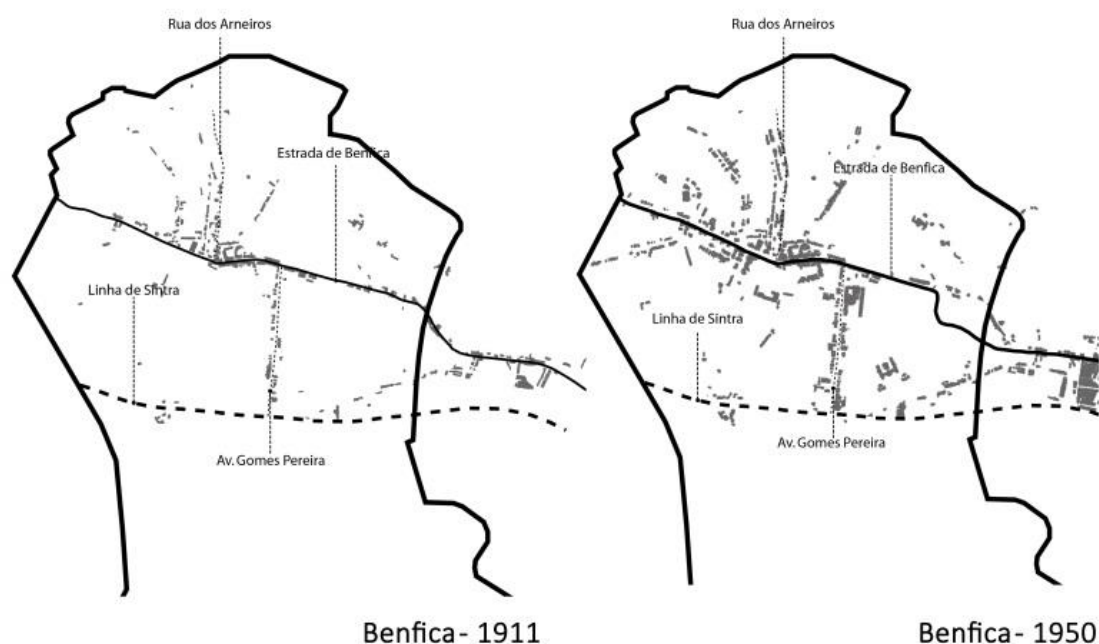


Figura. 17 - Evolução da Estrutura de Benfica. Fonte: Autor, 2014.

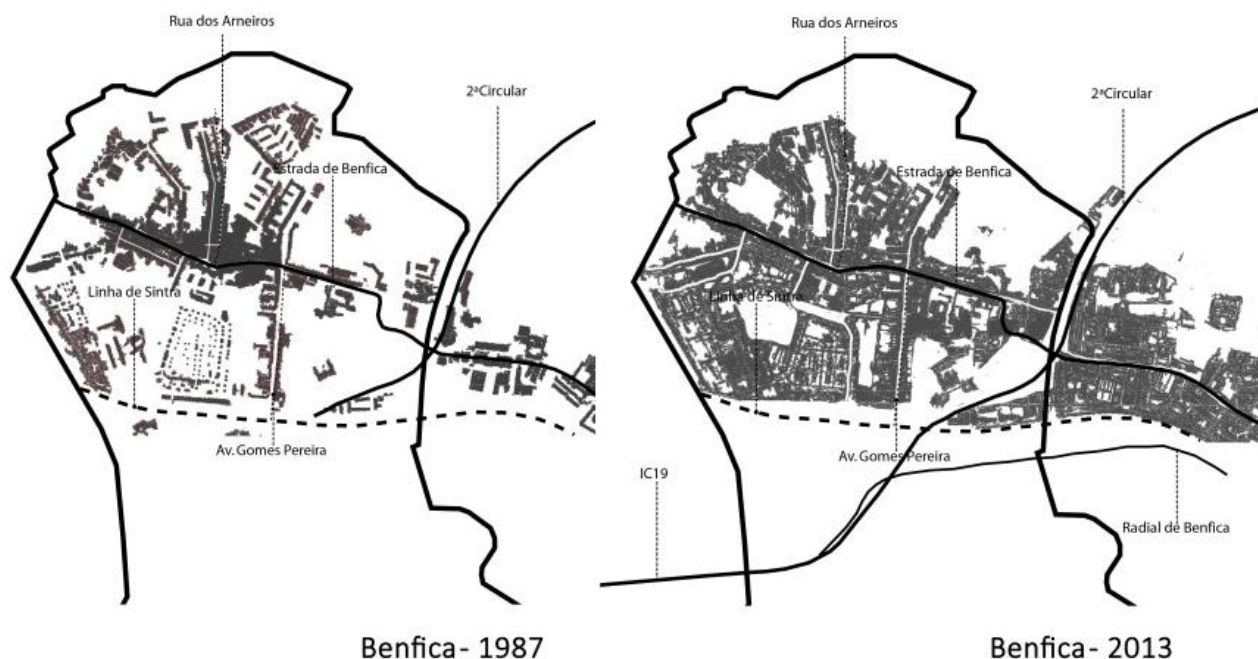


Figura. 18 - Evolução da Estrutura de Benfca. Fonte: Autor, 2014.

No último terço do séc. XX, registaram-se algumas intervenções importantes como o Mercado de Benfca em 1971, Fonte Nova, 1985, Escola Superior de Comunicação Social, 1993, Escola Secundária José Gomes Ferreira, 1982, Museu do Regimento de Sapadores dos Bombeiros, Estádio da Luz, todas estruturadas por uma rede viária bem marcada e dinamizada com a presença da 2ª Circular, CRIL, CREL, Eixo Norte-Sul (GEO, 2011).

“Velha Freguesia de saloios, cultivadores dedicados da terra, e de lavadeiras concorrentes das de Caneças, lugar de veraneio delicioso e de convívio ameno entre gente rica que para estas bandas tinha suas quintas e palácios, Benfca foi um dos mais deliciosos e poéticos lugares do Termo de Lisboa. Situada em lugar ameno, vindo desde um pouco para cá de Sete Rios, estendendo-se pela Estrada de Benfca que lhe servia de espinha dorsal, corria sempre por entre quintas e casas de campo, mais ou menos ricas, até à igreja paroquial.” (Proença, 1964).

No entanto, tal transformação não afectou uma linha de continuidade com a história antiga de Benfca, na medida em que hoje é, uma das freguesias com maior área, contribuindo para tal, o Parque Florestal de Monsanto, o Silva Porto, o Eucaliptal e a Quinta da Granja (Figura.19). De destacar também o carácter rural que foi conservado no Calhariz de Benfca que foi salvaguardado aquando do Plano de Pormenor em 1995 (Proença,1964).

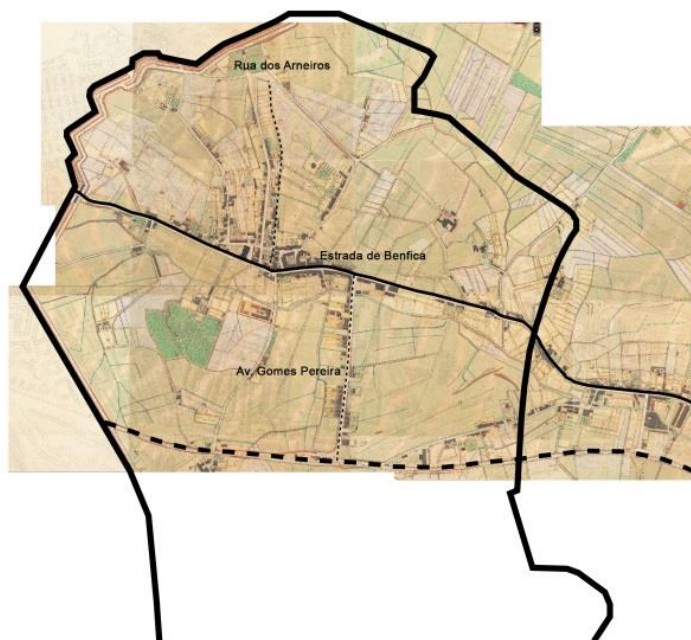


Figura. 19 - Benfica em 1911. Fonte: Bases Silva Pinto. lxi.cm-lisboa.pt/lxi/, 2014.

Em sùmula, os princípios do espaço público em Benfica estavam sobretudo associados a variantes mais rurais e agrícola, na medida em que a mesma freguesia era constituída por um conjunto vasto de quintas que permitiam aos seus proprietários uma vivência total do que se considera espaço público (Figura.20). Isto deve-se ao facto de haver uma troca constante de vivências e saberes da altura que conferiram ao lugar uma identidade própria que a distinguiu das outras, enquanto nos tempos mais modernos o espaço público é quase considerado um espaço-canal que nos permite a ligação entre dois pontos de forma mais rápida, esquecendo totalmente a sua verdadeira essência da definição de espaço publico – uso comum, troca de ideias, partilha de saberes e vivências.

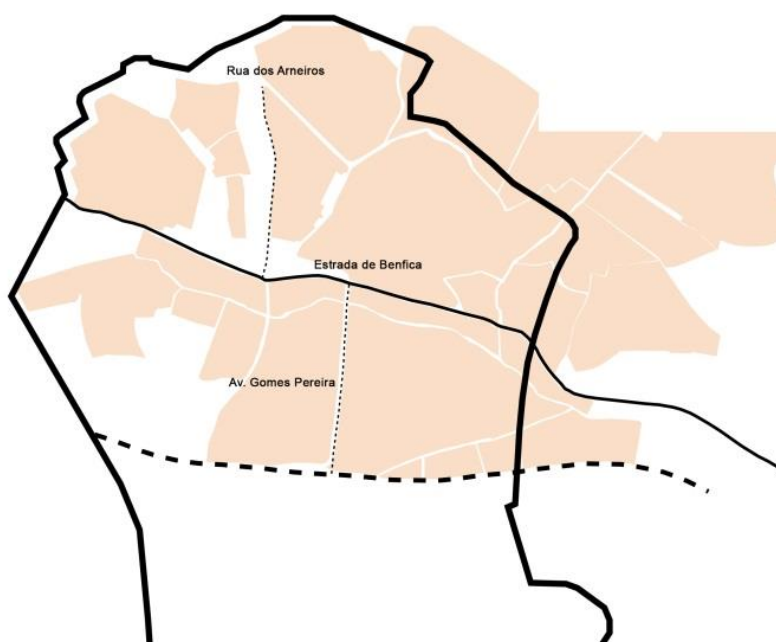


Figura. 20 - Estrutura de Quintas em Benfica em 1911. Fonte: Bases Silva Pinto. lxi.cm-lisboa.pt/lxi/, 2014.

E neste último aspecto, o papel do arquitecto paisagista é de grande importância, porque o seu desenho deve estar sempre direccionado para uma vertente social, na medida em que as suas propostas e o seu desenho devem permitir ao público-alvo uma apropriação tal, que lhes induza sensações, possibilitando a criação de identidade do espaço.

5.3.4. PDM em vigor e Estrutura Ecológica

De acordo com o actual Plano Director Municipal (PDM) (Figura. 21), é possível verificar que, a freguesia de Benfica encontra-se em grande parte ocupada por espaços designados “Espaços Verdes de protecção e conservação”, muito por culpa do Parque Florestal de Monsanto.

Outra das classificações em vigor no PDM, e defendida como “Espaços Consolidados”, são para além dos enumerados no ponto anterior, os “Espaços centrais residenciais”, os “Espaços de uso especial de equipamento” e os “Espaços Verdes de recreio e produção”, onde se destaca a Quinta da Granja e a Mata de Benfica. A frisar por último, estão os “Espaços a Consolidar”, onde estão inseridos alguns “Espaços centrais residenciais”, que na realidade constituem áreas expectantes sem uso definido.

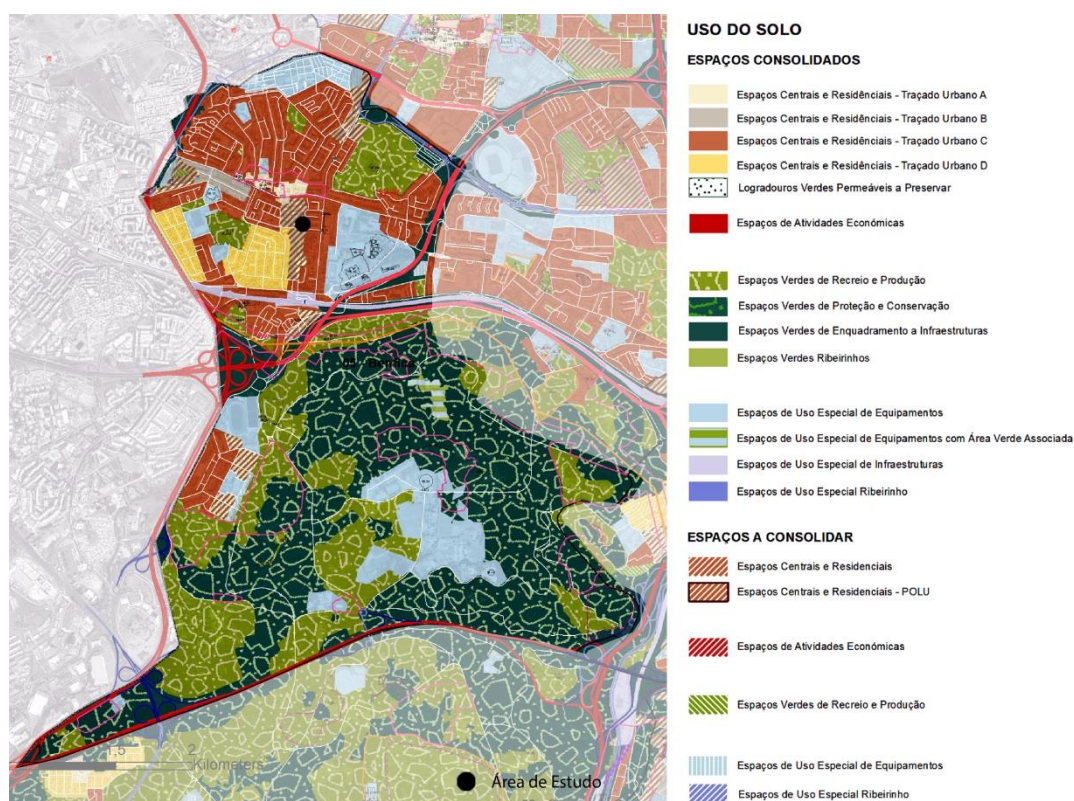


Figura. 21 - Plano Director Municipal em Vigor. Fonte: PDM CML – Câmara Municipal de Lisboa, Julho 2014.

Importa ressaltar ainda, o facto de a área em estudo estar implantada sobre zona de sistema húmido, muito por culpa da sua topografia, mas também e como já referido anteriormente, por Benfica pertencer à maior bacia hidrográfica de Lisboa – Bacia Hidrográfica de Alcântara, onde é drenada toda a água pluvial, ocupando quase 5000ha, destacado ainda mais pela presença de uma bacia de retenção a Norte de Benfica. As áreas verdes são também de grande importância, na medida em que

o Parque Florestal de Monsanto representa uma grande parte da Estrutura Verde desta freguesia, mas também de Benfica. A destacar por último, o facto de a área em estudo estar localizada entre três elementos importantes da Estrutura Verde da cidade de Lisboa, como a Quinta da Granja, Mata de Benfica e Monsanto (Figura. 22).

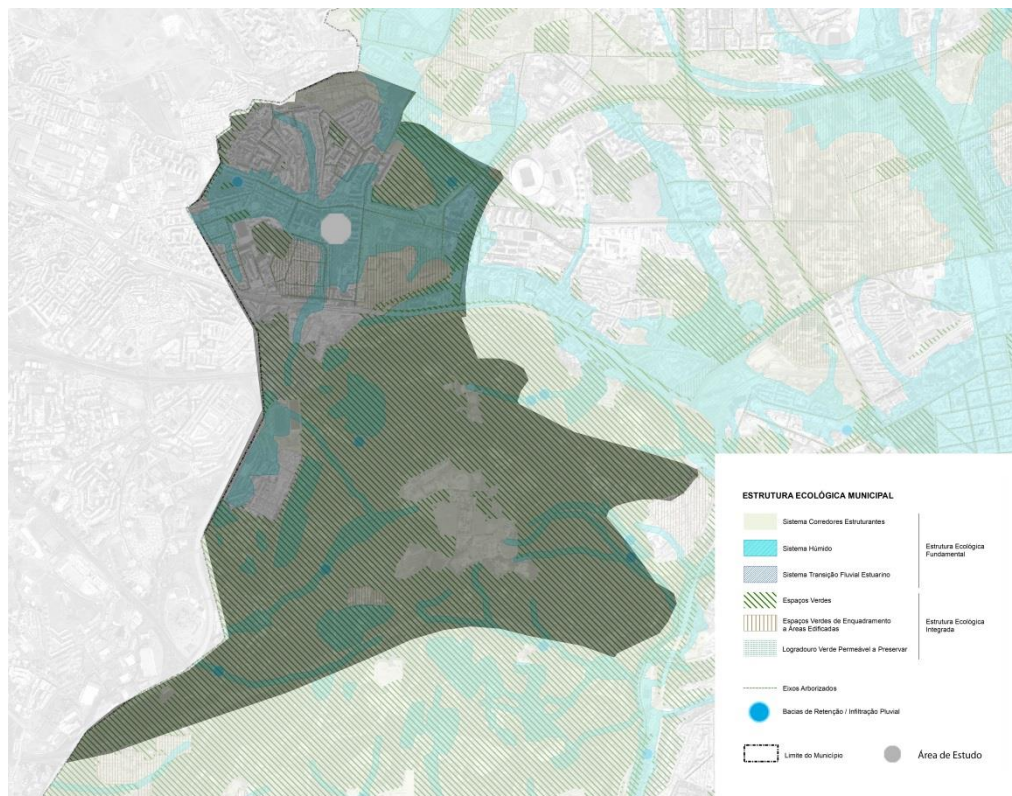


Figura. 22 - Estrutura Ecológica Municipal de Lisboa. Fonte: PDM CML – Câmara Municipal de Lisboa, Julho 2014.

5.3.5. População

A freguesia de Benfica é composta por uma considerável multiplicidade populacional quanto às suas origens, etnias e culturas. É composta por 36.821 habitantes, maioritariamente portugueses. A população estrangeira corresponde a perto de 10%, ou seja, 3.650 habitantes. (INE, 2014)

Desta comunidade estrangeira, destacam-se sobretudo pessoas oriundas de países das antigas colónias, como Brasil, Angola, Moçambique e Cabo Verde, mas também outros países do continente americano, que correspondem no total a metade dos residentes estrangeiros, cerca 1825 habitantes, que vivem na sua maioria em condições vulneráveis e que por vezes se auto-excluem da sociedade.

Quanto à sua estrutura etária, esta é adulta, na medida em que 61% dos habitantes tem 40 ou mais anos, enquanto jovens com idade igual ou inferior a 18 anos corresponde a 14,3%, o que resulta em cerca de 85% da população com idade adulta, dos quais 29% com idade superior a 65 anos. (INE, 2014)

Apesar de ser uma população adulta, esta apresenta níveis de instrução relativamente razoáveis. Cerca de 44,4% da população tem o Ensino Básico completo, 16,5% o Ensino Secundário e 30,7% algum tipo de grau académico. Por outro lado, apresenta números que devem servir de reflexão, pelo facto de apresentar uma taxa de 3% de habitantes com idade superior a 25 anos sem qualquer tipo de instrução e 2,8% de analfabetismo, possivelmente resultado de uma percentagem elevada de pessoas com idade superior a 70 anos de 21% e com poucas oportunidades de instrução.

No entanto, apesar de apresentar uma elevada taxa de população com idade superior a 70 anos, a população activa nesta freguesia é de 38,8%, onde se destacam as áreas do comércio a retalho, saúde, ensino e administração pública. De salientar também o desemprego sombra, como os trabalhadores por contra própria que não declaram os seus vencimentos estando por isso inseridos na taxa de 13,3% que a freguesia apresenta.

5.3.6. Habitação

A freguesia de Benfica é composta de acordo com os censos de 2011 por 2811 habitações. Na sua grande maioria, as habitações encontram-se bem conservadas tendo em conta o ano da respectiva construção. (INE, 2014)

5.3.7. Equipamentos e Serviços

Em termos de equipamentos e serviços, a freguesia de Benfica encontra-se bem fornecida. O número de estabelecimentos comerciais, prestação de serviços, restaurantes, clinicas encontram-se em bom número. No entanto, os equipamentos de apoio à educação são insuficientes, na medida em que existem no concelho cerca de 16341 crianças e apenas 2 estabelecimentos de educação básico, um dos quais privados. Quanto ao ensino pré-escolar, secundário e ensino superior encontra-se bem fornecido.

No fundo, a freguesia de Benfica encontra-se bem fornecida de equipamentos de apoio à população, tais como, Hospitais, Teatro, Cinema, Biblioteca, Universidades, bem espaço para lazer e prática desportiva, sendo o Parque Florestal de Monsanto um elemento importante no seu funcionamento. (INE, 2014)

5.4. DIAGNÓSTICO

Apesar de todas as qualidades enumeradas no ponto anterior, a freguesia de Benfica apresenta alguns problemas específicos e encontrados nos resultados expostos nos pontos anteriores e com base nos Censos de 2011 e de 2013, como por exemplo:

- Carência de estabelecimentos de ensino básico (Apenas 2);
- Taxa elevada de população desempregada (13,3%);
- Cerca de 6% com nenhum nível de escolaridade;
- Considerável taxa de analfabetismo (2,8%);
- Taxa elevada de população inactiva (44,7%);
- Multiplicidade populacional quanto às origens sociais, culturais e étnicas;
- Exclusão Social;
- 21% Da população com mais de 70 anos;
- Freguesia implantada sobre sistema húmido;
- Grande presença de elementos da Estrutura Verde de Lisboa;
- Bacia Hidrográfica de Alcântara com enorme peso;
- Presença de elementos do Complexo Vulcânico de Lisboa;
- Susceptibilidade de criação de solos de elevado valor ecológico.

5.5. CONCLUSÕES PRELIMINARES

Com estes dados, é possível concluir que, existe uma grande deficiência de apropriação do espaço público por parte da população, na medida em que um dos grandes problemas da freguesia de Benfica é a sua exclusão social, muito por culpa das inexistências de espaços de uso comum da população que possibilite a troca de experiências e saberes entre a população residente.

A salientar ainda a pouca existência de espaço públicos para recreio activo, bem como a existência de áreas de uso indefinido e que apenas contribuem para a degradação da estrutura urbana de Benfica.

Torna-se assim, importante, encontrar um conjunto de soluções que permitam a apropriação do espaço por parte dos cidadãos, e para tal, o arquitecto paisagista terá um papel fundamental, na medida em que, tem como principal função, a preocupação pelo bem comum.

5.6. ANÁLISE E DIAGNÓSTICO PAISAGÍSTICO DO CASO DE ESTUDO

Em seguida será feita uma análise mais detalhada a elementos de grande importância, como a Estrutura Verde, Espaço Público existente, bem como, os Usos e as Tipologias do edificado. Com isto, pretende-se encontrar um conjunto de características que nos permitam identificar pontos negativos e positivos, para que seja possível elaborar um diagnóstico e por conseguinte, encontrar um conjunto de soluções que visem o aumento da qualidade do espaço público da área em estudo.

A área em estudo encontra-se delimitada a Norte pela Estrada de Benfica, a Sul pela Rua da Venezuela, a Oeste pela Rua Garridas e Avenida Grão Vasco e a Este pela Avenida Gomes Pereira.

Caracteriza-se por ser um aglomerado urbano constituído por três grandes quarteirões, que apresentam diferentes níveis de consolidação (Figura. 23).



Figura. 23 - Caso de Estudo - Limites. Fonte: Autor, 2014

5.6.1. Estrutura verde

Na carta de Estrutura verde (Anexo D, Desenho Técnico 02 - Carta de Estrutura Verde), são apresentadas as áreas verdes da zona em estudo. É possível observar a pouca existência de áreas verdes de recreio activo, bem como de vegetação arbustiva apenas evidenciada pela presença de algumas áreas verdes de enquadramento. A ressaltar também, a grande presença de árvores de alinhamento que se encontram em grande parte nos arruamentos.

Na área em estudo, é de realçar também a existência de uma grande área de terreno expectante e sem uso definido, apenas com algumas hortas de carácter ilegal, mas que se considerou para esta análise (Figura. 24).

Com isto é possível fazer um cálculo da área verde existente na área de estudo, e que corresponde a 43.140,27 m².



Figura. 24 - Carta de Estrutura Verde (Anexo D). Fonte: Autor, 2014

5.6.2. Espaço público

Na carta de análise de espaço público (Anexo D, Desenho Técnico 03 - Carta de Espaço Público), foram consideradas as seguintes classificações, “Espaço público automóvel”, “Espaço público de estacionamento” e “Espaço público pedonal”, que ocupa no total, uma área de cerca de 69.014,15 m². Com estes números e análise, é possível observar que a área em estudo está subaproveitada no que ao espaço pedonal diz respeito, na medida em que deparamo-nos com três situações diferentes. Na primeira o espaço público está consolidado e muito agarrado ao desenho urbano, enquanto nas outras situações o Espaço pedonal encontra-se sobretudo agarrado à via automóvel (Figura. 25).

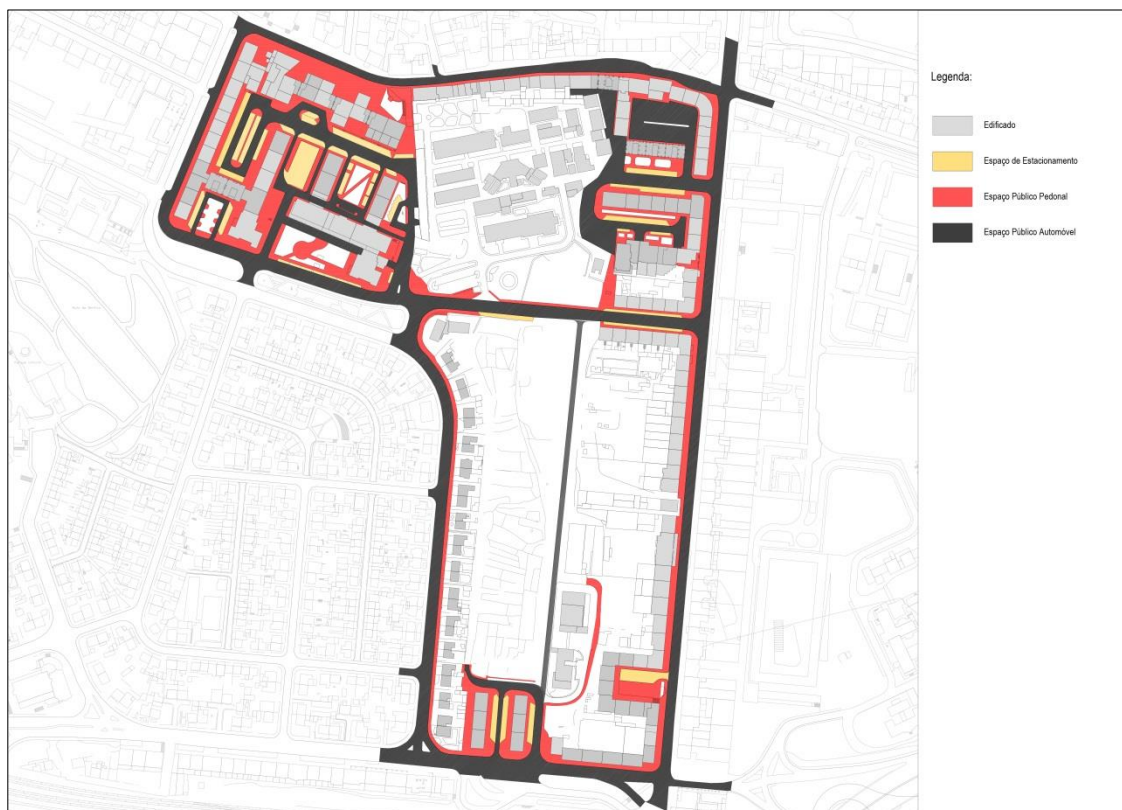


Figura. 25 - Carta de Espaço Público (Anexo D). Fonte: Autor, 2014

5.6.3. Tipologia do Edificado

A carta referente à tipologia dos edifícios (Anexo D, Desenho Técnico 04 - Carta de Usos do Edificado) faz a análise de toda a área construída, referente à habitação e comércio (Figura. 26).

A área em estudo é constituída por 235 edifícios, dos quais 186 são destinados à habitação. De evidenciar também, a área ocupada por habitação e comércio, que corresponde a cerca de 32.185,2m².

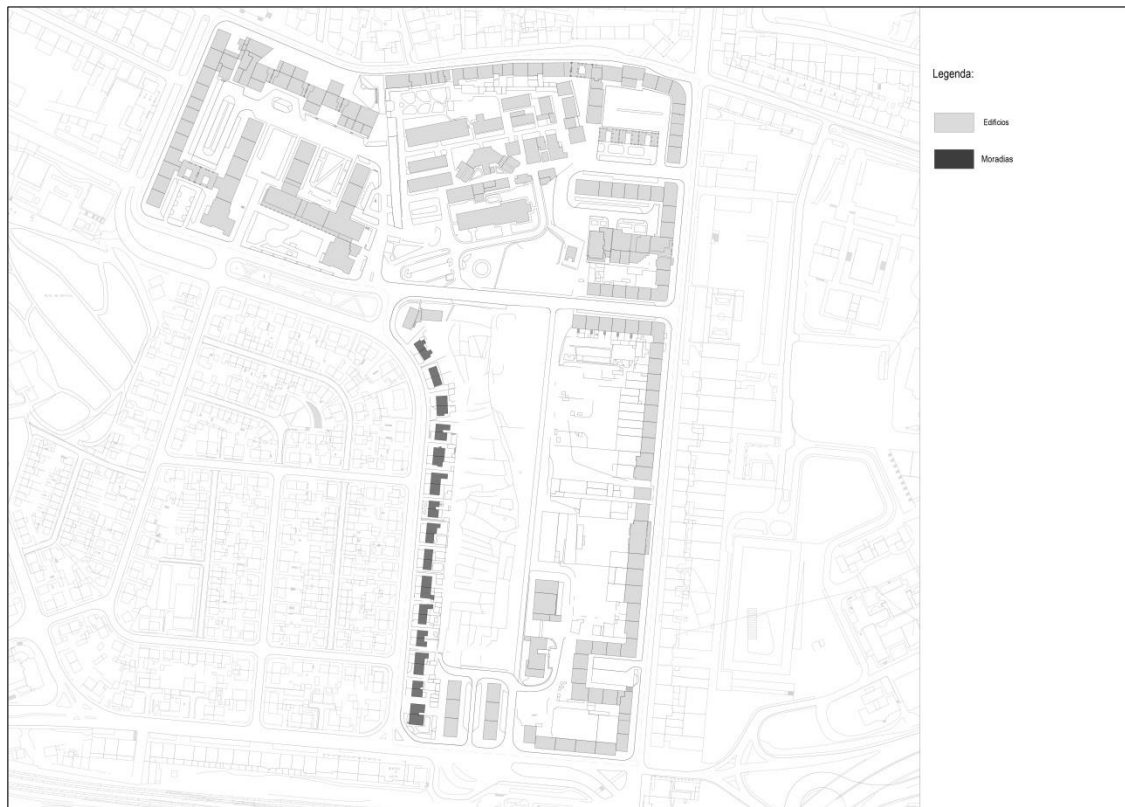


Figura. 26 - Carta de Tipologia do Edificado (Anexo D). Fonte: Autor, 2014

5.6.4. Usos do Edificado

Com a carta de análise de usos dos edifícios (Anexo D, Desenho Técnico 05 – Tipologia do Edificado) é possível verificar dois usos predominantes do edificado existente, ou seja, comercial e sobretudo residencial. Esta última constituída por cerca de 156 edifícios de apartamentos e cerca de 30 moradias (Figura. 27).

A zona residencial encontra-se dividida em três grandes blocos ou quarteirões, sendo que o primeiro deles apresenta zonas de estadia, no entanto com alguma degradação, enquanto nos restantes é visível a inexistência de espaços e zonas verdes para recreio activo ou passivo.

A salientar também, a existência, em grande numero, de comercio situado em grande parte nos pisos térreos dos edifícios de apartamentos.

Por último, evidencia-se a presença de edifícios de caracter privado, pertencentes ao Laboratório Nacional de Investigação Veterinária (LNIV).



Figura. 27 - Carta de Usos do Edificado (Anexo D). Fonte: Autor, 2014

5.6.5. Diagnóstico

Após a análise feita ao local, foi possível elaborar um conjunto de dados que nos permitem diagnosticar a área em estudo.

- a. Inexistência de áreas verdes ou equipamentos destinados a recreio activo, bem como locais para implantação dos mesmos.
- b. Estrutura Verde composta por apenas 7,2% de áreas verdes destinadas a uso público, 24,2% a uso privado e cerca de 68,6% de áreas verdes pertencentes a área expectante e sem uso definido. Quanto ao seu estado actual, encontram-se razoavelmente bem tratadas, à excepção da área de uso indefinido que possui falta de manutenção e desta forma é subaproveitada.
- c. Área de intervenção está implantada sobre o sistema húmido, conforme indicado no Plano Director Municipal de Lisboa, e situadas perto de elementos da Estrutura Verde da cidade, Quinta da Granja, Mata de Benfica e Parque Florestal de Monsanto.
- d. Presença de algumas marcas de vandalismo, como por exemplo, grafitis, mobiliário urbano degradado, caldeira de árvores sem uso. No entanto, todas estas marcas não apresentam grande relevo para o conforto de espaço público da área de intervenção.

Desta forma, e por meio das conclusões obtidas, a proposta de intervenção para este aglomerado urbano da Freguesia de Benfica tem como grande objectivo a melhoria da qualidade do espaço público do caso em estudo como demonstrado pelo Quadro 8.

Quadro 8 - Checklist dos critérios gerais. Fonte: Brandão, 2002.

	Pontos fortes	Pontos fracos	Avaliação (1 a 5)
Identidade	-	Alguns do centro Histórico preservado	3
Continuidade Permeabilidade	Proximidade perante Monsanto. Localização em sistema húmido.	Inexistência de áreas verdes.	2
Segurança Conforto Apreciação	-	Marcas de vandalismo. Inexistência de algumas marcas para passagem de peões.	3
Mobilidade Acessibilidade Permeabilidade	-	Inexistência de áreas de infiltração e de Mobilidade Suave.	3
Inclusão Coesão Social	-	Inexistência de áreas verdes de recreio e de uso comum	1
Legibilidade	-	Inexistência de áreas de uso comum.	1
Diversidade Adaptabilidade	-	-	-
Resistência Durabilidade	-	-	-
Sustentabilidade	Localização privilegiada perante elementos da Estrutura Verde.	Inexistência de grandes áreas verdes.	2

5.7. PROPOSTA

5.7.1. Objectivos

A proposta elaborada para esta área de intervenção, tem como objectivo primordial ir ao encontro das características fundamentais que um projecto de espaço público deve deter e que Brandão (2002) defende (Capítulo 3), enumerando como critérios principais:

- IDENTIDADE, CONTINUIDADE;
- PERMEABILIDADE;
- SEGURANÇA | CONFORTO;
- APRAZIBILIDADE;
- MOBILIDADE | ACESSIBILIDADE;
- INCLUSÃO e COESÃO SOCIAL;
- LEGIBILIDADE, DIVERSIDADE;
- ADAPTABILIDADE;
- RESISTÊNCIA | DURABILIDADE;
- SUSTENTABILIDADE.

Quanto à área em estudo, esta apresenta algumas deficiências e incoerências, na medida em que não existe uma leitura clara e coerente dos espaços públicos e dos seus usos. Os espaços encontram-se de certa forma desfragmentados, mas concentrados num único ponto, contribuindo para uma má qualidade dos espaços públicos o que deve ser tido em conta na proposta para o espaço público.

Com a proposta de intervenção pretende-se um aumento da atração dos moradores para com o espaço público desta área, na medida em que contribuirá de forma crucial para a melhoria da qualidade de vida dos mesmos.

Com esta finalidade, a proposta tem como base as seguintes linhas principais:

- i. Aproveitar a presença de sistema hídrico para criação de áreas verdes;
- ii. Criação de estrutura verde, actualmente concentrada mas desfragmentada;
- iii. Criar zonas de recreio activo e passivo;
- iv. Aumento da interacção entre cidadãos;
- v. Elemento central, conferindo identidade própria;
- vi. Uniformização dos pavimentos, actualmente não existe;
- vii. Melhoramento de algumas zonas de estacionamento que se encontram confusas;
- viii. Criação de ciclovias como forma de conectar outros pontos importantes;
- ix. Requalificação de hortas já existentes;
- x. Intensificação de elementos arbóreos.

A proposta de intervenção para a presente área de estudo, teve como objectivo principal, o incremento de alguns critérios analisados em pontos anteriores e referidos por Brandão (2002), que

visam o aumento da qualidade do espaço público. A salientar também, a existência de uma proposta para a área em referência no caso do estudo, resultante do trabalho executado durante o Estágio de Valorização Profissional, na Divisão de Planeamento e Projecto (DPP), Direcção Municipal de Ambiente Urbano (DMAU) – CML.

Procedeu-se então à elaboração de uma proposta esquemática, que sintetiza de forma clara, os principais pontos e objectivos da proposta. Como é possível observar (Figura 28), a área em estudo encontra-se no centro de várias acções, nomeadamente de elementos da Estrutura Verde da cidade de Lisboa, como a Mata de Benfica, Parque Florestal de Monsanto e Quinta da Granja. Ao mesmo tempo, encontra-se próximo de pontos estratégicos, como a Estação de Benfica, Centro Comercial Colombo, Fonte Nova ou até o Estádio da Luz



Figura. 28 - Proposta esquemática. Fonte: Autor

Para tal, tornou-se necessário definir e encontrar um conjunto de soluções que tornem possível a integração com as dinâmicas já existentes, de forma a obter um resultado que possa ser lido como um todo e de forma homogénea.

Foi desta forma elaborado um plano, com vista à realização de uma proposta de intervenção (Figura 29).



Figura. 29 - Plano Geral. Fonte: Autor, 2014.

Começando pelas áreas verdes, estas encontram-se em razoável estado de conservação, no entanto, apresentam pouca variedade vegetal, são fragmentadas e sem uso definido, acarretando consequências, em termos de legibilidade e continuidade do espaço

Desta feita, é dado especial ênfase à melhoria do revestimento vegetal, através da colocação de herbáceas, arbustos ou árvores (Figura. 30).

A vegetação suporta funções críticas na biosfera, em todas as possíveis escalas espaciais. Primeiro, a vegetação regula o fluxo de numerosos ciclos, como o da água, e do carbono, além de ser um factor importante nos balanços energéticos.

Esses ciclos são importantes não somente para os padrões globais de vegetação, mas também para os de clima. Em segundo lugar, a vegetação afecta as características do solo, incluindo seu volume, sua química e textura, por meio da produtividade e da estrutura da vegetação. É a principal fonte de oxigénio na atmosfera, permitindo que o sistema de metabolismo aeróbico evolua e persista. E por fim contribui também para o bem-estar psíquico do homem.

Para tal, a escolha do material vegetal incide sobretudo em espécies autóctones, por forma a aumentar o índice de sustentabilidade dos espaços. Outro factor importante na escolha, foi a natureza da folhagem das árvores, sendo importante a colocação de árvores de folha caduca, para um aumento do conforto bioclimático, bem como para a aprazibilidade em relação ao local. É proposto assim, a colocação de árvores em alguns alinhamentos em falta, no estacionamento e nas áreas verdes de enquadramento, oferecendo-lhes um novo desenho (Anexo D, Desenho Técnico 10.2 e 10.3 – Plano Geral) (Figura. 30).



Figura. 30 - Inexistência de zonas de estadia em área verde de enquadramento. Fonte: Autor, 2014

O estacionamento que serve toda a área em estudo é delimitado apenas pela área do passeio, e muitas vezes pela área de estrada, levando a um subaproveitamento do mesmo, como no caso da área correspondente ao trabalho executado durante o estágio de valorização profissional na CML e que estará no futuro em processo de obra (Anexo D, Desenho Técnico 10.2 – Plano Geral) (Figura. 31). Para tal, é proposto um novo desenho para o estacionamento apoiado na colocação de elementos arbóreos que não existiam permitindo o aproveitamento da zona de estacionamento, e conferindo Legibilidade ao local.



Figura. 31 - Inexistência de marcas de estacionamento. Subaproveitamento do mesmo. Fonte: Autor, 2014

Para a área expectante (Figura. 32), é proposta a introdução de um parque urbano, que permitam a apropriação do mesmo pelos utentes, possibilitando a criação de identidade ao espaço, através de elementos sob forma de recreio activo e/ou passivo. É proposta a implementação de uma área considerável de relvado em área aberta e de hortas urbanas, que possibilite a utilização comunitária e o desenvolvimento de actividades ligadas à agricultura.



Figura. 32 - Área de uso expectante. Fonte: Autor, 2014

Propõe-se também a implementação de um pequeno polidesportivo e de um parque infantil, conferindo ao espaço uma Diversidade e Adaptabilidade em relação aos seus usos, permitindo a integração de todo o tipo de grupos etários e sociais, como contributo para uma maior inclusão e coesão social. (Anexo D, Desenho Técnico 9.1 – Cortes; Desenho Técnico 10.1 – Plano Geral).

Outro elemento a ter em conta é os caminhos propostos no parque. O caminho principal, destinado a um percurso mais rápido e de atravessamento do mesmo, permite uma Legibilidade do espaço, conferindo segurança a quem o atravessa, na medida em que é oferecida visão perfeita dos limites do parque. O caminho secundário, destinado a diferentes usos, mais de contemplação, e que permite um aproveitamento diferente do lugar. Tanto o caminho principal como o secundário são rematados com a existência de pequenas praças que podem possibilitar áreas de estadia, reunião e recreio (Anexo D, Desenho Técnico 9.2 – Cortes).

É também proposta, a criação de elementos de estadia em toda a área de intervenção, grande parte ensombrada, que permita aos utilizadores desfrutar do espaço público, atribuindo conforto e apazibilidade. Quanto aos pavimentos, este é um aspecto fundamental dos percursos cicláveis não só porque é determinante para a durabilidade do conjunto, bem como contribui decisivamente para os aspectos de segurança e conforto de quem os utiliza.

Pavimentos com uma superfície mais regular oferecem mais conforto, dado que acusam menor trepidação. Os pavimentos são variados e neste sentido, é proposta uma uniformização dos pavimentos, ao nível das vias automóveis, bem como dos passeios e áreas de estacionamento (Anexo D, Desenho Técnico 08 – Plano de Pavimentos; Desenho Técnico 10 – Plano Geral).

Quanto à via automóvel, encontra-se em bom estado, não necessitando de grandes alterações, bem como a área destinada ao uso pedonal. É proposta também, a colocação de passadeiras pedonais em locais cruciais e que de momento são inexistentes, conferindo grande perigo para a população (Anexo D, Desenho Técnico 08 – Plano de Pavimentos).

Quanto aos pavimentos usados na proposta para o parque urbano, é proposta essencial lajes de betão para o caminho principal, e saibro para o caminho secundária (Anexo D, Desenho Técnico 8.1 – Plano de Pavimentos). A salientar também, que a segurança desta área passa não só por este conjunto de soluções, mas também pela iluminação da mesma, que deverá ser obrigatória em toda a área.

Por último e não menos importante, é proposta a criação de uma ciclovia, ligada à rede existente, assegurando a mobilidade suave da área em estudo. Como já explicado anteriormente, esta área encontra-se situada no centro de várias acções, nomeadamente de elementos, como a Mata de Benfica, Parque Florestal de Monsanto e Quinta da Granja, bem como, a Estação de Benfica, Centro Comercial Colombo, Fonte Nova ou até o Estádio da Luz, permitindo assim a ligação entre estes três pontos importantes (Anexo D, Desenho Técnico 08 – Plano de Pavimentos; Desenho Técnico 10 – Plano Geral; Desenho Técnico 9.3 - Cortes) (Figura 33).

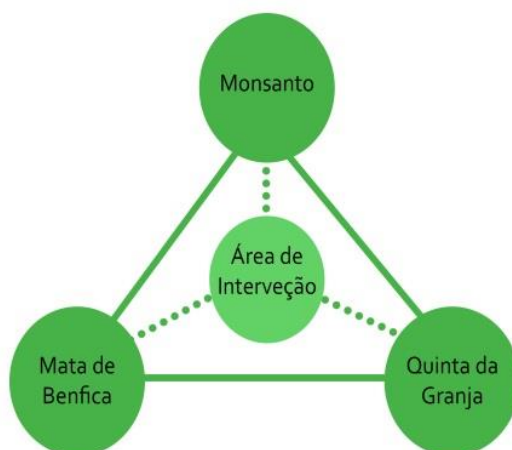


Figura. 33 - Triangulação. Fonte: Autor, 2014.

6

CONCLUSÃO

A realização desta dissertação permitiu aprofundar e clarificar o papel do Arquitecto Paisagista na sociedade, na medida em que o mesmo tem como alvo principal a sociedade e as suas vivências, bem como as suas trocas e saberes. Permitiu também, entender o conceito de Espaço Público, como algo mais complexo e completo que aquele que parecia ser até então. O seu conceito, à partida difícil de definir, tornou-se clarividente na sua globalidade, isto porque engloba muito mais factores que aqueles facilmente reconhecidos, como coesão e inclusão, bem como integração ou conforto, e que servem de base para um bom projecto de espaço público.

Para tal, procurou-se através de uma pesquisa bibliográfica extensa e intensiva, metodologias e programas que têm sido desenvolvidos, e que têm como objectivo o apoio a propostas de recuperação ou requalificação de espaços públicos, devido ao valor que lhes é reconhecido por parte da sociedade. No entanto, apesar deste reconhecimento, não existe grande apoio por parte das entidades públicas em Portugal, relativamente à avaliação e implementação de programas que possam avaliar a qualidade do espaço público. Esta inexistência leva por conseguinte à injustificação da não funcionalidade e das falhas de alguns espaços.

Com isto, é preciso ser-se capaz de conseguir arranjar estímulos de atracção na sociedade, para conseguir a uma maior permanência dos utentes no espaço. Alguns destes espaços são áreas verdes, que são elementos de grande interesse, e com grande influência na qualidade da vida de uma sociedade, e que proporcionam várias valências, mas também são forma de sustentabilidade ambiental de qualquer urbe.

O caso prático de estudo, corresponde a uma zona urbana da freguesia de Benfica, sendo o estudo posterior a uma anterior proposta para uma área mais pequena do presente caso de estudo, e que resulta do trabalho executado durante o Estágio de Valorização Profissional, na CML. Com esta proposta, pretende-se realizar um exercício prático, tendo como base principal os conceitos analisados e estudados em pontos anteriores. Para tal, efectuou-se uma proposta de requalificação para o espaço público deste aglomerado, considerando aspectos importantes e imprescindíveis num projecto de espaço público. A referir também a importância da reflexão sobre esta temática, na medida em que se tornou essencial para a realização de uma proposta para um caso real de estudo no âmbito do estágio de valorização profissional.

Como apontamento final, é de referir que este tema é de extrema importância, nomeadamente para às entidades públicas que prestam serviço à sociedade civil, mas também para projectistas, desenhistas e sobretudo para Arquitectos Paisagistas. E neste aspecto, é importante o seu enfoque e procura de soluções, como forma de dar resposta aos espaços necessitados de qualidade.

7

BIBLIOGRAFIA

Adams, S., Chapman, D., Cowen, R. (2012) *Urban Design Skills*. [Internet] Disponível em: <http://www.urbandesignskills.com> [Consult. 11 de Março 2014].

Almeida, A. (2006) *O Valor das Árvores – Árvores e Floresta Urbana de Lisboa*. Tese de Doutoramento em Arquitectura Paisagista. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa.

Alves, F.B. (2003). *Avaliação da qualidade do Espaço Público Urbano. Proposta metodológica*. Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa

Antunes, P. (2009) *Gestão Sustentável de Espaços Públicos – Guia Metodológico*. Departamento de Ciências e Engenharia do Ambiente. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Caparica.

Araújo, L.M. (2007). *Avaliação de Espaços Públicos: o caso de duas praças no concelho de Caminha*. Dissertação de Mestrado. Escola de Engenharia da Universidade do Minho.

Ascher, F. (1995). *Métapolis ou l'avenir des villes*. Paris: Editions Odile Jacob

Atena, A. (2009) *Percepção Ambiental do Parque Urbano Moinhos de Vento, Porto Alegre – RS, Brasil*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Agronomia. Universidade Técnica de Lisboa.

AUGÉ, M. (1999) *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. 2ª Ed. Lisboa, Bertrand Editora, 1998. ISBN 972-25-0580-7.

Balotta de Oliveira, P. e Bitar, O. (2006) *Indicadores ambientais para o monitoramento de Parques Urbanos*. [Internet] Disponível em: http://www.interfacehs.sp.senac.br/br/artigos.asp?ed=11&cod_artigo=196 [Consult. 16 de Maio 2014].

Beck, H. (2009) *Linking the quality of public spaces to quality of life*. Journal of Place Management and Development. vol.2, nº 3, 240-248, Emerald Group Publishing Limited, London.

Brandão, P - *O chão da cidade: Guia de Avaliação do Design de Espaço Público*: 2002. 1ª Ed. Lisboa: Centro Português do Design, Abril de 2002. ISBN 972-9445-19-2.

Brandão, P. (2008) *A identidade dos lugares e a sua representação colectiva. Bases de orientação para a concepção, qualificação e gestão do espaço público*. Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. ISBN 978-972-8569-43-3

Brandão, P. e Remessar, A. (2004) *Design Urbano Inclusivo*. Centro Português de Design. Lisboa.

Caporusso, D., Matias, L. (2008). *Áreas Verdes Urbanas: Avaliação e proposta conceitual*. 1º Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo. 17-19/novembro/2008. Campus Bela Vista. São Paulo.

Carmona, M., Heath, T., OC, T., Tiesdell, S. (2010) *Public places urban spaces: the dimensions of Urban Design*. 2ª Ed.. Elsevier. Oxford e Burlington.

Consiglieri, C. (1993) *Pelas freguesias de Lisboa: Benfica, Carnide, Ameixoeira, Charneca, Lumiar*. Lisboa, Câmara Municipal, 1993.

CML, Câmara Municipal de Lisboa (2010) *Relatório síntese de Caracterização Biofísica de Lisboa no âmbito da Revisão do Plano Director Municipal de Lisboa*. Lisboa: CML, Fevereiro, 2010.

Department for Transports (2007) *Manual for Streets: a summary*. [Internet] Disponível em <http://www.dft.gov.uk/pgr/sustainable/manforstreets/> [Consult. 11 de Maio 2014].

Favacchio, A. R. (2002) *O Planeamento do Espaço Público e a Qualidade das Cidades*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.

Fernandes, A. (2012). *Metodologias de Avaliação da Qualidade dos Espaços Público*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto.

Fonseca, F., Gonçalves, A., Rodrigues, O. (2010) Comportamentos e Percepções sobre os Espaços Verdes da Cidade de Bragança. *Finisterra*, XLV, 89, 2010, pp.119-139, Bragança.

Fortuna, Carlos (1997) *Cidade, Cultura e Globalização*. 1ª Ed. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-8027-78-8

Francisco, M. (2005) *Espaço Público Urbano: oportunidade de Identidade Urbana Participada*. X Colóquio Ibérico de Geografia. Associação Portuguesa de Geógrafos, 22-24/setembro/2005, Évora. [Internet] Disponível em http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/053.pdf [Consult. 10 de Abril 2014].

Gehl, G. (2006) *New City Life*. Copenhagen: The Danish Architectural Press. ISBN 978-87-74073-65-9

GEO, Gabinete de Estudos Olissiponenses (2011) *Nova Proposta administrativa para Lisboa*. Lisboa: CML, DMC, Março 2011. [Internet] Disponível em: http://issuu.com/gabinete.estudos.olisiponenses/docs/nova_proposta_administrativa_lisboa/22 [Consult. 11 de Julho 2014].

Habermas, H. (1984) *The theory of communicative action vol.1*. Reason and the rationalization of society. Boston. Beacon Press.

Hall, E. (1986) *A dimensão oculta*. 5ª ed. Lisboa: Relógio D'Água, 1986. ISBN 978-97-27081-23-3.

INE, Instituto Nacional de Estatística. [Internet] Disponível em: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros [Consult. 18 de Julho 2014].

Lefebvre, H. (2010) *La production de l'espace*. 4ª ed. Paris: Anthropos, 2010. ISBN 2-7178-3954-2

Lopes, F. (1897-1898) *Chronica de El.Rei D.joão I*. Lisboa: Escritorio, 1897-1898.

Madden, K; Wiley-Schwartz, A - *How to Turn a Place Around: a handbook for creating successful public spaces*. Project for Public spaces, Inc. New York: Project for Public Spaces, 2000.

Moro, A. (2011) *Una Metodología Sistemática para el Análisis de los Espacios Públicos. El caso de la ciudad de La Plata*. Revista Questión, vol.1, nº30, Buenos Aires. [Internet] Disponível em: <http://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/question/article/view/1072/1051> [Consult. 18 de Maio 2014].

Mora, M. (2009) *Indicadores de Calidad de Espacios Públicos Urbanos, para la vida ciudadana, en Ciudades Intermedias. Los pueblos americanos: câmbios y continuidades. La construcción de lo próprio en un mundo globalizado*. 53º Congresso Internacional de Americanistas, 19-24/julho/2009, Cidade do México.

Paddison, R., Sharp, J. (2007) *Questioning the End of Public Space: Reclaiming Control of Local Banal Spaces*. Scottish Geographical Journal, junho/2007, Sage Publications, Glasgow.

Partidário, M. R. (2000) *Indicadores de Qualidade do Ambiente Urbano*. Direcção-Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. Lisboa.

Proença, Á. (1964) *Benfica através dos tempos*. Lisboa: União Gráfica, 1964.

Ribeiro, L., Barão, T. (2007) *Spatial concepts as vehicles to communicate landscape conservation strategies*. In: Bunce, R *et al.* (eds). 25 years of Landscape Ecology: Scientific Principles in Practice. Proceedings of the 7^o IALE World Congress 8-12 July Wageningen; pp. 1008-1009.

Ribeiro, L., Barão, T. (2007) *Greenways and maintenance for landscape quality: five case studies in Portugal*, Landscape and Urban Planning 76, pp. 79-97.

Ryan, Z. (2004) *The good life: New public spaces for recreation*. 1^a ed. New York: Van Alen Institute, 2004. ISBN 978-1-56898-628-9

Rychtáriková, M., Boland, P., Castiau, E., Godart, M-F., DeHerde, A., Hanin, Y., Martin, N., Meuris, C., Pons, T., Vermeir, G., Xanthoulis, S. (2008) *Assessment of the Urban Public Places in Multidisciplinary Context – Proposed Methodology*. [Internet] Disponível em: <https://perswww.kuleuven.be/> [Consult. 18 de Março 2014].

Silvano, F. (2001) *Antropologia do Espaço*. 1^a ed. Lisboa: Assírio & Avim, 2001. ISBN 978-97-27081-23-3

Simmel, G. (2006) *Saggi Sul Paesaggio*. 1^a ed. Roma: Armando Editore, 2006. ISBN 8882589602

Vaz, L., Saraiva, M. (2007) *Requalificação de margens e cursos de água urbanos. Como avaliar o Sucesso*. VII Congresso Ibérico de Urbanismo. Planeamento Municipal – Casos de sucesso, 11-13/ outubro/2007, Ponta Delgada, Açores.

VPSN, Vancouver Public Space Network, (2012) *State of Public Space Draft Evaluation Form*. Vancouver Public Space Network. [Internet] Disponível em: <http://vancouverpublicspace.ca/> [Consult. 7 de Abril 2014].

Zhang, J., LU, N., XU, F., Li, P. (2010) *Comprehensive Evaluation of the Overall Quality of Urban Public Open Space*. 2010 International Conference on E-Business and E-Government. P.5122-5125, IEEE Computer Society Washington, DC.

ANEXOS

- A. Checklist dos critérios específicos, “O chão da Cidade”, Brandão (2002)
- B. Quadro síntese dos indicadores propostos, Balotta de Oliveira e O.Bitar (2009)
- C. Formulário do questionário de avaliação de uma praça, Araújo (2007)
- D. Desenhos Técnicos

A. Checklist dos critérios específicos, “O chão da Cidade”, Brandão (2002)

Quadro 9 - Checklist dos critérios específicos, (Brandão, 2002)

	Pontos fortes	Adequado	Pontos fracos	N/ aplicável
ELEMENTOS E ESTRUTURAS NATURAIS				
Dimensionamento/posicionamento (escala, relação com a envolvente,...)				
Serviço/Performance	(aspectos	cénico-simbólicos,	controle	microclimático,...)
Conservação/Resistência (capacidade de carga, exigências de manutenção, resistência à seca,...)				
ELEMENTOS DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA (ARTE PÚBLICA)				
Dimensionamento/Posicionamento (especificidade do local, escala, relação com a envolvente, vistas, panoramas,...)				
Serviço/Performance	(lúdico-social;	económico-institucional;	educativo-cultural;	cívico; ambiental,...)
Conservação/Resistência (longevidade, resistência às intempéries e ao vandalismo, manutenção,...)				
Coerência/Integração (no espaço, envolvimento da comunidade,...)				
ELEMENTOS E SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO URBANA				
Dimensionamento/Posicionamento; (Interferência com vistas, panoramas, condições de circulação e apreensão, área de influência)				
Serviço/Performance	(legibilidade,	modularidade,	eficácia,...);	acessibilidade visual; funções de orientação, direção, identificação, regulação;
Conservação/Resistência (resistência às intempéries e ao vandalismo dos suportes, manutenção,...)				
EQUIPAMENTO E MOBILIÁRIO				
A ponderar para cada tipo de equipamento e mobiliário indicado no texto				
ESTRUTURAS E SISTEMAS DE ILUMINAÇÃO				
Dimensionamento/Posicionamento; (relação funcional/formal coma envolvente, identidade)				
Serviço/Performance	(desenho,	funcionalidade,	acessibilidade,	modularidade, diversidade, simbolismo, segurança, conforto,...)
Conservação/Resistência (resistência às intempéries e ao vandalismo, manutenção, facilidade de montagem/desmontagem e de substituição de componentes, consumo, ciclo de vida)				
Coerência/Integração (no espaço e paisagem urbanos,...)				
INFRA-ESTRUTURAS VIÁRIAS E TRANSPORTES (RUAS E PASSEIOS)				
Dimensionamento/Posicionamento; (relação funcional/formal com a envolvente e com os fluxos de circulação, dotação de estacionamento, níveis de velocidade)				
Serviço/Performance	(desenho,	funcionalidade,	acessibilidade,	segurança, conforto,...)
Conservação/Resistência (relação com as infra-estruturas,...)				
INFRA-ESTRUTURAS SUBTERRÂNEAS				
Dimensionamento/Posicionamento; (relação funcional/formal com a superfície)				
Serviço/Performance	(desenho,	funcionalidade,	acessibilidade,	segurança,...)
Conservação/Resistência (relação com a superfície, facilidade de manutenção e substituição,...)				
Coerência/Integração (no espaço urbano, na rede viária e na dinâmica dos locais,...)				
INFRA-ESTRUTURAS VIÁRIAS E TRANSPORTES (RUAS E PASSEIOS)				

Conservação/Resistência (relação com as infra-estruturas, materiais, facilidade de manutenção,...)

Coerência/Integração (no espaço urbano, na rede viária e na dinâmica dos locais,...)

ESTACIONAMENTO

Dimensionamento/Posicionamento; (Dotação, relação funcional/formal com a envolvente e com os fluxos de circulação,)

Serviço/Performance (desenho, funcionalidade, acessibilidade, segurança, conforto,...)

Conservação/Resistência (relação com as infra-estruturas, materiais, facilidade de manutenção,...)

Coerência/Integração (no espaço urbano, na rede viária e na dinâmica dos locais,...)

PAVIMENTOS

Dimensionamento/Posicionamento

Serviço/Performance (desenho, funcionalidade, acessibilidade, segurança, conforto, simbolismo,...)

Conservação/Resistência (relação com as infra-estruturas, materiais, facilidade de manutenção e substituição,...)

Coerência/Integração (no espaço urbano, na rede viária e na dinâmica dos locais,...)

AValiação da Coerência, Pregnância e Outras Qualidades

DO DESENHO

AValiação Global do Projecto

B. Quadro síntese dos indicadores propostos, Balotta de Oliveira e O.Bitar (2009)

Quadro 10 - Quadro síntese dos indicadores propostos. Fonte: Balotta de Oliveira e O.Bitar (2009).

Tipo	Indicador	Grandeza
Pressão	Visitação	Nº de visitantes por anos
	Animais domésticos abandonados	Nº de animais domésticos abandonados por ano
	Contaminação por esgoto	Percentagem de pontos de lançamentos de esgotos sem tratamento
	Segurança Pública	Nº de ocorrências registadas por ano
	Permissionários	Percentagem de permissionários oficializados em relação ao total de ambulantes que atuam no interior do parque.
Estado	Cobertura Vegetal	% de cobertura vegetal em relação à área total.
	Espécies nativas	Percentagem de espécies arbóreas nativas em relação ao total
	Risco de queda de árvores	Percentagem de árvores com risco de queda
	Redução do ruído	Percentagem de amortização de ruídos em relação à região
	Redução de Temperatura	Percentagem de amortização da temperatura em relação à região
	Qualidade de água para proteção da vida aquática	Índice de qualidade de água para proteção da vida aquática (IVA)
	Fauna	Número de espécies da fauna
	Áreas degradadas	Quantidade de áreas degradadas
	Conectividade	Percentagem do perímetro do parque conectado a outra área verde
	Condições dos equipamentos	Percentagem de equipamentos do parque urbano em boas condições de uso
Resposta	Investimentos financeiros	Percentagem de recursos investidos em relação ao total disponibilizado ao parque
	Coleta de resíduos recicláveis	Percentagem de recursos investidos em relação ao total disponibilizado ao parque
	Parcerias	Percentagem de atividade desenvolvidas no parque por meio de parcerias com outras instituições em relação ao total realizado por ano
	Projectos socioculturais	Nº de projectos socioculturais e educativos realizados no parque por ano
	Controle da fauna sinantrópica e de animais domésticos soltos	Nº de ações voltadas para o apoio ao controlo da fauna sinantrópica e de animais domésticos soltos

C. Formulário do questionário de avaliação de uma praça, Araújo (2007)

QUESTIONÁRIO SOBRE A PRAÇA DA REPÚBLICA EM VILA PRAIA DE ÂNCORA					
Nome:					
Idade: 15-24	25-44	45-64	65 ou mais		
Profissão:					
Localidade de Residência:					
Data:					
Porque razão se encontra a frequentar esta praça?					
Lazer	Deslocação	obrigatório casa/trabalho	compras	serviços	

GRUPO 1 - Formação		Concordo totalmente	Concordo Parcialmente	Discordo Totalmente	Discordo em parte	Outra/Ob s
1)	Os edifícios existentes na envolvente da praça constituem uma mais-valia, e contribuem para o enriquecimento do local.	9	16	1	8	0
2)	A praça está devidamente projetada em termos de espaço público e dos subespaços, como por exemplo o adro da igreja.	15	13	5	0	1
3)	Os subespaços são separados uns dos outros sem criar em nenhum deles uma sensação de isolamento nos utilizadores.	11	15	3	5	0

GRUPO 2 - Usos		Concordo totalmente	Concordo Parcialmente	Discordo Totalmente	Discordo em parte	Outra/ Obs
4)	A praça está localizada onde uma diversidade de pessoas pode usá-la, nomeadamente:					
	Trabalhadores da zona,	31	3	0	0	0
	Habitantes da vila,	29	5	0	0	0
	Turistas,	27	7	0	0	0
	Consumidores do comércio local.	31	3	0	0	0
5)	O clima local fomenta o uso da praça	13	20	1	0	0
6)	O projecto da praça responde às diferenças entre a preferência predominante dos homens por um ambiente público e o desejo de muitas mulheres por uma atmosfera mais relaxada e segura.	9	12	4	8	1
7)	A praça possui animação suficiente, nomeadamente através do uso das esplanadas e cafés.	10	12	5	7	0
8)	As esplanadas dos cafés apresentam características para atrair os transeuntes.	8	12	5	9	0
9)	A praça potencia a circulação pedonal no centro da vila	21	10	2	1	0
10)	A praça propicia a tendência dos transeuntes de andarem no centro do espaço.	17	10	2	5	0
11)	São adequados os estabelecimentos comerciais existentes	10	17	3	4	0
12)	Era benéfica a colocação de algum estabelecimento, mesmo que amovível, no espaço da praça, tais como pequenos	10	6	14	3	1

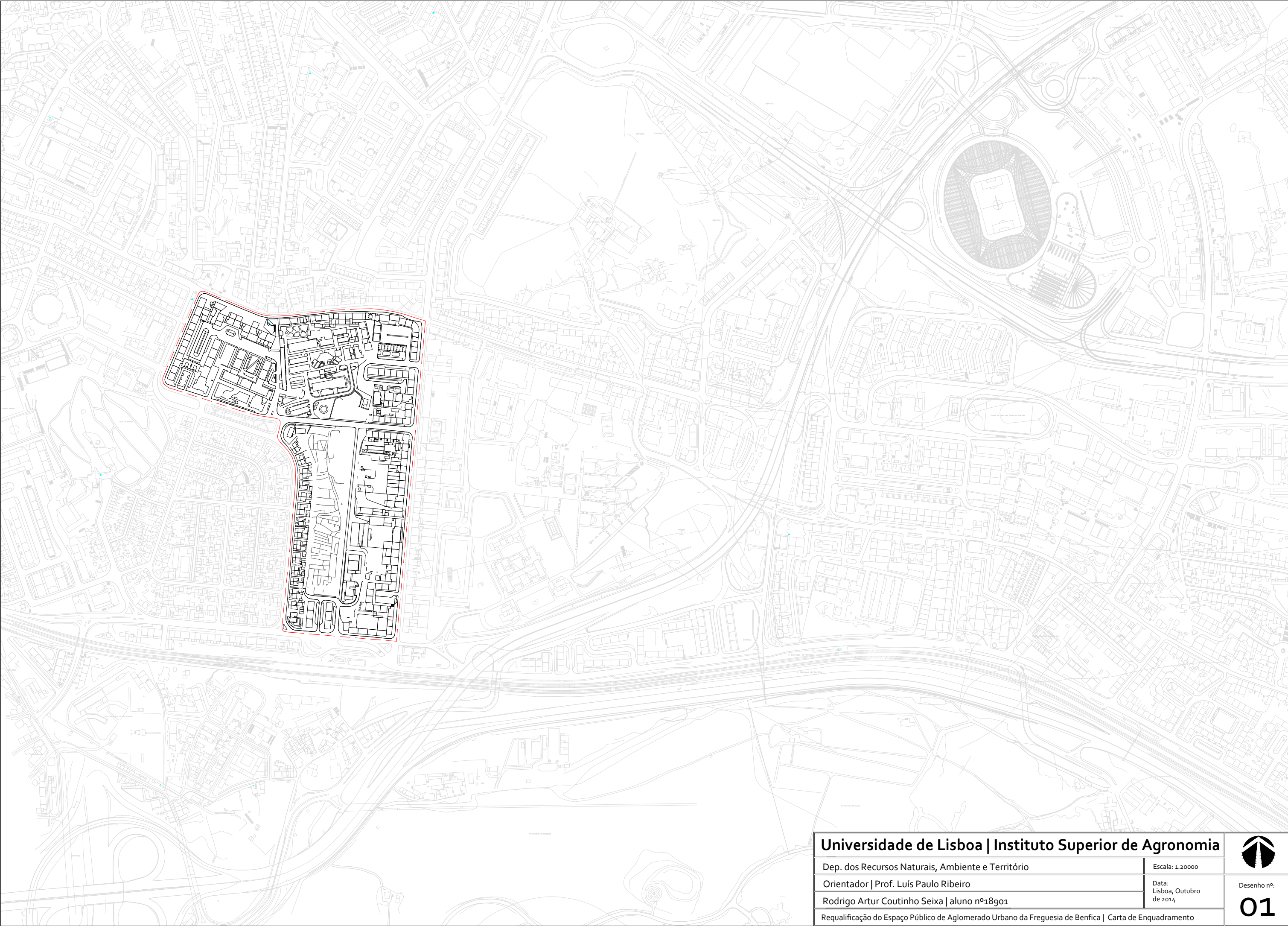
	quiosques, bar, etc..					
13)	São suficientes os locais públicos existentes na praça para beber, utilização de telefones, etc...	18	11	2	3	0
14)	É oportuna a colocação de casas de banho públicas na praça.	12	3	15	2	2
15)	Há locais na praça para anunciar horários de eventos e avisos, de modo que sejam facilmente visíveis pelos utilizadores da praça.	10	8	10	5	1

GRUPO 3 – Espaços Verdes		Concordo totalmente	Concordo Parcialmente	Discordo Totalmente	Discordo em parte	Outra/Obs
16)	Os espaços verdes da praça são suficientes.	4	6	18	6	
17)	São adequadas as árvores colocadas na praça.	7	10	10	6	1
18)	Os locais estão bem definidos para colocação das árvores.	8	15	6	4	1
19)	É suficiente o número de floreiras dispersas pela praça.	5	11	8	8	2
20)	Foi bem escolhido o desenho das floreiras colocadas na praça.	9	15	3	5	2

GRUPO 4 - Infraestruturas		Concordo totalmente	Concordo Parcialmente	Discordo Totalmente	Discordo em parte	Outra/Obs
21)	O projecto da praça incorporou uma larga variedade de infraestruturas nomeadamente ao nível das formas, cores, texturas bem como fontes, esculturas, vários lugares para sentar-se, recanto e esquinas, plantas e arbustos, mudanças de nível, redes de drenagem, etc.	9	21	2	2	0
22)	A praça é um local com boas condições para a estadia e vivência social, nomeadamente ao nível das infraestruturas existentes, em épocas que permitam o convívio ao ar livre como por exemplo no verão.	23	10	1	0	0
23)	A praça tem condições físicas para permitir a realização de eventos, como exposições temporárias, concertos e peças de teatro.	14	17	1	2	0

D. Desenhos Técnicos

- 01 – Carta de Enquadramento
- 02 – Carta de Estrutura Verde
- 03 – Carta de Espaço Público
- 04 – Carta de Usos do Edificado
- 05 – Tipologia do Edificado
- 06 – Carta de Topografia Existente
- 07 – Estrutura Verde – Proposta
 - 07.1 – Estrutura Verde
 - 07.2 – Estrutura Verde
 - 07.3 – Estrutura Verde
- 08 – Plano de Pavimentos
 - 08.1 – Plano Pavimentos
 - 08.2 – Plano Pavimentos
 - 08.3 – Plano Pavimentos
- 09 – Cortes – Localização
 - 09.1 – Cortes
 - 09.2 – Cortes
 - 09.3 – Cortes
- 10 – Plano Geral
 - 10.1 – Plano Geral
 - 10.2 – Plano Geral
 - 10.3 – Plano Geral



Universidade de Lisboa | Instituto Superior de Agronomia

Dep. dos Recursos Naturais, Ambiente e Território

Escala: 1:20000

Orientador | Prof. Luís Paulo Ribeiro

Data:
Lisboa, Outubro
de 2014

Rodrigo Artur Coutinho Seixas | aluno nº18901

Requalificação do Espaço Público de Aglomerado Urbano da Freguesia de Benfica | Carta de Enquadramento



Desenho nº:

01



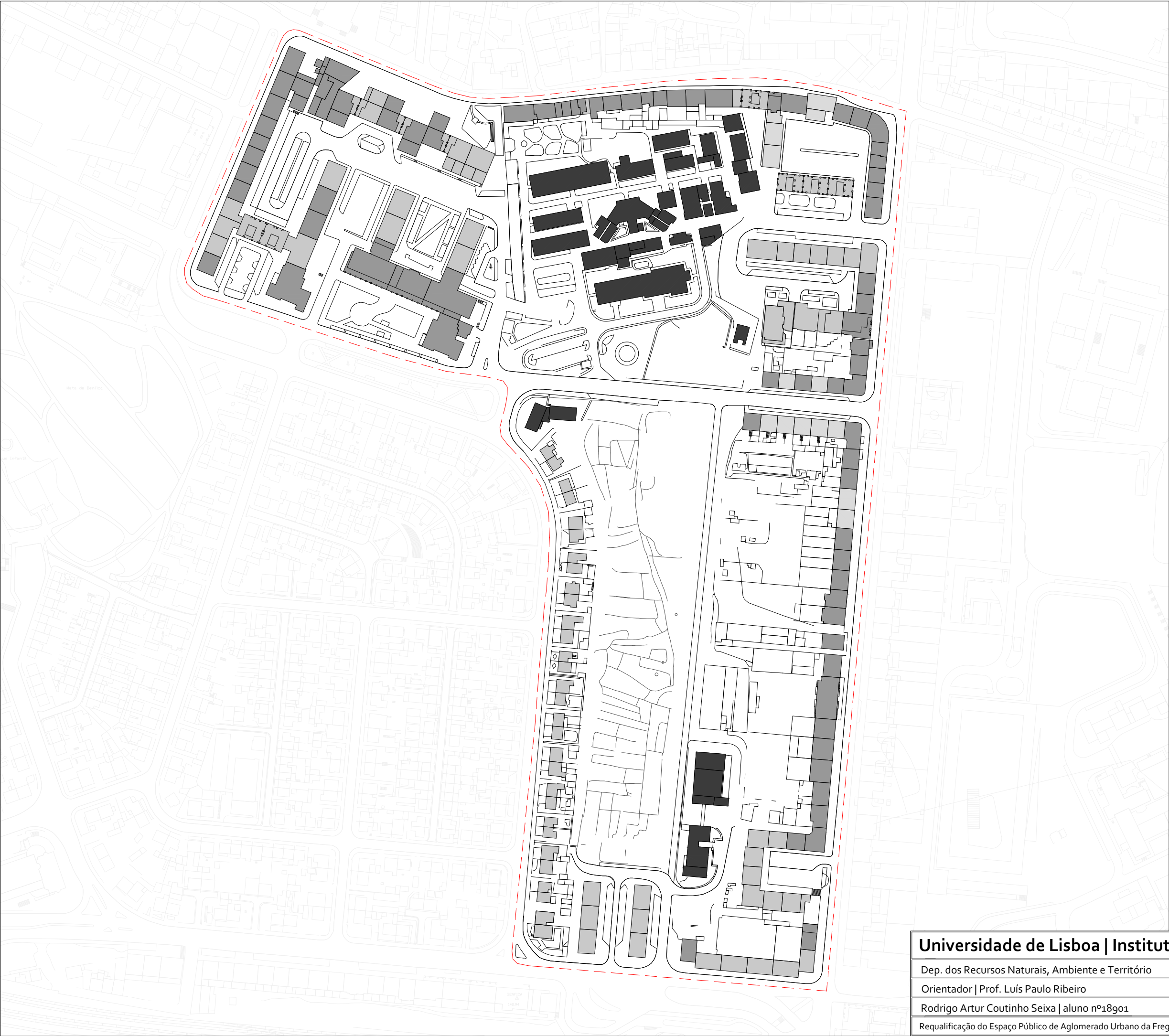
- Legenda:
- Edificado
 - Áreas Verdes de Enquadramento
 - Área de uso indefinido
 - Áreas Verdes de Enquadramento em Espaço Privado
 - Árvores
 - Árvores em Espaço Privado



- Legenda:
- Edificado
 - Espaço de Estacionamento
 - Espaço Público Pedonal
 - Espaço Público Automóvel

Universidade de Lisboa | Instituto Superior de Agronomia

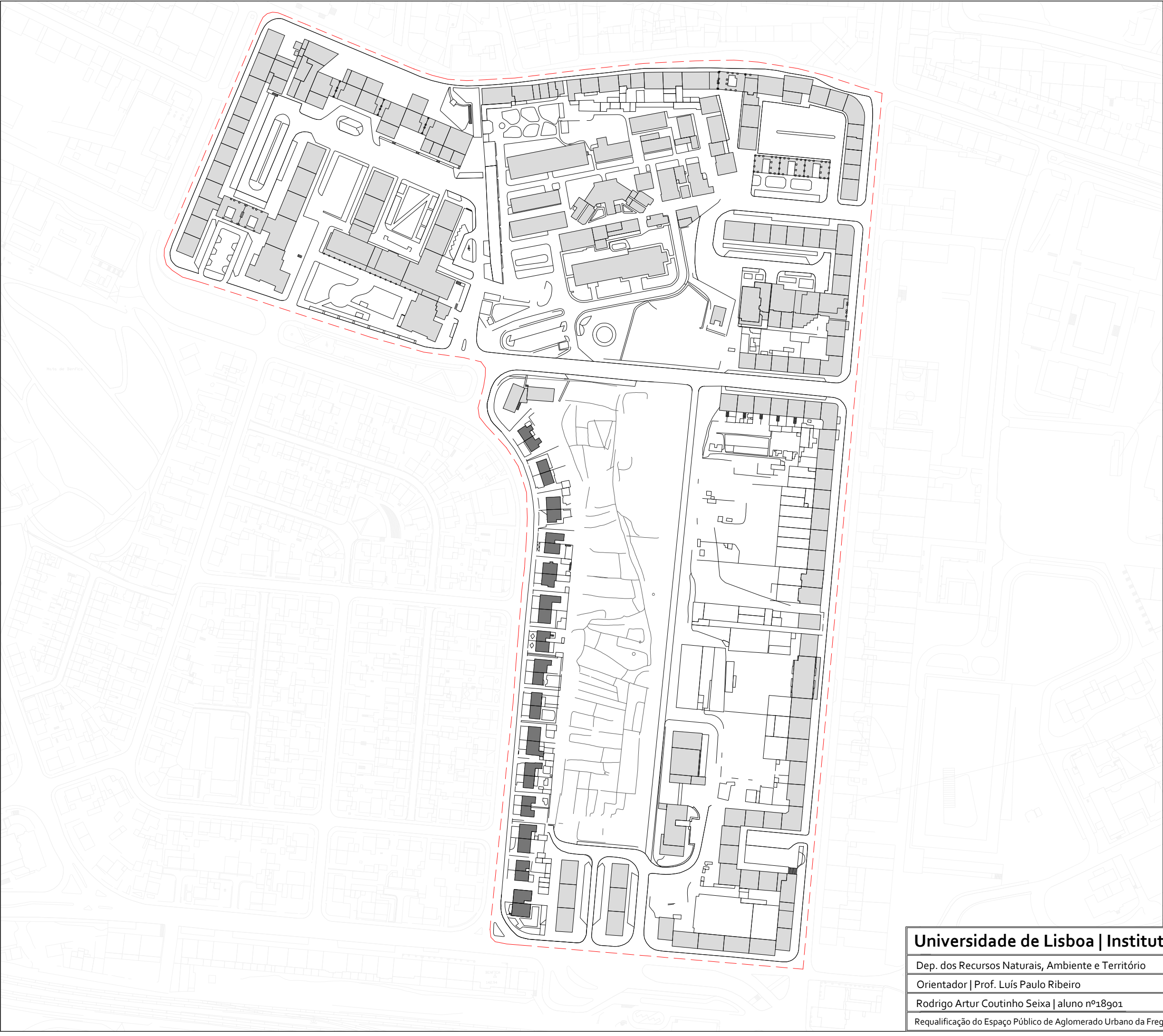
Dep. dos Recursos Naturais, Ambiente e Território	Escala: 1:6500
Orientador Prof. Luís Paulo Ribeiro	Data: Lisboa, Outubro de 2014
Rodrigo Artur Coutinho Seixa aluno nº18901	
Requalificação do Espaço Público de Aglomerado Urbano da Freguesia de Benfca Carta de Espaço Público	



- Legenda:
- Residencial
 - Residencial e Comercial
 - Privado

Universidade de Lisboa | Instituto Superior de Agronomia

Dep. dos Recursos Naturais, Ambiente e Território	Escala: 1:6500
Orientador Prof. Luís Paulo Ribeiro	Data: Lisboa, Outubro de 2014
Rodrigo Artur Coutinho Seixas aluno nº18901	
Requalificação do Espaço Público de Aglomerado Urbano da Freguesia de Benfica Carta de Usos do Edificado	



Legenda:

- Edifícios
- Moradias

Universidade de Lisboa | Instituto Superior de Agronomia

Dep. dos Recursos Naturais, Ambiente e Território

Escala: 1:6500

Orientador | Prof. Luís Paulo Ribeiro

Data:
Lisboa, Outubro
de 2014

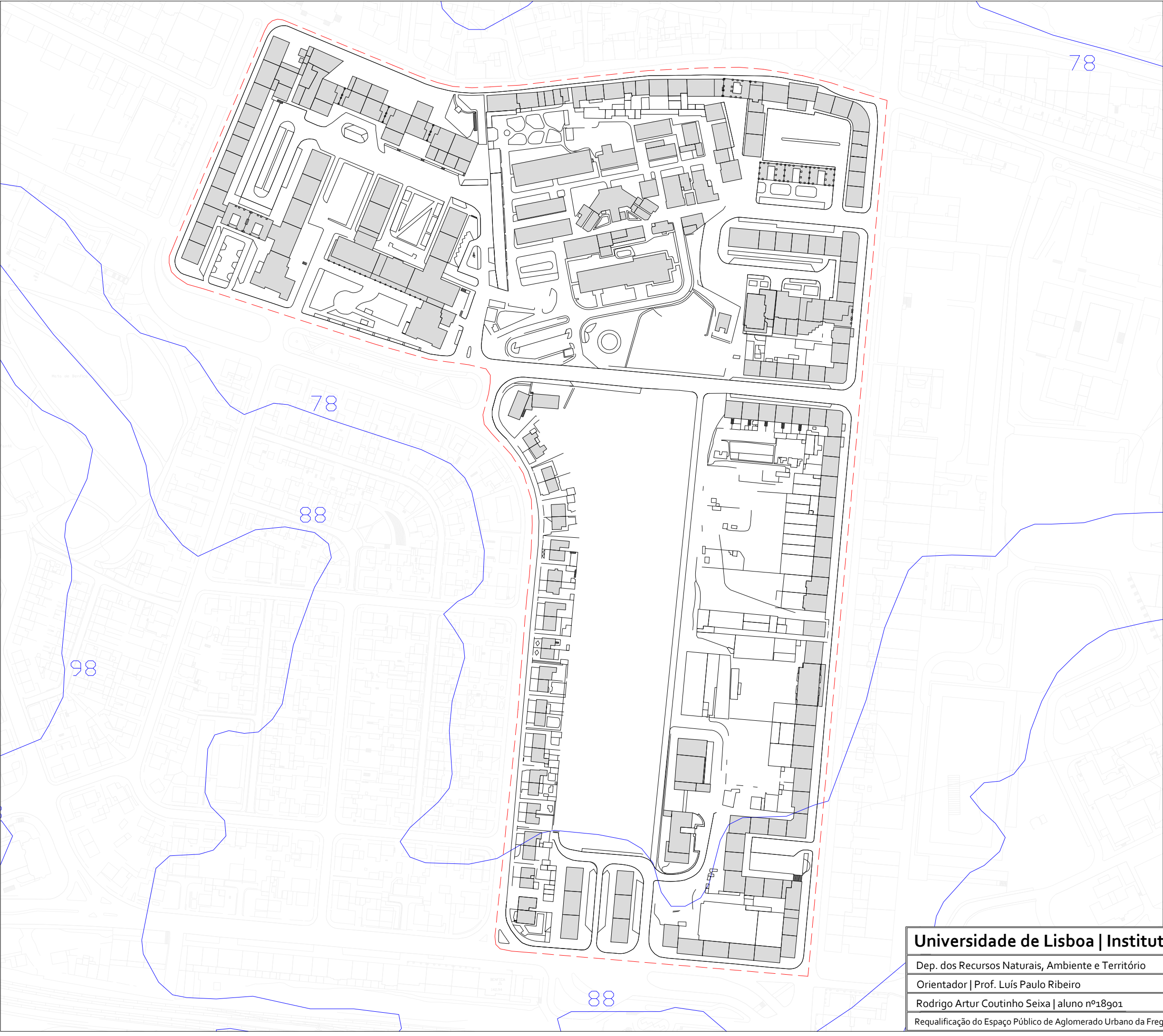
Rodrigo Artur Coutinho Seixas | aluno nº18901

Requalificação do Espaço Público de Aglomerado Urbano da Freguesia de Benfca | Tipologia do Edificado



Desenho nº:

05



Legenda:

— Curvas de Nível

Universidade de Lisboa | Instituto Superior de Agronomia

Dep. dos Recursos Naturais, Ambiente e Território

Escala: 1:6500

Orientador | Prof. Luís Paulo Ribeiro

Data:
Lisboa, Outubro
de 2014

Rodrigo Artur Coutinho Seixas | aluno nº18901

Requalificação do Espaço Público de Aglomerado Urbano da Freguesia de Benfca | Carta de Topografia



Desenho nº:

06



- Legenda:
- Edificado
 - Arbustos
 - Herbáceas
 - Relvado
 - Hortas
 - Áreas Verdes de Enquadramento em Espaço Privado
 - Árvores
 - Árvores em Espaço Privado

Universidade de Lisboa | Instituto Superior de Agronomia

Dep. dos Recursos Naturais, Ambiente e Território	Escala: 1:2000
Orientador Prof. Luís Paulo Ribeiro	Data: Lisboa, Outubro de 2014
Rodrigo Artur Coutinho Seixas aluno nº18901	
Requalificação do Espaço Público de Aglomerado Urbano da Freguesia de Benfca Estrutura Verde - Proposta	



Desenho nº:

07



Legenda:

- Edificado
- Arbustos
- Herbáceas
- Relvado
- Hortas
- Áreas Verdes de Enquadramento em Espaço Privado
- Árvores
- Árvores em Espaço Privado

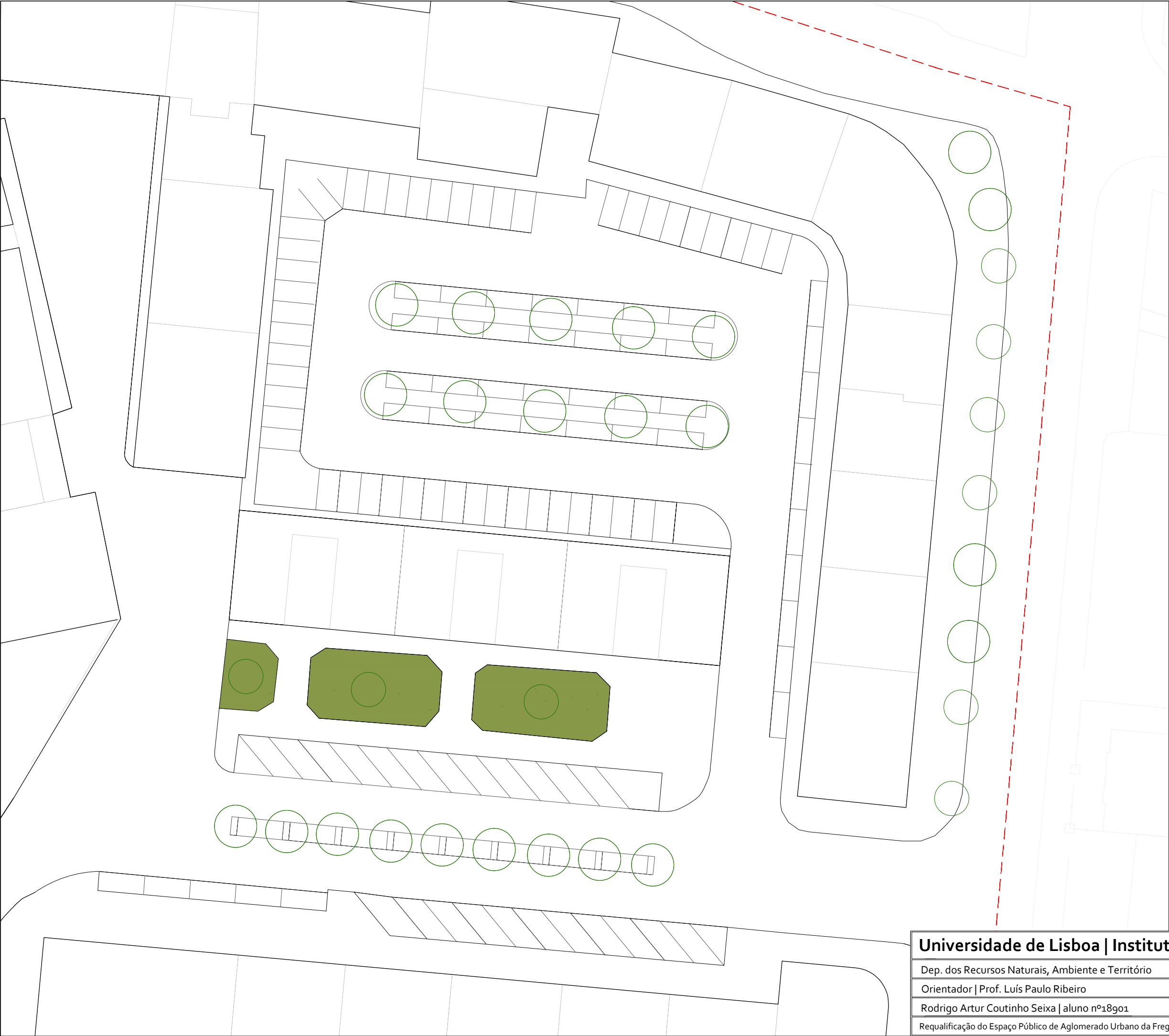
Universidade de Lisboa | Instituto Superior de Agronomia

Dep. dos Recursos Naturais, Ambiente e Território	Escala: 1.3000
Orientador Prof. Luís Paulo Ribeiro	Data: Lisboa, Outubro de 2014
Rodrigo Artur Coutinho Seixa aluno nº18901	
Requalificação do Espaço Público de Aglomerado Urbano da Freguesia de Benfica Estrutura Verde - Proposta	


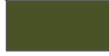



Desenho nº:

7.1



Legenda:

-  Edificado
-  Áreas Verdes de Enquadramento a manter
-  Árvores

Universidade de Lisboa | Instituto Superior de Agronomia

Dep. dos Recursos Naturais, Ambiente e Território	Escala: 1.1000
Orientador Prof. Luís Paulo Ribeiro	Data: Lisboa, Outubro de 2014
Rodrigo Artur Coutinho Seixa aluno nº18901	
Requalificação do Espaço Público de Aglomerado Urbano da Freguesia de Benfica Estrutura Verde - Proposta	

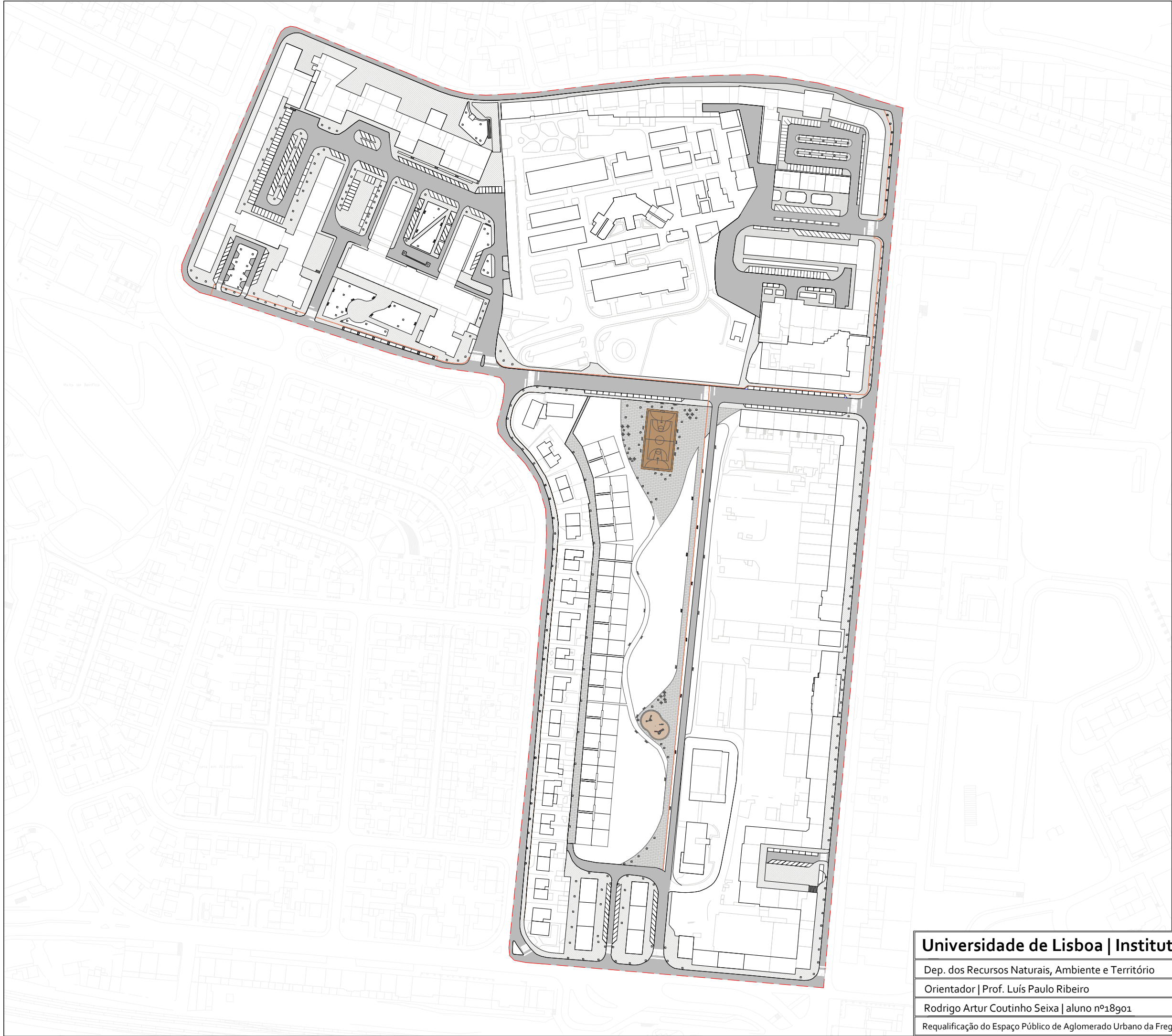




Legenda:


- Edificado
- Áreas Verdes de Enquadramento a manter
- Árvores
- Áreas Verdes de Enquadramento em Espaço Privado

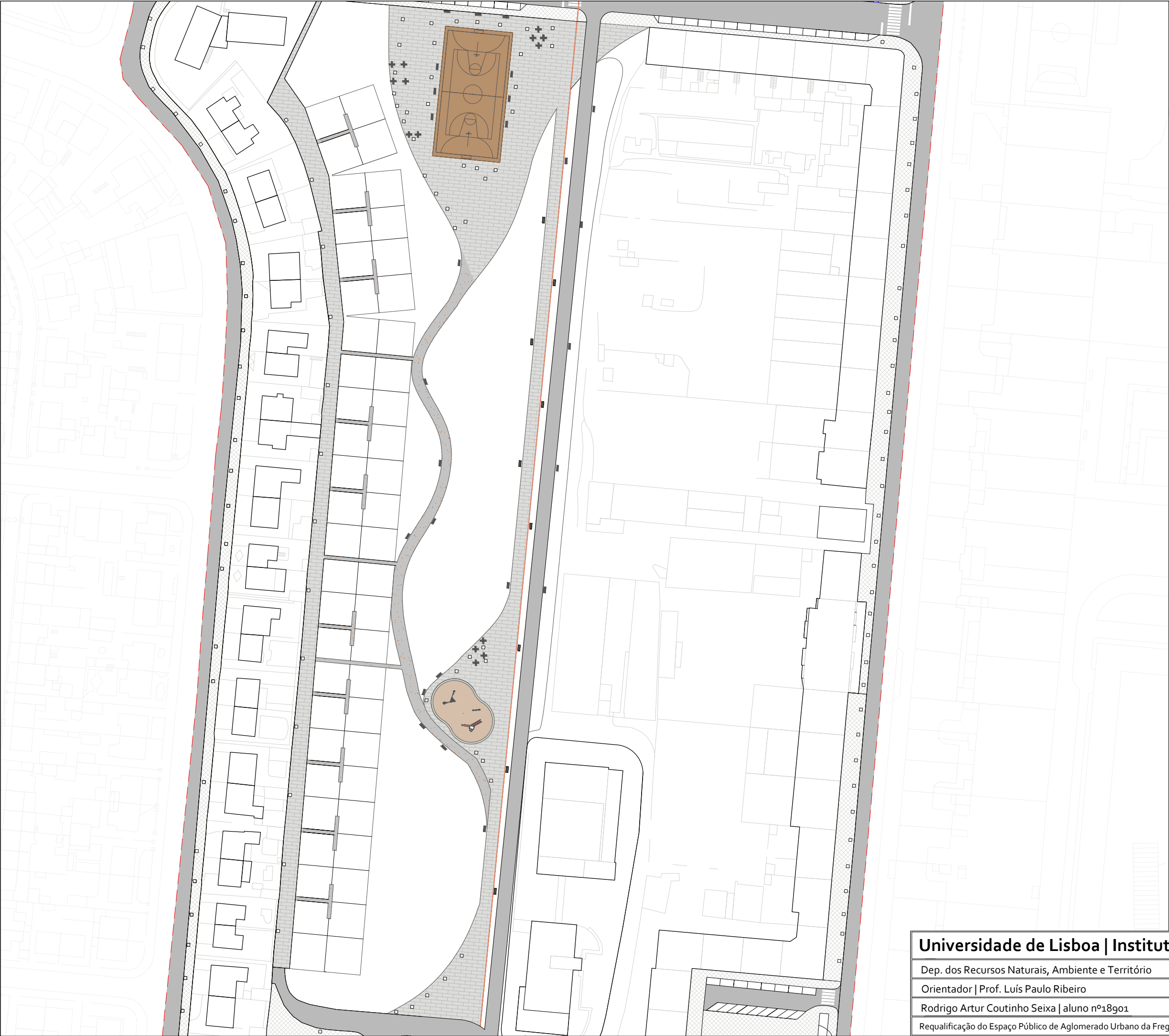




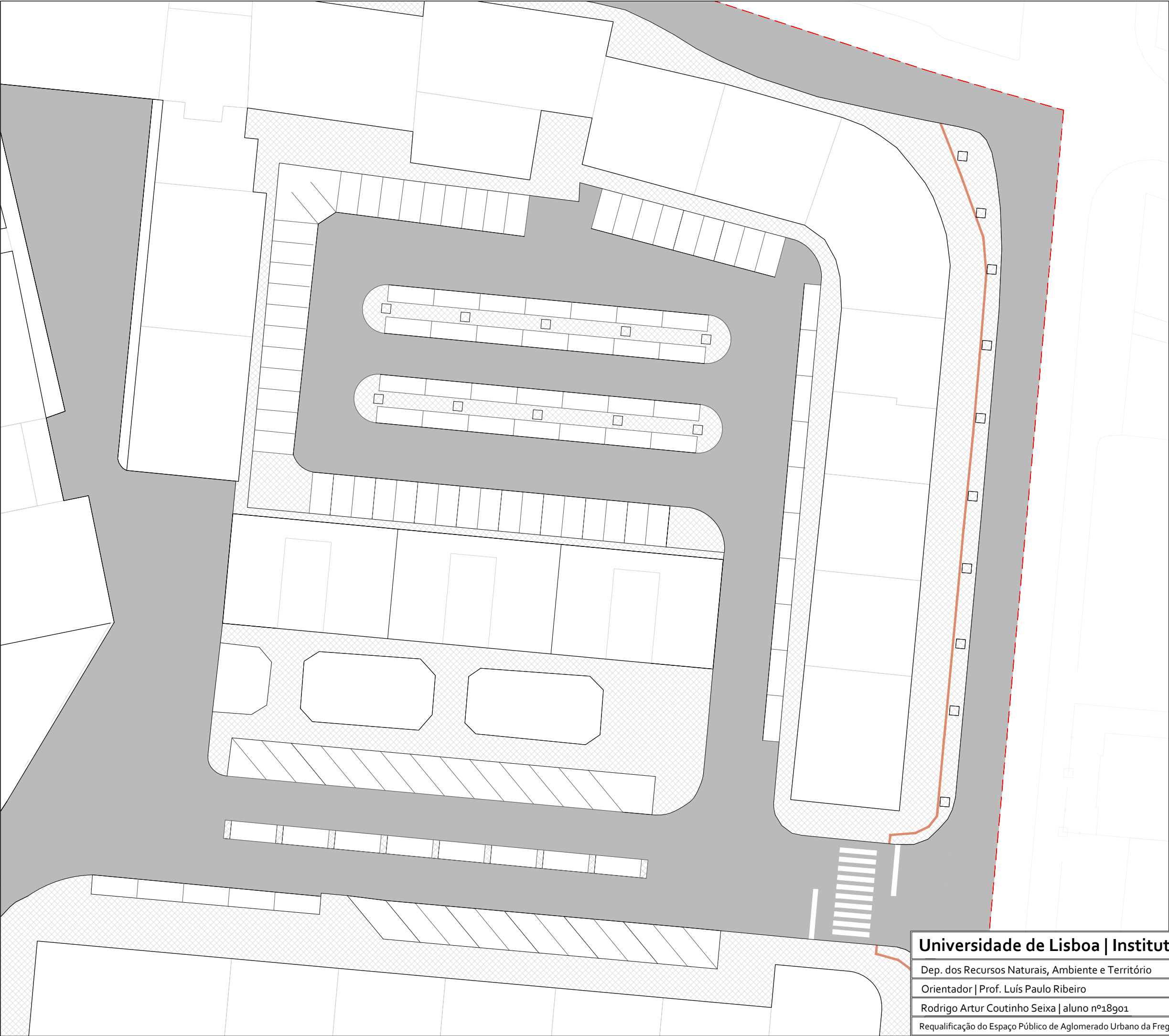
- Legenda:
- Edificado
 - Cubos calcário branco, 0,06m x 0,06m. (Calçada)
 - Tapete Betuminoso (Via automóvel)
 - Lajes de Betão pré-fabricado (Acessos e caminho principal)
 - Estacionamento em tapete betuminoso. (Estacionamento automóvel)
 - Barras de 0,50cm paralelas ao eixo da via e com afastamento de 0,50cm, assentes sobre tapete betuminoso. (Passagem de peões)
 - Saibro. (Caminhos secundários)
 - Pavimento sintético. (Parque Infanttil)
 - Slurry Sintético de inertes com ligante sintético, com coloração, sobre betão betuminoso convencional.(Polidesportivo)
 - Grelha de protecção 1x1m. (Caldeiras)
 - Banco com encosto, simples, com costas (1800x652x445mm)
 - Mesa quadrada e 4 cadeiras com encosto.
 - Slurry Sintético de inertes com ligante sintético, com coloração, sobre betão betuminoso convencional. (Ciclovía)

Universidade de Lisboa | Instituto Superior de Agronomia

Dep. dos Recursos Naturais, Ambiente e Território	Escala: 1:6500	 Desenho nº: 08
Orientador Prof. Luís Paulo Ribeiro	Data: Lisboa, Outubro de 2014	
Rodrigo Artur Coutinho Seixaluno nº18901		
Requalificação do Espaço Público de Aglomerado Urbano da Freguesia de Benfca Plano de Pavimentos		



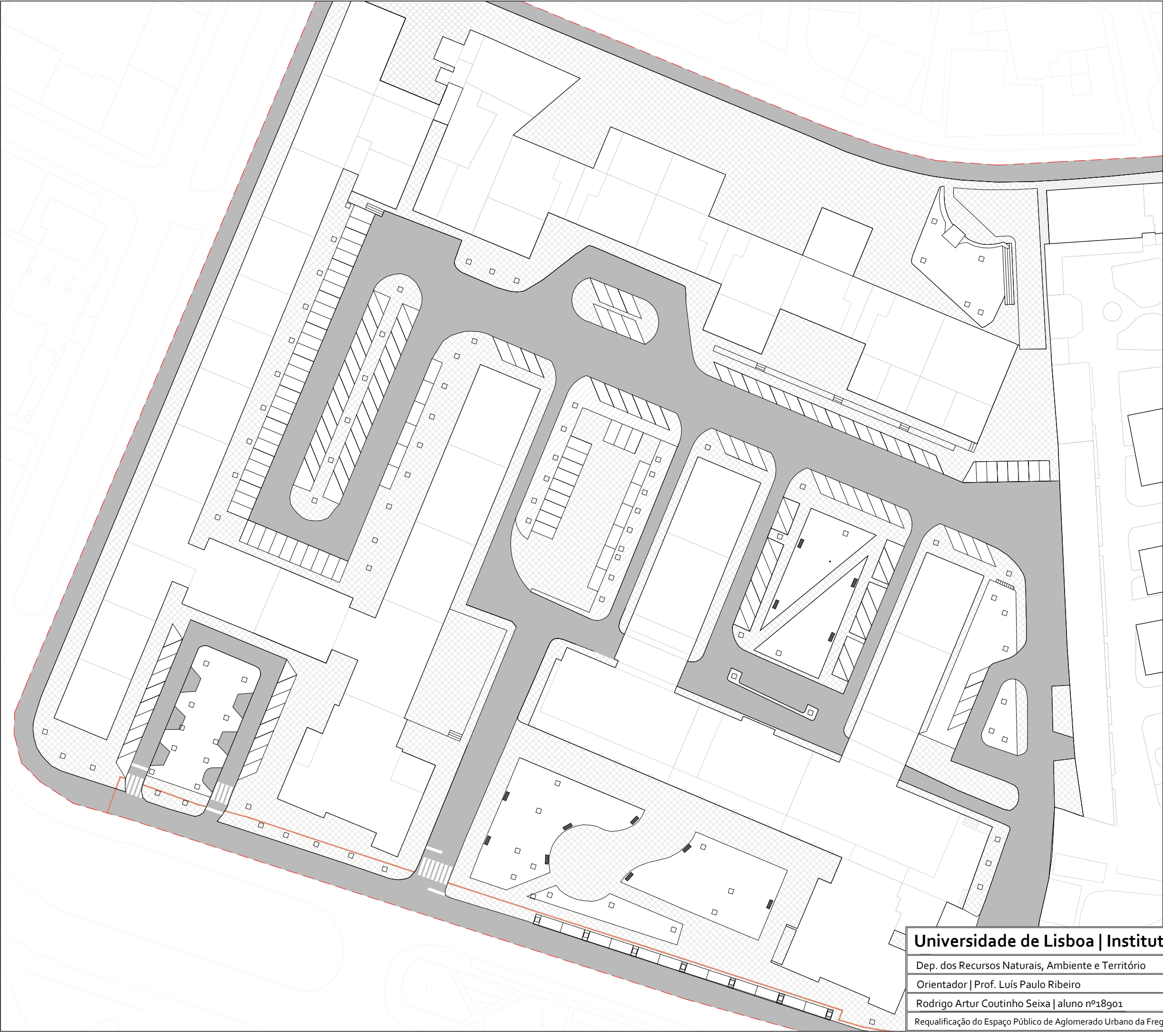
- Legenda:
- Edificado
 - Cubos calcário branco, 0,06m x 0,06m. (Calçada)
 - Tapete Betuminoso (Via automóvel)
 - Lajes de Betão pré-fabricado (Acessos e caminho principal)
 - Estacionamento em tapete betuminoso. (Estacionamento automóvel)
 - Barras de 0,50cm paralelas ao eixo da via e com afastamento de 0,50cm, assentes sobre tapete betuminoso. (Passagem de peões)
 - Saibro. (Caminhos secundários)
 - Pavimento sintético. (Parque Infanttil)
 - Slurry Sintético de inertes com ligante sintético, com coloração, sobre betão betuminoso convencional.(Polidesportivo)
 - Grelha de protecção 1x1m. (Caldeiras)
 - Banco com encosto, simples, com costas (1800x652x445mm)
 - Mesa quadrada e 4 cadeiras com encosto.
 - Slurry Sintético de inertes com ligante sintético, com coloração, sobre betão betuminoso convencional. (Ciclovía)



- Legenda:
- Edificado
 - Cubos calcário branco, 0,06m x 0,06m. (Calçada)
 - Tapete Betuminoso (Via automóvel)
 - Lajes de Betão pré-fabricado (Acessos e caminho principal)
 - Estacionamento em tapete betuminoso. (Estacionamento automóvel)
 - Barras de 0,50cm paralelas ao eixo da via e com afastamento de 0,50cm, assentes sobre tapete betuminoso. (Passagem de peões)
 - Saibro. (Caminhos secundários)
 - Pavimento sintético. (Parque Infanttil)
 - Slurry Sintético de inertes com ligante sintético, com coloração, sobre betão betuminoso convencional.(Polidesportivo)
 - Grelha de protecção 1x1m. (Caldeiras)
 - Banco com encosto, simples, com costas (1800x652x445mm)
 - Mesa quadrada e 4 cadeiras com encosto.
 - Slurry Sintético de inertes com ligante sintético, com coloração, sobre betão betuminoso convencional. (Ciclovía)

Universidade de Lisboa | Instituto Superior de Agronomia

Dep. dos Recursos Naturais, Ambiente e Território	Escala: 1.1000
Orientador Prof. Luís Paulo Ribeiro	Data: Lisboa, Outubro de 2014
Rodrigo Artur Coutinho Seixa aluno nº18901	
Requalificação do Espaço Público de Aglomerado Urbano da Freguesia de Benfica Plano de Pavimentos	



- Legenda:
- Edificado
 - Cubos calcário branco, 0,06m x 0,06m. (Calçada)
 - Tapete Betuminoso (Via automóvel)
 - Lajes de Betão pré-fabricado (Acessos e caminho principal)
 - Estacionamento em tapete betuminoso. (Estacionamento automóvel)
 - Barras de 0,50cm paralelas ao eixo da via e com afastamento de 0,50cm, assentes sobre tapete betuminoso. (Passagem de peões)
 - Saibro. (Caminhos secundários)
 - Pavimento sintético. (Parque Infanttil)
 - Slurry Sintético de inertes com ligante sintético, com coloração, sobre betão betuminoso convencional.(Polidesportivo)
 - Grelha de protecção 1x1m. (Caldeiras)
 - Banco com encosto, simples, com costas (1800x652x445mm)
 - Mesa quadrada e 4 cadeiras com encosto.
 - Slurry Sintético de inertes com ligante sintético, com coloração, sobre betão betuminoso convencional. (Ciclovía)

Universidade de Lisboa | Instituto Superior de Agronomia

Dep. dos Recursos Naturais, Ambiente e Território

Escala: 1.2000

Orientador | Prof. Luís Paulo Ribeiro

Data:
Lisboa, Outubro
de 2014

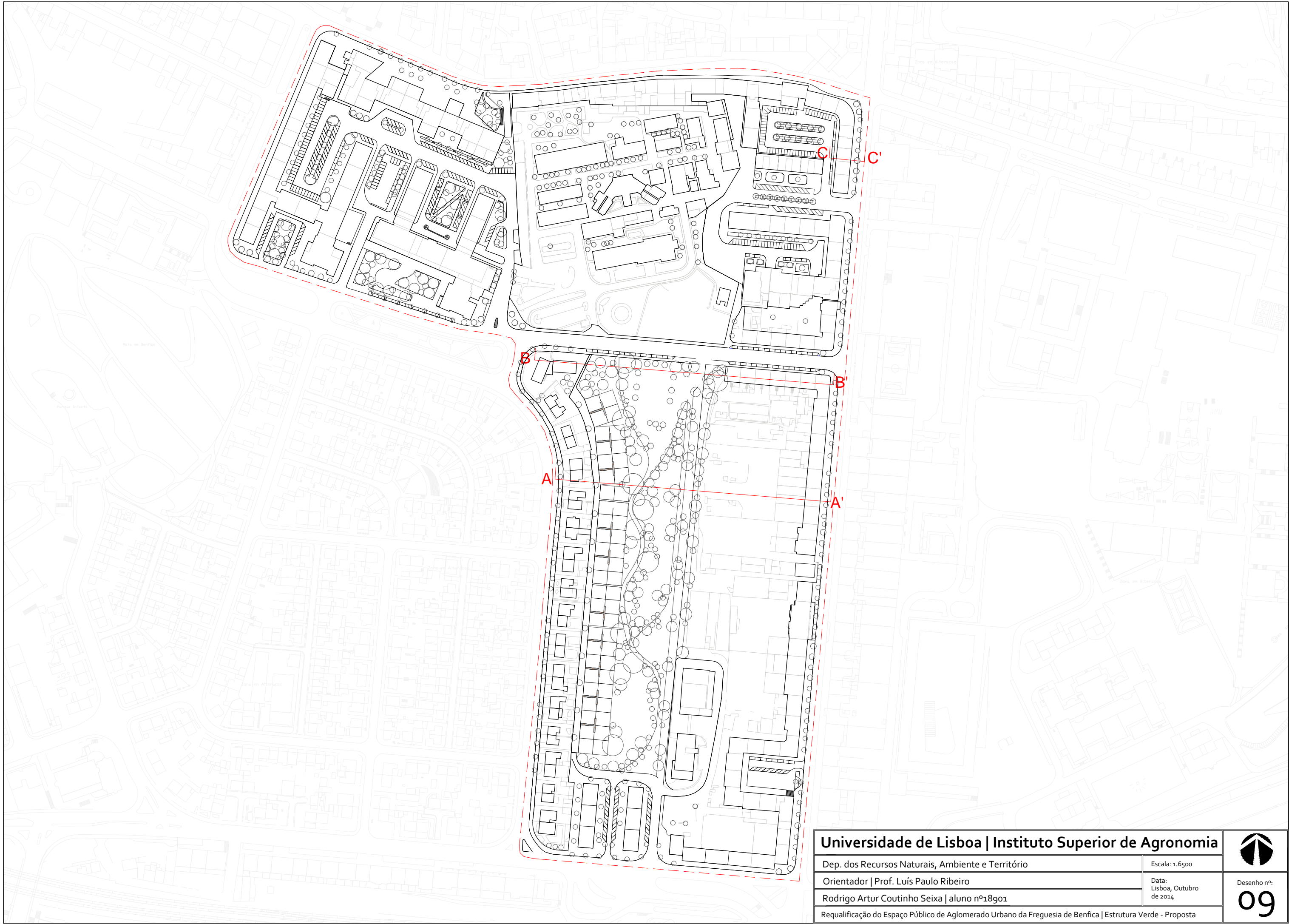
Rodrigo Artur Coutinho Seixaluno nº18901

Requalificação do Espaço Público de Aglomerado Urbano da Freguesia de BenficalPlano de Pavimentos



Desenho nº:

8.3



Universidade de Lisboa | Instituto Superior de Agronomia

Dep. dos Recursos Naturais, Ambiente e Territrio

Escala: 1:6500

Orientador | Prof. Luís Paulo Ribeiro

Data:
Lisboa, Outubro
de 2014

Rodrigo Artur Coutinho Seixaluno nº18901

Requalificação do Espaço Público de Aglomerado Urbano da Freguesia de Benfca | Estrutura Verde - Proposta

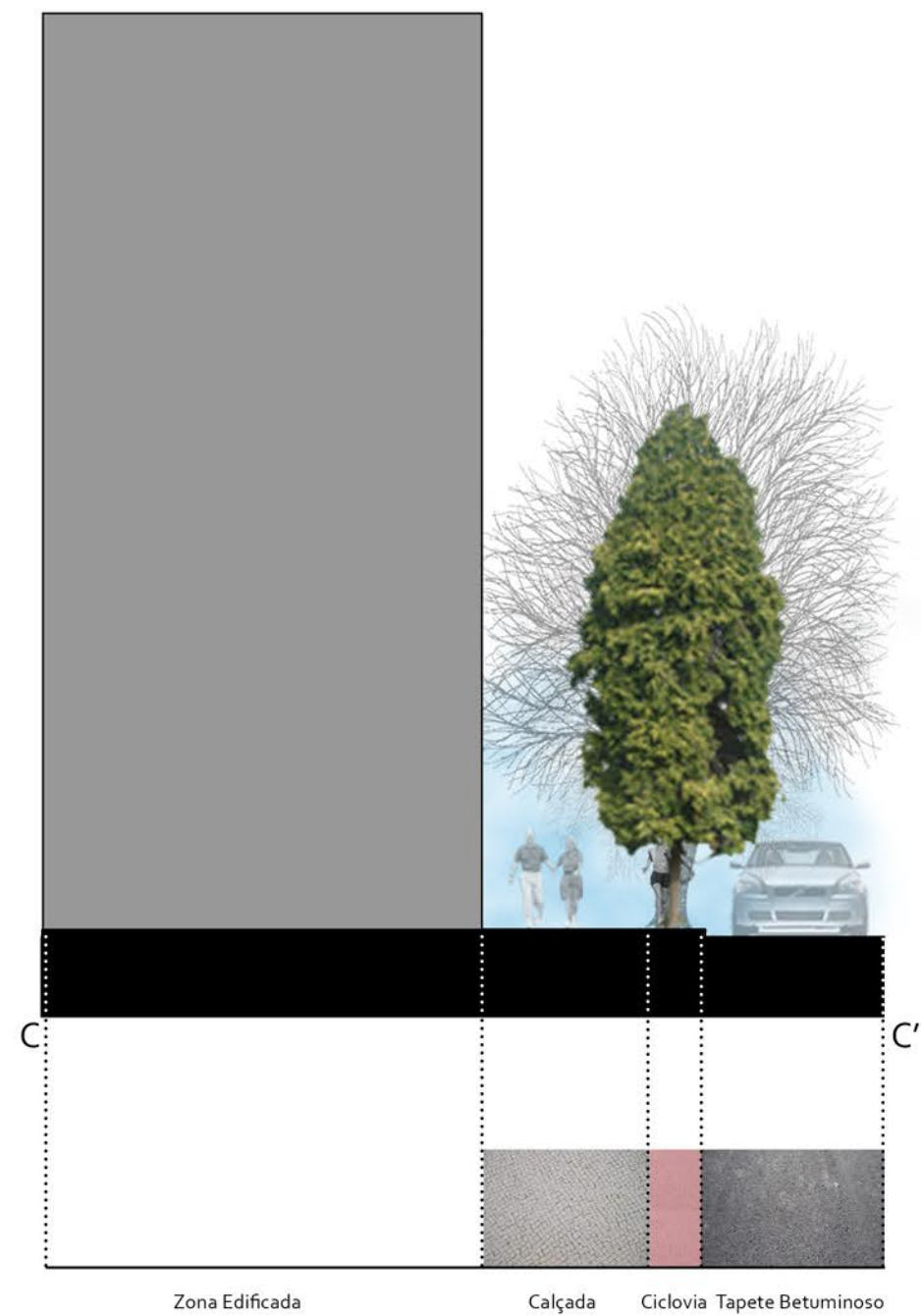


Desenho nº:

09







Universidade de Lisboa | Instituto Superior de Agronomia

Dep. dos Recursos Naturais, Ambiente e Território

Escala: 1:500

Orientador | Prof. Luís Paulo Ribeiro

Rodrigo Artur Coutinho Seixas | aluno nº18901

Data:
Lisboa, Outubro
de 2014

Requalificação do Espaço Público de Aglomerado Urbano da Freguesia de Benfica | Cortes



Desenho nº:

9.3



- Legenda:
- Edificado
 - Tapete Betuminoso
 - Calçada
 - Lajes de Betão pré-fabricadas
 - Estacionamento
 - Passagem de peões
 - Saibro
 - Pavimento sintético
 - Caldeiras 1x1m c/ grelha de protecção
 - Árvores
 - Arbustos
 - Herbáceas
 - Relvado
 - Hortas
 - Parque Infantil
 - Polidesportivo
 - Bancos e Mesas
 - Ciclovía

Universidade de Lisboa | Instituto Superior de Agronomia

Dep. dos Recursos Naturais, Ambiente e Território	Escala: 1.2000
Orientador Prof. Luís Paulo Ribeiro	Data: Lisboa, Outubro de 2014
Rodrigo Artur Coutinho Seixas aluno nº18901	
Requalificação do Espaço Público de Aglomerado Urbano da Freguesia de Benfca Plano Geral	



Desenho nº:

10



- Legenda:
- Edificado
 - Tapete Betuminoso
 - Calçada
 - Lajes de Betão pré-fabricadas
 - Estacionamento
 - Passagem de peões
 - Saibro
 - Pavimento sintético
 - Caldeiras 1x1m c/ grelha de protecção
 - Árvores
 - Arbustos
 - Herbáceas
 - Relvado
 - Hortas
 - Parque Infantil
 - Polidesportivo
 - Bancos e Mesas
 - Ciclovía

Universidade de Lisboa | Instituto Superior de Agronomia

Dep. dos Recursos Naturais, Ambiente e Território

Escala: 1.3000

Orientador | Prof. Luís Paulo Ribeiro

Data:
Lisboa, Outubro
de 2014

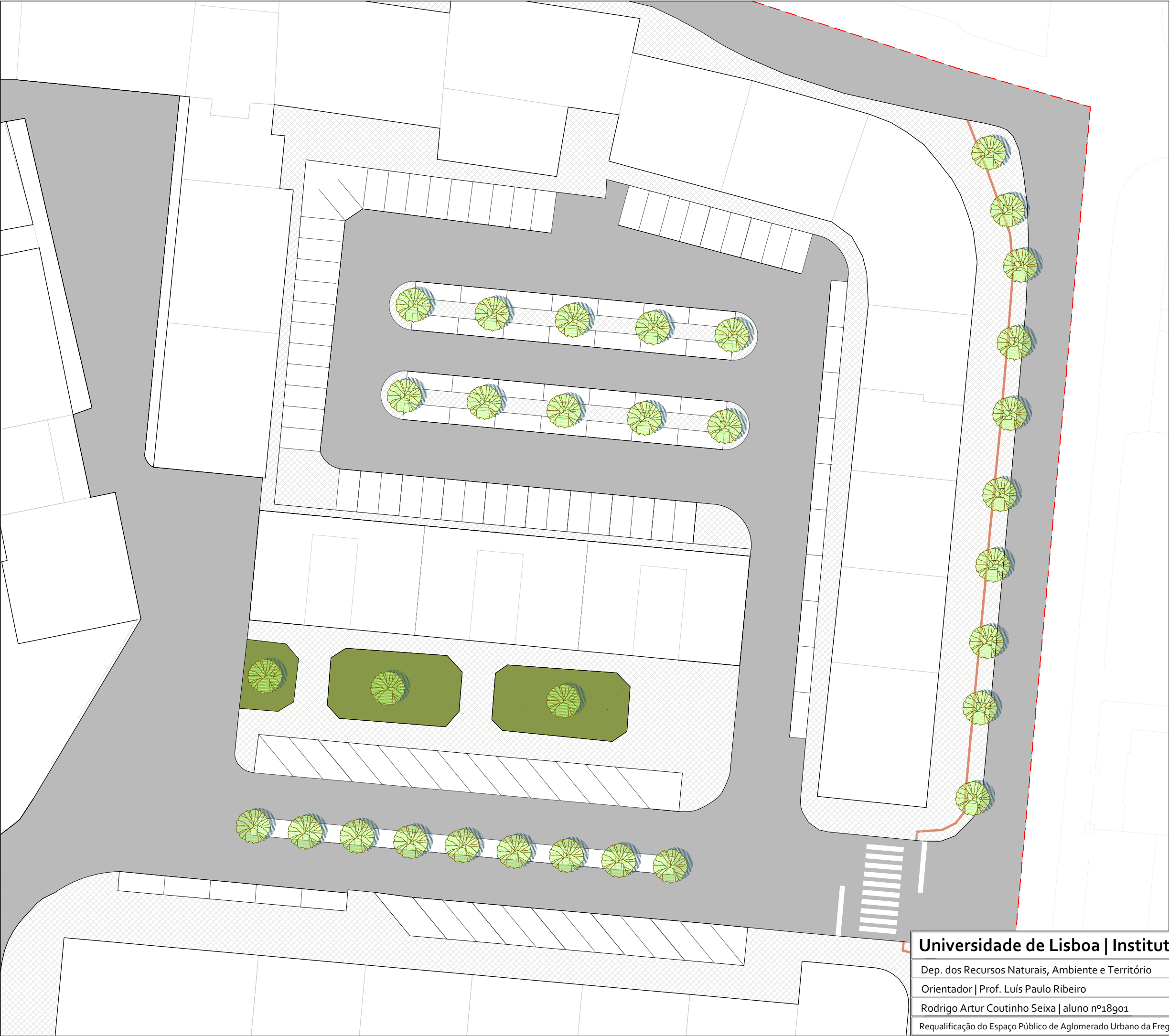
Rodrigo Artur Coutinho Seixas | aluno nº18901

Requalificação do Espaço Público de Aglomerado Urbano da Freguesia de Benfica | Plano Geral



Desenho nº:

10.1



- Legenda:
- Edificado
 - Tapete Betuminoso
 - Calçada
 - Estacionamento
 - Passagem de peões
 - Relvado
 - Caldeiras 1x1m c/ grelha de protecção
 - Árvores
 - Ciclovia

Universidade de Lisboa | Instituto Superior de Agronomia

Dep. dos Recursos Naturais, Ambiente e Território	Escala: 1.1000
Orientador Prof. Luís Paulo Ribeiro	Data: Lisboa, Outubro de 2014
Rodrigo Artur Coutinho Seixas aluno nº18901	
Requalificação do Espaço Público de Aglomerado Urbano da Freguesia de Benfica Plano Geral	



Desenho nº:

10.2



- Legenda:
- Edificado
 - Tapete Betuminoso
 - Calçada
 - Estacionamento
 - Passagem de peões
 - Caldeiras 1x1m c/ grelha de protecção
 - Relvado
 - Árvores
 - Bancos
 - Ciclovia